

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

ISIS LEAL E SILVA

IDENTIDADES DE GÊNERO, CORPORALIDADE E ESPORTIVIZAÇÃO:
uma perspectiva antropológica da prática do pole dance

Niterói

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

ISIS LEAL E SILVA

IDENTIDADES DE GÊNERO, CORPORALIDADE E ESPORTIVIZAÇÃO:
uma perspectiva antropológica da prática do pole dance

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Antropologia do Corpo e do Esporte

Niterói

2016

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

S586 Silva, Isis Leal e.
Identidades de gênero, corporalidade e esportivização : uma perspectiva antropológica da prática do pole dance / Isis Leal e Silva. – 2016.
107 f. : il.
Orientador: Luiz Fernando Rojo.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Antropologia, 2016.
Bibliografia: f. 96-99.

1. Esporte. 2. Dança. 3. Identidade de gênero. 6. Antropologia.
I. Rojo, Luiz Fernando, 1967-. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Fernando Rojo

Orientador – PPGA – UFF

Prof. Dr. Edílson Márcio Almeida da Silva

Examinador interno – PPGA – UFF

Prof^ª. Dra^a. Jaqueline Ferreira

Examinadora Externa – IESC – UFRJ

RESUMO

O presente trabalho traz reflexões sobre uma prática que vem ganhando visibilidade no Brasil nos últimos oito anos: o pole dance. A prática consiste em um combinado de dança e acrobacia realizado em uma barra com fins artísticos, lúdicos ou esportivos. A pesquisa foi realizada com *pole dancers*, em sua maioria mulheres, brasileiras através de contato em estúdio de Niterói (RJ), campeonatos e redes sociais da internet. Dessa forma foi possível construir interpretações acerca do processo de esportivização, da corporalidade e das identidades de gênero relacionadas com a prática. Essas aparecem em interação não apenas com as perspectivas esportiva e artística do pole, mas também de uma conotação sensual e erótica ligada à origem e a um dos possíveis usos desta prática.

Palavras-chave: Esporte, corporalidade, gênero, pole dance.

ABSTRACT

This study brings reflections on a practice that is gaining visibility in Brazil in the last eight years: pole dancing. The practice consists of a combination between dancing and acrobatics performed in a pole with artistic, entertainment or athletic purposes. The research was conducted with mostly Brazilian women pole dancers, through personal contact in a studio in Niterói (RJ), championships and social networking on the internet. It was thus possible to construct interpretations of the *sportivization* process, corporality and gender identities related to the practice. These appear in interaction not only with sportive and artistic perspectives of pole dancing, but also with the sensual and erotic connotations linked to its origin and to one of the possible applications of the practice.

Keywords: Sport, corporality, gender, pole dance

AGRADECIMENTOS

Agradeço

A toda minha família, especialmente àqueles que me apoiaram e acompanharam de perto o processo da construção desta dissertação: meus pais, meus avós e meu irmão.

Ao meu companheiro Rafael que me deu todo o suporte necessário para que eu desse andamento ao mestrado.

Ao meu orientador, Luiz Rojo, que além de atender a todas as expectativas do que se espera de uma orientação, ainda continuou acreditando em mim até quando nem eu mesma mais achava que seria capaz.

A minha médica, Márcia Cristina Ribas, que me tratou e me acompanhou nos piores momentos e possibilitou a minha recuperação a tempo de concluir este trabalho.

A todos os amigos e colegas que me apoiaram nos momentos de dificuldade.

A todos os colegas discentes, docentes e funcionários do PPGA, especialmente aqueles com os quais compartilhei questionamentos e debates nas aulas e nos corredores.

A todos os colegas do NEPESS e do NECGEN, que apesar de ter encontrado menos do que gostaria, contribuíram para compreender melhor a teoria antropológica sobre esporte, corpo e gênero.

Aos colegas de profissão também orientandos do Luiz, que ao longo desses anos de graduação e pós-graduação muito me ensinaram com diversos debates construtivos em nossas reuniões e fora delas, especialmente a Aline Ribeiro que me deu forças, ouviu minhas angústias e compartilhou desesperos ao longo desses dois anos e meio.

Aos professores Gisele Chagas, Edilson Márcio Almeida da Silva e Cesar Sabino que leram com grande atenção meu projeto de mestrado e contribuíram em muito para a escrita desta dissertação.

Aos professores Jaqueline Ferreira, Edilson Márcio Almeida da Silva, Ingrid Fonseca e Martin Curi que participam da banca de defesa.

Às pole dancers, que possibilitaram a realização dessa pesquisa, em especial à dona do estúdio que me recebeu e me acolheu tão gentilmente, além de me ensinar o pole dance.

À CAPES pelo financiamento e investimento em meu trabalho através da concessão de seis meses de bolsa para esta pesquisa e financiamento de uma passagem para congresso.

Sumário

1. Introdução	8
1.1. A construção do campo e as escolhas metodológicas	9
1.2. Algumas considerações sobre público e privado	14
1.3. Articulações entre público e privado no <i>facebook</i>	15
1.4. Sobre os capítulos	20
2. Capítulo 1: Algumas considerações sobre a história e a esportivização do pole dance	21
2.1. Origem do pole dance	21
2.2. O pole dance hoje no Brasil	22
2.3. “Distinções”	31
2.4. Esportivização do pole dance no Brasil	39
3. Capítulo 2: “Consciência corporal”, marcas e agência dos objetos	47
3.1. Dores e marcas	49
3.2. A agência dos objetos em relação à corporalidade da <i>pole dancer</i>	62
3.2.1. A barra	64
3.2.2. Roupas e acessórios	67
4. Capítulo 3: Sensualidade, identidade e empoderamento	72
4.1. O espaço da sensualidade no pole dance	83
4.1.1. Sensualidade como empoderamento	85
5. Considerações finais	94
Referências	96
Anexo 1	100
Anexo 2	104
Anexo 3	106

1. Introdução

Este trabalho pretende tratar de como praticantes de pole dance interpretam a prática, a corporalidade e as relações de gênero envolvidas no pole dance. Organizada em três capítulos, esta dissertação aborda minhas interpretações decorrentes da observação da prática, realizada durante doze meses como aluna em um estúdio de pole dance e aproximadamente vinte e três meses acompanhando discussões no ciberespaço.

O pole dance é uma mistura de dança com acrobacias realizadas junto a uma barra vertical de metal. Conta com movimentos de força, flexibilidade ou giros, e movimentos que misturam dois ou mais elementos. Em apresentações ou campeonatos, o pole dance é apresentado de maneira coreografada em sincronia com uma música.

A prática ganhou visibilidade no Brasil em 2007 após aparecer em uma novela do horário nobre da Rede Globo. A novela trazia a personagem Alzira, interpretada pela atriz Flávia Alessandra, que era casada, mãe de dois filhos e sustentava a casa trabalhando de dia como enfermeira e de noite em uma “casa de massagem”¹. A personagem aparecia dançando pole dance na “casa de massagem”, e inclusive fez algumas cenas de *striptease*. Para isso, Flávia Alessandra teve aulas de pole dance e acabou de alguma forma divulgando a prática.

Hoje, existem no Brasil federações estaduais, uma Confederação e Federação Brasileira de Pole Dance e uma Liga Brasileira Pole Sport. Há diversos campeonatos ou competições de pole dance no Brasil, sendo dois reconhecidos por grande parte das praticantes como de maior importância: Campeonato Brasileiro de Pole Sport², e a Pole World Cup, que acontece dentro da feira Arnold Classic Brasil³, e conta com categorias nacionais e internacionais.

Apesar do caráter esportivo que aparece hoje no Brasil, o pole dance também apresenta vertentes sensuais e artísticas, que aparecem em estúdios e campeonatos.

¹Essas informações aparecem no site da rede globo <http://duascaras.globo.com/Novela/Duascaras/Personagens/0,,PS1719-9178,00.html>, inclusive com essa expressão final. Não assisti à novela e as informações que encontrei na internet parecem confusas e pouco confiáveis quanto ao fato de se Alzira trabalhava ou não como prostituta.

² Até 2014 era conhecido como Miss Pole Dance Brasil ou Campeonato Brasileiro de Pole Dance. Essa mudança será explicada no primeiro capítulo.

³ Arnold Classic Brasil é um evento esportivo que acontece no Rio de Janeiro durante três dias, desde 2013. É a versão brasileira de um evento que acontece em diferentes cidades do mundo há 27 anos, promovido pelo ex-fisiculturista Arnold Schwarzenegger e parceiros. A feira conta com competições esportivas e stands de empresas relacionadas ao mundo fitness. Tive oportunidade de visitar a feira no ano de 2014.

Nessa dissertação então, serão abordadas as diferentes dimensões que encontrei no período em que realizei meu trabalho de campo e tentarei mostrar como elas aparecem e dialogam entre si e com questões de gênero e corporalidade.

1.1. A construção do campo e as escolhas metodológicas

A fim de iniciar meu trabalho de campo, em maio de 2013 procurei pela Confederação e Federação Brasileira de Pole Dance. Essa fica localizada na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, onde também funciona um estúdio de pole dance. A presidente da Confederação é também a diretora desse estúdio, e, segundo informações que constavam – não constam mais – no próprio site da Confederação, formada em Ciências Sociais.

Pensei que a melhor forma de iniciar uma entrada em campo seria através dessa pessoa, uma vez que além de estar à frente do movimento que tentava legitimar o pole dance como esporte, ainda tinha a mesma formação que eu e provavelmente compreenderia minha pesquisa. Tentei um contato com a presidente através de e-mails oficiais da federação, e não fui respondida. Depois de pesquisar bastante, consegui contato com a própria presidente através de uma rede social, na qual expliquei muito brevemente minhas intenções e pedi seu e-mail para que pudesse explicar melhor. Ela me retornou na própria rede social, afirmando que muitas pessoas realizavam pesquisa naquele momento, e que como presidente ela não tinha tempo de conversar com todas, mas mesmo assim me passou seu e-mail. Escrevi então um e-mail explicando detalhadamente minhas intenções, mas nunca obtive resposta.

Desanimada com a falta de resposta, desisti de tentar a inserção através desse estúdio e da confederação, localizados na Barra da Tijuca. Considerei que, estando ainda cursando as disciplinas e morando em Niterói, talvez fosse melhor procurar um estúdio mais perto, de onde eu pudesse começar a fazer os meus contatos.

Após uma tentativa mal sucedida de “entrada” em campo, uma inserção como aluna me pareceu uma boa opção. Procurei um estúdio em Niterói, e encontrei poucas opções. Depois de uma breve análise através da internet, achei que um estúdio localizado no centro de Niterói seria minha melhor opção. O estúdio tinha um blog, e mostrava algumas de suas alunas competindo. Além disso, a professora e dona do estúdio era formada em Filosofia – o que novamente me pareceu um facilitador, pela

proximidade das ciências humanas, e possível compreensão dela sobre a minha pesquisa.

Além disso, a Marina⁴ dona do estúdio e instrutora, era uma referência na prática em Niterói, tendo inclusive sido entrevistada por um jornal local para uma matéria sobre o tema – matéria que eu tinha recolhido há algum tempo como material para pesquisa. Sendo assim, decidi procurá-la, me apresentando como interessada em começar as aulas, e que também faria uma pesquisa sobre o pole dance. Dessa vez obtive uma resposta bastante positiva.

O estúdio da Marina fica localizado em um prédio no centro de Niterói. Quando o conheci, tratava-se de uma sala com o chão totalmente coberto por tatame – excetuando-se um pequeno banheiro – no qual estavam fixadas quatro barras que iam até o teto, onde também eram fixadas. Entre as barras havia uma distância de aproximadamente um metro e meio, sendo dispostas em forma de ziguezague. A sala possuía uma enorme janela, que possibilitava a realização da aula apenas com a luz do dia e permitia a visão de uma parte da Baía da Guanabara, inclusive a estação das barcas de Niterói, o que tornava o ambiente bastante agradável.

As aulas da Marina eram basicamente divididas em três momentos: primeiro um alongamento mais longo, depois o aprendizado e treinamento de movimentos e, por fim, um alongamento mais curto. O alongamento era composto por movimentos que todas as alunas deviam realizar, cada uma dentro das suas possibilidades. Já os movimentos específicos do pole dance eram ensinados ou aprimorados de acordo com o que a aluna já era capaz de realizar e de aprender, segundo avaliação da professora.

O estúdio “cresceu” – como elas mesmas colocam – bastante desde que comecei minha pesquisa. Quando iniciei minha pesquisa, as aulas não eram definidas por nível, havia apenas uma turma aos sábados que era exclusiva para alunas que já estavam bastante avançadas e competiam inclusive. Todas as outras turmas contavam com alunas de diferentes níveis de conhecimento e habilidade no pole dance.

Três das *pole dancers*⁵ que estavam no nível avançado passaram a dar aulas para iniciantes, e uma delas abriu inclusive uma turma exclusiva para homens, o que não havia antes no estúdio. As turmas da Marina passaram a ser divididas em nível básico/intermediário, intermediário, avançado e *sexy pole*. Enquanto os três primeiros

⁴ Os nomes das *pole dancers* com as quais tive contato através do estúdio são fictícios. Alterei-os a fim de dificultar a identificação das pessoas e manter seu anonimato. Já as pessoas que tive acesso a suas falas apenas através da mídia, optei por manter seus verdadeiros nomes.

⁵ *Pole dancer* é uma categoria nativa utilizada para referir-se às praticantes de pole dance.

eram divisões de nível de conhecimento e técnica de acrobacias e giros, a turma de *sexy pole* não tinha divisão de nível, mas seu diferencial estava no fato de ser uma turma destinada a elaborar coreografias sensuais, exigindo o uso de salto alto – que não é permitido nas outras turmas – e menos uso de força do que as outras turmas.

No início fazia aula em uma turma para todos os níveis e, com a mudança, passei a fazer aula em uma turma de intermediário, na qual estive até a metade de 2014, quando encerrei a atividade como aluna. Tentava sempre estar em turmas cheias, com mais duas ou três alunas – como colocado, o máximo permitido eram quatro alunas por turma, pois só havia quatro barras.

Em junho de 2014 precisei deixar de frequentar as aulas do estúdio como aluna por problemas de saúde. Meu processo de recuperação me impediu inclusive que assistisse às aulas, ainda que não mais como aluna. Sendo assim, optei por continuar acompanhando o estúdio, as alunas, campeonatos e outras *pole dancers* através da internet, por meio de redes sociais, *streamings*⁶ e notícias, até outubro de 2015.

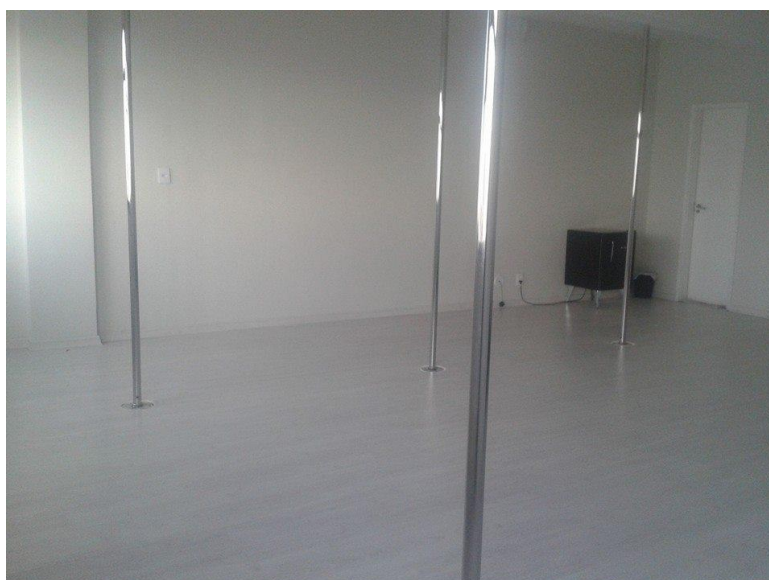
Em maio de 2014 a dona do estúdio alugou duas salas no mesmo andar para fazer uma ampliação do mesmo. Após algumas obras então, o estúdio passou de uma sala pequena – a que conheci – para um espaço de duas salas, onde foi possível colocar oito barras, e ter, portanto, aulas com até oito alunas. O novo espaço começou a ser utilizado em outubro de 2014, quando já não estava mais frequentando o estúdio, tendo acompanhado a mudança pelo *facebook*⁷.

⁶*Streaming* é uma maneira de transmitir dados através da internet, na qual o usuário não armazena esses dados em seu computador. É possível ver vídeos, inclusive ao vivo, sem que o vídeo fique salvo no computador do espectador. Diversos campeonatos de pole dance têm transmissão ao vivo (ou não) por streaming.

⁷*Facebook* é uma rede social da internet.



Foto do estúdio antigo, que conheci. Retirada da página da página oficial do estúdio no *facebook*.



Estúdio novo, mais amplo, com mais barras – a foto não consegue mostrar todas as oito – e mais espaço entre essas. Foto retirada da página oficial do estúdio no *facebook*.

Logo nas primeiras aulas, a professora me adicionou a um grupo secreto do *facebook*⁸, onde estavam as alunas e ex-alunas do estúdio. Recomendou-me ainda, adicionar no *facebook* algumas professoras e praticantes de pole dance. Com o tempo, fui reparando diferentes formas de expressão e de relações através da rede social entre as praticantes, como fotos, comentários, charges, etc. Comecei a ler as discussões do

⁸ No *facebook* é possível abrir grupos de discussões que só são acessados por aqueles que estão neles. Existem os grupos fechados, que são visíveis (apenas as discussões ficam bloqueadas) através da busca da rede e visíveis para amigos daqueles que participam, porém é necessário solicitar entrada (ou ser convidado) e ter uma aprovação de administrador para ingressar no grupo. E existem os grupos secretos, que não são visíveis a nenhum usuário que não seja membro do grupo, e o ingresso nesses é feito apenas através de convite de alguém que já seja membro. O grupo ao qual fui adicionada é um grupo secreto.

grupo ao qual fui adicionada e percebi que elas me permitiriam construir dados acerca das relações de gênero, corporalidade e esporte daquele grupo. Influenciada pela leitura da dissertação de Sara Mendonça (2013), optei por fazer de discussões, presentes em redes e sites da internet, meu campo também.

Gupta e Ferguson (1997) trazem um questionamento sobre essa perspectiva antropológica “clássica”. Eles mostram como o que Malinowski descreve como trabalho de campo, se tornou um arquétipo, ou seja, “o que deve ser feito” pelos antropólogos. Eles tentam compreender como um tipo de trabalho de campo se legitima, e questionam se isso deve ser realmente seguido. Os autores entendem que a observação participante, por exemplo, nem sempre é o melhor método para determinado objeto. Existem muitas maneiras de fazer antropologia, e, portanto, muitas maneiras de fazer trabalho de campo. Nesse sentido, o campo não deve ser necessariamente como o de Malinowski, uma aldeia, um local físico, mas uma construção do antropólogo de acordo com seu problema de pesquisa.

Essa concepção pode ser entendida em diálogo com ideia de Geertz (2008) de que se deve pesquisar “nas aldeias” e não as aldeias:

“O *locus* de estudo não é o objeto de estudo. Os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças...), eles estudam *nas* aldeias. Você pode estudar diferentes coisas em diferentes locais, e algumas coisas – por exemplo, o que a dominação colonial faz às estruturas estabelecidas de expectativa moral – podem ser melhor estudadas em localidades isoladas. Isso não faz do lugar o que você está estudando.” (p. 16)

Sara Mendonça, seguindo essa concepção de campo, separou seu campo como “presencial” e “virtual”, afirmando que nenhum é mais verdadeiro ou real que o outro. Nesse sentido, ela se utilizou de fóruns de discussões para construir dados para sua pesquisa. Entendo que a opção dela em “separar os campos” é para facilitar o entendimento do leitor, porém, penso que, uma perspectiva de campo abrangente, seguindo a ideia de Gupta e Ferguson (1997), seria mais produtiva, uma vez que se coloca o campo como uma construção do pesquisador. Sendo assim, não haveria dois campos, mas apenas um, que abarca diferentes espaços, construído pelo pesquisador.

Dessa forma, construí meu campo através das aulas que participei, dos espaços virtuais, e ainda entrevistas e reportagens veiculadas pela mídia. Através da internet pude perceber a importância que as praticantes de pole davam às reportagens feitas

sobre o assunto. Muitas delas postavam, compartilhavam essas reportagens como “comprovação” da importância e da expansão da prática. Em alguns casos, usavam, por exemplo, a aparição em programas de esporte para legitimar sua perspectiva de pole dance como esporte. Sendo assim, optei também por “coleccionar” essas reportagens e entrevistas a fim de utilizá-las também como campo, uma vez que traz falas das praticantes e elas se utilizam dessas para legitimar sua prática. Utilizei-as principalmente para conhecer um pouco do caminho e da história do pole dance no Brasil, como aparece no primeiro capítulo.

1.2. Algumas considerações sobre público e privado

A fim de buscar compreender a articulação dos discursos acerca do pole dance nos diferentes espaços, faço aqui algumas considerações sobre espaços público e privados. Uma primeira definição de público aparece logo no início de trabalho de Habermas (2005):

“Chamamos de "públicos" certos eventos quando eles, em contraposição as sociedades fechadas, são acessíveis a qualquer um - assim como falamos de locais públicos ou de casas públicas.” (p.14)

Porém, a discussão de Habermas sobre o público vai bastante além, o próprio autor coloca que público assume muitos significados. O autor coloca que a ideia de público e privado vem desde a Grécia antiga, onde o privado estava ligado à ideia da casa, do doméstico, do familiar. Nesse trabalho, pretendo trabalhar com a ideia de público bastante baseada nessa passagem, ou seja, como contraponto do que é privado, ou o que é “acessível a qualquer um”.

Segundo Oliveira (2010)

“Habermas revela a descoberta de aspectos subjetivos dentro do ambiente público ao constatar que as experiências privadas originam toda uma subjetividade em relação ao público, uma vez que o âmbito privado tinha a esfera íntima da pequena família em seu seio.” (p. 784)

Sendo assim, meu interesse está na ideia da relação entre público e privado: como esses dois espaços aparecem como diferentes, porém, partes de uma mesma sociedade. Portanto, pensarei aqui em como pessoas privadas constituem o espaço público, e como o privado aparece e se articula dentro do espaço público.

Sennett (2002) também escreve sobre o público e o privado. O autor mostra como no século XVIII, o público e privado se confundem, na medida em que questões íntimas são levadas a público. Já no século XX, há uma hipervalorização do que é íntimo, e por isso há uma decadência do domínio público, devido a transformações que vem desde os séculos XVIII e XIX. Sennett escreve sobre a sociedade contemporânea: “Manners and ritual interchanges with strangers are looked on as at best formal and dry, at worst as phony.” (p. 3)

Sennett coloca, como as ideias da Psicologia foram apropriadas e as pessoas passaram a acreditar que suas vidas psíquicas são algo gerado independentemente do contexto social. E essa vida social é pensada como algo tão precioso que não deve ser exposto. “Masses of people are concerned with their single life-histories and particular emotions as never before; this concern has proved to be a trap rather than a liberation.” (p. 5)

A personalidade se tornou algo muito importante. As pessoas passaram a acreditar que todo evento em suas vidas deveria ter um significado para si, definindo-os. Passou a ter-se a ideia de que a vida social é formada por sentimentos individuais.

Nesse sentido, tentarei aqui pensar também, como, em alguns casos, há uma tentativa de não expor aquilo que aparenta ser demasiadamente íntimo, e portanto, muito importante e privado para ser exposto. A partir desses dois autores, tentarei fazer uma análise das relações entre essas praticantes de pole dance no *facebook*.

1.3. Articulações entre público e privado no *facebook*

Como colocado, meu primeiro contato com o pole dance foi através da internet: sites, vídeos, blogs e páginas do *facebook*. Porém, meu objetivo era apenas utilizar esse meios para chegar “às pessoas de verdade”. Sendo assim, fiz contato com algumas instrutoras através de email e redes sociais e consegui me matricular como aluna, informando a minha condição de pesquisadora, em um estúdio de pole dance em Niterói.

Porém, havia uma troca constante de alunas nas turmas, pois frequentemente elas precisavam trocar de horário por conta de aulas na faculdade ou horário de trabalho. Além disso, a cada aula que faltava, mas avisava com pelo menos 24 horas de antecedência, a aluna tinha direito a repor a aula. Como essa reposição se dava sempre em um horário diferente daquele que a aluna costumava fazer aula, isso também contribuía para que houvesse um fluxo de alunas e que fosse possível que muitas se conhecessem, mesmo não fazendo parte de uma mesma turma.

O grupo do *facebook* então, era um espaço no qual as *pole dancers* conversavam, trocavam ideias de dicas e mantinham o contato com aquelas que conheciam ou não, e que mantinham ou não contato pessoalmente. O grupo era um espaço no qual se podia fazer perguntas, compartilhar vídeos, fotos – próprias ou não, às vezes aquelas que não se compartilha no próprio perfil do *facebook* – discutir questões do pole dance, informar sobre aulas, campeonatos etc.

"De fato, essa rede não é construída como apropriação de um espaço físico como espaço social, como era predominantemente o caso antes, mas sim como pura produção de um espaço social cuja materialidade é a informação e seus modos de transmissão." (Ramos, 2015, p.59)

Dessa forma, Ramos afirma que há uma continuidade dos espaços sociais uma vez que formam redes, mas há também uma descontinuidade no sentido em que o espaço que forma essa rede não é físico, mas de informações. Assim, não seria apropriado chamar esse espaço de virtual - em oposição ao real - e, por isso, a relação que é formada através de computador é chamada de ciberespaço. O autor mostra ainda que não é eficaz separar espaços *on-line* e *off-line*, uma vez que essas redes estão entrelaçadas também com o fluxo de pessoas e objetos, dificultando a distinção desses espaços.

Certamente, pensando a partir de algumas colocações de Habermas, as páginas e ainda os perfis do *facebook* poderiam ser considerados lugares “públicos”, enquanto os grupos secretos e os estudos estariam em um domínio “privado”. No sentido de Habermas, pensando no público como ao que qualquer pessoa tem acesso, podemos entender que mesmo uma página ou perfil do *facebook* tem seus limites, uma vez que nem todos tem acesso à Internet, ao *facebook*, e a todos os perfis e páginas, uma vez que o próprio dono do perfil pode alterar as configurações para que não seja visto por determinadas pessoas.

“O Facebook busca operar ainda outra continuidade: aquela que vai do privado ao público. Para entender isso, é necessário ter em mente como funciona o Feed de notícias. Como nos mostra Boyd, ele transforma o conjunto de postagens feita pelos membros de uma rede de amigos em uma coluna de notícias visível para cada um dos membros (BOYD, 2008). Todos os membros da rede tem acesso ao conjunto das informações postadas pelo agente e sobre o agente. Existem critérios que definem o que vai se mostrado e a quem. Contudo, estes critérios fazem parte de uma agência maquinica, que nada tem a ver com as escolhas diretas dos usuários. A escolha do usuário é apenas acerca do que vai ser mostrado e do que vai ficar oculto, e não sobre o que vai ficar visível para quem.” (ibid, p. 72)

Nesse sentido, o autor coloca que o privado no *facebook* surge a partir do que a pessoa opta por tornar oculto, do contrário, as informações serão públicas – ao menos para a rede de amigos do usuário. Assim, penso aqui em uma ideia de “público”, como coloquei acima, em contraponto com esse espaço “privado” dos grupos secretos ou fechados, por exemplo, onde há um compartilhamento do que seria mais íntimo.

Dentre os perfis do *facebook*, existem aqueles que são perfis pessoais, com nome e sobrenome da pessoa e no qual ela faz postagens diversas, como fotos de viagem, família e também coisas relacionadas ao pole dance; existem aqueles que são também pessoais, porém, o nome é o nome da pessoa e do seu estúdio e geralmente são utilizados para fazer postagens relacionadas ao pole dance; existem ainda os perfis de estúdios ou campeonatos – esses podem também ser páginas -, que geralmente servem como meio de divulgação.

Dentre os perfis pessoais, que levam nomes, há também uma variação: algumas não tem nada sobre pole dance em seus *facebook*s, algumas postam pouco sobre pole dance, de maneira esporádica, enquanto outras praticamente só postam fotos e notícias relacionadas ao pole dance.

Em dezembro de 2013, fui a uma festa de fim de ano do estúdio no qual realizei trabalho de campo, e pude presenciar o seguinte diálogo, após alguém comentar que colocaria as fotos tiradas ali em seu *facebook*:

“Lívia: Eu não tenho nada de pole dance no meu facebook.

Antônia: Ah, o meu você entra e vê logo, não precisa nem ser meu amigo, minha foto de capa é eu fazendo pole.

Yasmin: As minhas fotos só as mulheres do meu facebook podem ver. Meu namorado tem muito ciúme, daí eu só libero pras mulheres verem.” (Diário de campo 14/12/2013)

Esse diálogo mostra como varia o que cada uma escolhe “expor” no seu *facebook*. Essa exposição não necessariamente está relacionada com o comprometimento ou com o tempo que o pole dance ocupa na vida dessas pessoas. Muitas vezes, mulheres que estão iniciando no pole dance postam fotos de seus primeiros movimentos, enquanto a que afirma que só libera suas fotos para mulheres, já pratica o pole dance há mais de um ano, já participou de campeonatos e dedica horas de seu tempo aos treinos.

Além do que é postado em seus próprios perfis, existe também, pelo o que observei, o que só pode ser postado no grupo. Embora nenhuma delas tenha explicitado que ali postam o que não postariam em seus perfis, observei que, muitas vezes, é o que acontece. No grupo são postadas, entre outras coisas, fotos e vídeos “engraçados”, “feios”, como momentos de queda, e demonstração de dor, entre outros.

Certa vez, uma das meninas postou uma foto dela fazendo um movimento no pole com uma expressão de dor. Ela comentou que postava a foto para descontrair e que precisava aprender a disfarçar sua dor, ambos os comentários vinham acompanhados de risadas. Muitos dos comentários sobre a foto eram apenas risadas. Havia ainda comentários sobre como essa foto era provavelmente anterior a foto postada por ela no *Instagram*⁹, a qual também tive acesso. Nessa segunda foto, ela aparecia realizando o mesmo movimento, na mesma posição, mas de olhos fechados, com uma expressão bastante serena.

Seu *Instagram* pode ser acessado por qualquer pessoa e suas fotos são liberadas para que qualquer um que acesse veja. Já no grupo secreto do *facebook*, apenas as pessoas que estão naquele grupo podem ver as fotos. Isso me leva a pensar sobre o que essas mulheres pensam que pode ser “exposto” e o que não pode, e para quem pode ser “exposto”. Tendo o público como o que é “acessível a qualquer um”, pode-se pensar sobre o que então essas mulheres consideram que deve estar no domínio público e o que deve estar no domínio privado.

⁹ *Instagram* é uma rede social na qual é possível postar fotos e vídeos. É opcional escrever uma legenda junto a foto ou vídeo e comentar postagens de outros usuários, porém não é possível postar textos sem fotos ou vídeos.

Nas redes sociais, pelo que tenho observado, esse limite além de tênue, é bastante fluido, uma vez que as redes permitem tornar o público privado e vice e versa com algumas opções de configuração. Ainda que se tenha muitos amigos, é possível postar algo e permitir que apenas algumas pessoas vejam, e ainda é possível alterar essas opções de maneira bastante simples. Sendo assim, não há como afirmar que algo é público ou privado apenas por aparecer em uma rede social. Além disso, como coloquei, existem diversos espaços nas redes sociais, que permitem diferentes usos e também diferentes possibilidades de compartilhamento.

“Nesse caso, aquilo que os agentes podem conjecturar e conhecer está restrito às ações e informações disponibilizadas on-line, naqueles segmentos de rede específicos. Isso significa que, nos moldes da experiência urbana, alguns espaços sociais na Internet são segmentados, o que torna possível passar de um espaço social a outro sem, necessariamente, expor informações de um segmento em outro.” (Ramos, 2015, p. 67)

Ramos coloca que há uma segmentação de espaços sociais na internet que permite inclusive divergências identitárias. A pessoa pode administrar as informações que quer disponibilizar para cada grupo, em cada espaço social. Dessa forma, me parece que as *pole dancers* administram o que querem mostrar ou ocultar nos diferentes espaços sociais, inclusive havendo uma segmentação dentro do próprio *facebook*, através de perfis, páginas e grupos – e suas diferentes configurações e possibilidades de permissão de acesso.

É importante pensar ainda, que como Ramos coloca, o *facebook* usa referências identitárias construídas e articuladas fora da rede, além de tentar “se aproximar o mais possível da rede de relações que os indivíduos entretém *off-line*.” (p.60) Porém, ainda que haja essa proximidade, é preciso entender que como o próprio autor coloca, as articulações identitárias não são exclusivas das internet, e portanto, ainda que haja uma aproximação das identidades *on* e *off-line*, essas podem também ser articuladas de acordo com as demandas da pessoa na rede ou fora dela.

Nesse sentido, o *facebook* apareceu como espaço bastante relevante nesta pesquisa, uma vez que me permitiu observar os discursos, mas também articulações de referências identitárias.

1.4. Sobre os capítulos

Esta dissertação foi estruturada em três capítulos a fim de organizar minha construção de dados e leituras. O primeiro capítulo traz um pouco da história do pole dance no Brasil, o segundo algumas considerações sobre corporalidade e o terceiro um pouco das relações de gênero encontradas nesse espaço.

Procurei no primeiro capítulo, buscar fontes que explicassem um pouco do caminho que essa prática tomou no Brasil desde que surgiu por aqui. Tento então trazer um breve panorama do caminho percorrido de 2007, ano de provável “surgimento” da prática no país, até 2015, de acordo com o que pude observar. Trouxe ainda algumas reflexões sobre as articulações das concepções que existem sobre o pole dance, como sensual e esportivo. Busquei um entendimento sobre como as praticantes lidam e utilizam essas concepções de acordo com espaços, desejos e demandas. Em diálogo com essa questão, trouxe ainda um pouco do que poderia ser chamado de processo de esportivização do pole dance.

No segundo capítulo, parti das concepções de Maus (2003) de técnicas corporais e Wacquant (2002) de compreensão do corpo e habitus para trazer algumas interpretações acerca da corporalidade das *pole dancers*. Dessa forma, dediquei uma boa parte deste capítulo às dores e marcas corporais, que observei terem um espaço nas discussões das praticantes. Procurei discutir o significado dessas marcas entre essas mulheres. A partir de Latour (2008) e Gell (1998) procurei ainda fazer uma breve discussão sobre a agência de objetos, como a barra e as roupas, no espaço da prática do pole dance. Sendo assim, mais uma vez dialoguei com a questão das concepções de sensualidade e esporte e as articulações dessas através da corporalidade e agência dos objetos.

No terceiro e último capítulo procurei trazer a partir de autores como Butler (2008) a relação das identidades de gênero presentes no espaço do pole. Para isso, trouxe um breve panorama, a partir dos campeonatos já realizados, de como passou de uma prática de mulheres, para uma prática de mulheres e homens e o que isso significou para seus praticantes. A partir daí, tentei refletir sobre qual o espaço da sensualidade no pole, e como se articula noções de sensualidade e sexualidade a partir daí. Por fim, trouxe uma pequena discussão acerca das identidades de gênero formadas nesse espaço.

2. Capítulo 1: Algumas considerações sobre a história e a esportivização do pole dance

2.1. Origem do pole dance

As informações sobre as origens do pole dance são um pouco confusas. Não encontrei, durante minha pesquisa, relatos históricos, ou alguém que conhecesse alguma pesquisa ou livro histórico sobre a origem do pole dance. Minhas fontes então, para entender um pouco esse começo, foram sites de estúdios, campeonatos e relatos de *pole dancers*, inclusive em entrevistas para mídia.¹⁰ A principal controvérsia em relação à origem da prática, para as próprias *pole dancers* e para a mídia, está em relação ao ponto de partida: se originou de movimentos indianos, do circo ou de casas noturnas?

Minha intenção aqui, com um breve relato sobre a história do pole dance, é tentar compreender como essa origem relatada pelas próprias *pole dancers*, pode estar associada às ideias que existem hoje em torno desta atividade, como prática sensual, erótica, artística e esportiva.

A versão “mais completa” que encontrei é a de que o pole dance teria se originado do *Mallakhamb*, uma prática indiana com um mastro e cordas, na qual a pessoa realiza movimentos acrobáticos. Algumas versões afirmam ainda, que houve também influencia do *Mallastambha*, que seria uma antiga técnica usada por lutadores de *wrestling*¹¹ para ganhar força, e que não é mais praticada.

Essas duas práticas inspiraram dançarinas norte-americanas. Durante a década de 1920, existiria as Tour Fair Shows, espécie de circos que viajavam às cidades levando espetáculos. Havia então a tenda principal e pequenas tendas que apresentavam shows concomitantemente. Uma dessas tendas apresentava shows eróticos. O show era realizado por algumas dançarinas, que, devido ao pequeno tamanho do palco, começaram a utilizar também os postes, que seguravam as tendas, para dançar.

¹⁰ Sites consultados: <http://blog.poledancejoinville.com.br/p/historia-do-pole-dance.html>; <http://www.poledancebrasil.com.br/pole-dance-a-historia/>; <http://divaspoledancestudio.com.br/Hist%C3%B3ria.html>; e <http://www.cbpoledance.com.br/#!historia/c1u7o>. Não me preocupei em verificar datas ou períodos históricos, apenas reproduzi o que colocado pelas próprias *pole dancers*.

¹¹ Arte marcial, que engloba uma variedade de estilos. Normalmente caracterizada por um combate com golpes e agarramentos.

Com a influência do estilo Burlesco¹², nas décadas de 1940 e 1950, a dança no poste foi levada para bares e clubes, e posteriormente, o poste passou a ser acessório de casas noturnas para homens, nas quais as *strippers* se apoiavam para realizar movimentos sensuais.

Somente nos anos 80, as *strippers* canadenses começaram a incorporar movimentos acrobáticos em suas apresentações, o que se espalhou, a princípio no Canadá e nos Estados Unidos. Posteriormente, a modalidade se espalhou pelo resto do mundo, incorporando movimentos de atividades esportivas e circenses.

Minha preocupação aqui, não é descobrir qual seria a verdadeira origem do pole dance, mas entender, que, até então, há um consenso de que em algum momento da história o pole dance foi – e não estou dizendo que não seja mais – ligado ao erótico, sensual e sexual. Apesar disso, a prática passou por uma expansão e abarcou outros sentidos.

2.2. O pole dance hoje no Brasil

No Brasil, a modalidade ganhou força em 2007 após aparecer em uma novela de horário nobre da Rede Globo. A responsável pelo início do pole dance no país parece ter sido Alexandra Valença, que conheceu o pole quando era professora de dança de salão, tendo feito diversos tipos de dança desde criança.

“Olha, o pole dance começou em Ribeirão Preto aqui no Brasil, porque quando eu descobri o pole foi uma casa do Guarujá, passando férias no Guarujá, eu tinha uma escola de dança de salão. [...] conheci uma tcheca no Guarujá, foi onde eu descobri. [...]ela era uma *stripper* e até então pra mim pole era justamente aquilo que via nos filmes americanos, toda aquela... eu também tinha a meeesma visão, e ai ela começou a falar, embora ela fosse *stripper*, ela começou a falar a imensidão que era o pole dance, o que era, começo a falar na Europa, dos campeonatos que já existiam, que já existia campeonato mundial, e ai eu me interessei que danado que era aquilo e ai eu fiz um mês de aula [...] quando eu conheci o pole eu comecei a desenvolver, porque

¹² Estilo que trazia performances baseadas em teatro e danças, que apresentava sátiras e comédias através do exagero. Aparece constantemente relacionado com o *striptease*.

aquilo foi muito básico pra mim o que eu cheguei a aprender com ela, porém fundamental. [...] em Ribeirão Preto eu dava aula (de dança de salão) até onze horas da noite, em Ribeirão o povo não fica até muito tarde na rua, eu ensaiava no poste na frente da minha casa. [...] agora já vai pra sete anos (que comecei a fazer pole dance) [...] eu tenho o curso de artes sensuais, é o *striptease*, *lapdance* e *chairdance*. [...] O próprio pole ele tem essa divisão: ele pode ser só dançado, a parte mais técnica mesmo, artística, musical ou voltado para o lado sensual. Isso eu distingo bem nas aulas, aí a mulherada vê o que quer, o que acha melhor.” (Entrevista dada ao Jô Soares 13/07/2010)

Alexandra foi professora de pole dance da atriz Flávia Alessandra que interpretava a personagem Alzira (ver mais sobre o assunto na introdução). Após a exibição da novela, o pole dance ganhou visibilidade no Brasil. Na mesma época, a educadora física Grazy Brugner também conheceu o pole dance.

“Entrevistador: Você é precursora do pole dance no Brasil, posso assim dizer?

Grazy: Sim, de certa forma sim.

Entrevistador: Como foi isso tudo, como começou isso na sua vida?

Grazy: A maioria das pessoas sabe que o pole começou no Brasil com a personagem de uma novela que se chamava Alzira, com a atriz Flávia Alessandra e um pouquinho antes disso eu tinha descoberto o pole dance no *youtube*. Eu sou educadora física eu administrava uma academia de musculação e ginástica. E procurando no *youtube* novas tendências de atividade física eu me deparei com o pole, mas eu não estava procurando pole dance.” (trecho entrevista de Grazy Brugner para o programa Toda Tarde em 2012)

A primeira escola especializada foi criada em 2008, pela própria Grazy, que também organizou o primeiro campeonato brasileiro no mesmo ano, e vem desde então organizando campeonatos todos os anos. A partir de 2009 foram criadas federações e a confederação de pole dance que tentam legitimar essa prática como esporte.

Liza Barros (2012) aponta como a novela “O Clone”, exibida em horário nobre pela Rede Globo, teve influência e repercussão na comunidade islâmica no Rio de Janeiro. A trama trouxe visibilidade ao islamismo e despertou um interesse sobre o “exótico”, mostrando elementos negativos e positivos da “cultura islâmica”. É importante colocar que Barros teve a oportunidade de conversar com pessoas, inclusive mulheres convertidas ao islã, sobre a repercussão e despertar de interesse sobre a religião relacionada à novela.

No meu caso, não conversei com nenhuma *pole dancer* que tenha relatado alguma relação da prática ou de seu interesse pela mesma com a novela “Duas Caras”, que trazia a personagem que dançava pole dance. Porém, é bastante comum encontrar em espaços “públicos”, como sites e entrevistas na mídia, nos quais as *pole dancers* relacionam o início da prática no Brasil com a novela.

Acredito que de alguma forma, a aparição do pole dance nesta novela trouxe uma visibilidade para a prática assim como “O Clone” trouxe para o islã. “Duas Caras” foi exibida em horário nobre pela Rede Globo entre outubro de 2007 e maio de 2008. Talvez pela distância de tempo, hoje não haja tanta referência à novela entre as praticantes de pole dance mais novas. Mas, como podemos observar no discurso de Grazy, e considerando as datas de exibição da novela e dos primeiros campeonatos, é possível pensar em uma relação entre a exibição da prática na novela e o interesse do público pela prática.

Além disso, pelo que percebi, o pole dance no Brasil tem grande relação com o pole dance argentino. Segundo o site do Campeonato Brasileiro de Pole Dance, a primeira escola de pole dance da América Latina foi inaugurada na Argentina em meados dos anos 2000. A própria Grazy Brugner se especializou na Argentina antes de inaugurar seu primeiro estúdio, que seria o primeiro especializado em pole dance no Brasil.¹³

“Nós aqui (no Brasil) já estamos há praticamente um ano realizando o pole e na Argentina já existe há mais tempo porque lá teve um show de calouros onde teve competição de pole dance e assim ficou mais público pra população então tem um conceito maior que aqui no

¹³ Fonte <http://home.studiograzybrugner.com.br/>

Brasil.” (Grazzy Brugner, em entrevista no programa Domingão do Faustão em 2009)

Não é incomum ver *pole dancers* que fizeram algum tipo de curso, especialização ou certificação na Argentina, em especial aquelas que já estão há alguns anos na prática. A Marina, proprietária do estúdio no qual fiz aula começou a praticar o pole há cinco anos, e também passou por um curso na Argentina no início de seu percurso.

Dessa forma, acredito que tenha se formado um campo, conforme conceito desenvolvido por Bourdieu (1983b). O autor entende campo como espaços sociais, os quais tem uma dinâmica própria, normas e também disputas.

“Para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de habitus que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas, etc.” (Bourdieu, 1983b, p. 89)¹⁴

“Esquece-se que a luta pressupõe um acordo entre os antagonistas sobre o que merece ser disputado, fato escondido por detrás da aparência do óbvio, deixada em estado de doxa, ou seja, tudo aquilo que constitui o próprio campo, o jogo, os objetos de disputas, todos os pressupostos que são tacitamente aceitos, mesmo sem que se saiba, pelo simples fato de jogar, de entrar no jogo.” (ibid, p. 91)

Como colocado, o estúdio no qual fiz aula cresceu durante o tempo em que estive realizando a pesquisa, algumas das alunas mais experientes passaram a dar aula, o estúdio mudou para uma sala maior e o número de alunas também cresceu. Além disso, algumas alunas abriram seus próprios estúdios, apesar de não deixarem de treinar com a Marina no estúdio em Niterói.

Quando procurei um estúdio para iniciar minha pesquisa, encontrei alguns no Rio de Janeiro e apenas dois em Niterói, onde acabei realizando a observação. Com o tempo, fui percebendo que muitas das alunas não eram moradoras da cidade, vinham de municípios vizinhos ou até mais distantes como Itaboraí, Araruama e Duque de Caxias. Houve um movimento de expansão do ensino do pole dance a partir do estúdio da Marina.

Até o fim da pesquisa pelo menos três alunas de Marina tinham aberto seus próprios estúdios e começado a ensinar o pole dance em outros lugares, um em

¹⁴ Ver mais sobre *habitus pole dancer* no capítulo 2.

Copacabana, um na Ilha do Governador e um em Duque de Caxias. Nos sites dos estúdios é possível encontrar as seguintes frases de propaganda: “O primeiro estúdio de pole dance fitness da zona sul carioca” “Agora as aulas de pole dance chegaram à Ilha” “Aulas de pole dance em Duque de Caxias”, respectivamente. Nas duas primeiras, principalmente, fica claro que as aulas de pole dance estão sendo anunciadas como novidade no local. O que me leva a pensar como um estúdio em Niterói possibilitou a aprendizado da prática e que essa fosse disseminada em outros locais, através das alunas que viraram professoras.

Passei a observar através das redes sociais que isso é relativamente comum no pole dance. Através de comentários, *posts* e fotos antigas, pude observar que muitas donas de estúdios atuais são ex-alunas de outros estúdios. Apesar de aparentemente haver um mercado em torno do pole dance, as donas de estúdio ainda são *pole dancers* que se tornam professoras, havendo algumas vezes inclusive uma expansão espacial do pole dance por bairros e cidades.

Observei que apesar de haver um crescimento da prática e de certa forma uma união para que a prática seja difundida, há uma série de disputas nesse espaço. Como é uma prática relativamente nova se pensada nos moldes atuais, não há ainda uma consolidação de regras ou métodos de ensino oficiais. Parece-me então que diferentes estúdios e professoras criam seus métodos, campeonatos e regras, e de certa forma tentam divulgar suas criações como mais legítimas que outras.

Uma escola¹⁵ que aparece nessa disputa está localizada no Rio de Janeiro. Sua proprietária e diretora é também fundadora da Federação Brasileira de Pole Dance (FBPOLE) e criadora de um campeonato nacional que atualmente acontece dentro de uma feira esportiva.

"A Federação Brasileira de Pole Dance é bastante respeitada internacionalmente por todo o trabalho que sua presidente, Vanessa Costa, desenvolve na criação do ‘código de regras e arbitragem, bem como, pela compilação e graduação dos ‘movimentos de pole’. Além disso, Vanessa é reconhecida na comunidade nacional pelos esforços que faz, junto ao Governo brasileiro, para tornar o pole reconhecido como atividade esportiva. Com esta finalidade, Vanessa é pioneira

¹⁵No site não aparece como estúdio, mas como escola de pole dance, diferente de outros lugares que ensinam a prática.

mundial na elaboração do Livro de Regras do Pole, que inclui um ‘código de obrigatoriedade de movimentos e seus níveis de dificuldade’, além de um Livro de Arbitragem com fundamentos básicos da estrutura do esporte.

Atualmente, a FBPOLE tem contato permanente com todos os grandes estúdios de pole dance do mundo e com todas as federações estrangeiras, legalmente registradas, realizando campeonatos mundiais e importantes eventos nacionais de pole dance, desde 2009, além de ter participado em todas as edições da Arnold Classic Brasil nesse ano de 2015 a FBPOLE vai levar aos palcos da Arnold Classic Brasil a segunda edição da Copa Panamericana de Pole Dance. Todos os grandes atletas do eixo Pan-Americano estarão presente. Vamos descobrir quem será o grande campeão das Américas. " (Retirado do site <http://www.arnoldclassicbrasil.com.br/pt/c/pole-dance/>)

A escola também oferece método próprio, com separação de níveis e cursos de formação de professoras.

Um outro estúdio, que possui diversas filiais no Rio de Janeiro, também criou um método de ensino. O método, criado pela proprietária do estúdio, tem nome e é disponibilizado para ser implantado em outros estúdios. Foi criado então um campeonato só para *pole dancers* que utilizam o método.

Porém, esse estúdio apoia também um outro campeonato nacional, que ocorre desde 2008, criado pela Grazy Brugner, já citada. O campeonato foi se transformando desde sua criação. Antes chamado de Campeonato Brasileiro de Pole Dance ou Miss Pole Dance Brasil, agora se chama Campeonato Brasileiro de Pole Sport.

“Em 2015, o campeonato nacional inicia uma nova fase trazendo para o Brasil a terminologia “Pole Sports”, o campeonato utilizará pela primeira vez as regras e regulamentos da IPSF – Federação Internacional de Pole Sports, já adotados com êxito em 20 países.

A IPSF – Federação Internacional de Pole Sports irá reconhecer como “Campeões Brasileiros” apenas os vencedores do Campeonato Brasileiro organizado pela Liga Brasileira de Pole Sports – LBPS. E,

os vencedores estarão qualificados para representar o Brasil no Campeonato Mundial de Pole Sports que ocorre anualmente em Londres (Reino Unido).” (texto retirado do site da Liga Brasileira de Pole Sport)

Esse ano o campeonato foi organizado pela Liga Brasileira de Pole Sport, criada em 2014. A liga foi criada a fim de consolidar o pole dance como esporte no Brasil e trazer mais legitimidade à prática como esporte.

Uma das maiores críticas feitas ao Campeonato Brasileiro de Pole Dance durante os anos de minha pesquisa era o fato das juradas do campeonato muitas vezes serem professoras de algumas das competidoras. Isso gerava um desconforto e uma suspeita de um possível favorecimento. Esse ano foi anunciado que o júri passaria a ser formado por pessoas treinadas e aprovadas pela IPSF, que também exige que um jurado não possa julgar seu próprio atleta. Os organizadores acreditam que isso trará mais transparência ao campeonato.

“Melissa falou que o regulamento falava que não podia ter muito brilho, e que a roupa de uma das competidoras “era brilho da cabeça aos pés.” Ela continuou: “eu não sigo o regulamento pra fazer minha apresentação, se quer ter regulamento, tem que seguir, ou não faz regulamento. Eles fazem e chega na hora: ‘tava’ no regulamento que tinha q ficar pelo menos 30 segundos na giratória¹⁶ e a que ganhou só ficou 10.” A Andreia completou: “Quer ser esporte olímpico? Na olimpíada a ginasta faz lá a apresentação dela, espera uns minutos e sai a nota dela lá pra todo mundo ver, e ela pode pedir revisão na hora, não sai meses depois.” Segundo elas, as notas do campeonato elas recebem muito tempo depois. Uma das meninas ainda levantou a questão de haver um favorecimento de algumas, e elas falaram que possivelmente havia, uma delas comentou: “Pra você ganhar esses campeonatos, você tem que chegar lá e arrasar, ser muito melhor que todo mundo, pra não haver dúvidas, e não poder haver o

¹⁶A barra giratória, diferentemente da barra fixa, gira, e por isso as praticantes consideram a prática na barra giratória mais difícil. No campeonato brasileiro de pole dance é obrigatório o uso das duas barras, uma fixa e outra giratória.

favorecimento.” (Trecho do meu diário de campo de 10/08/2013, durante a festa de comemoração de um ano do estúdio)

“Não consegui chegar ao pódio, pois para consegui-lo você precisa ter ou influência ou competência e, qual dos dois critérios será usado para o julgamento depende de quem está do outro lado te julgando, mas o importante de tudo isso foi a grande experiência de estar ao lado do pessoas realmente especiais como é meu marido que sempre está do meu lado me apoiando . Isso sim fez o meu esforço, a minha dedicação valer a pena. Obrigada a todos.” (*Pole dancer* sobre o campeonato brasileiro de 2014)

“Não tenho palavras para descrever o que aconteceu nesse campeonato. Chocada, passada, decepcionada, indignada, revoltada, triste e muito feliz por ter uma equipe tão linda, boa e unida! Mas infelizmente a inveja falou mais alto! A Falta de caráter e ética dos jurados foi impressionante e chocante! Agiram de má fé! E apenas pensando em favorecer as atletas delas e prejudicar as adversárias! Foi realmente chocante e óbvio que minhas atletas foram prejudicadas e desclassificadas do pódio aonde mereceram no mínimo um 3º lugar! [...] Nunca mais levo atletas de ponta como levei para serem mau tratados desta forma! Uma vergonha nacional esse pole dance! Não tenho palavras para descrever minha decepção! Quem puder compartilhar por favor compartilhe isso! Juradas de má fê, sem ética e profissionalismo nenhum! Exijo notas de todos os atletas do campeonato abertas! Justifiquem esta patifaria!

Bom aqui vai a minha INDIGNAÇÃO! Jurados julgando seus próprios atletas que lógico, receberam ótimas colocações, uma falta de ética, acham que são quem???? Acham que vamos nos submeter até quando????” (Professora e dona de estúdio sobre o Campeonato de 2014.)

“Parabéns a todos os atletas que participaram do campeonato, pois é muito difícil o trabalho árduo de treinos até chegar a uma coreografia

completa e detalhada. Parabéns especial a todos os atletas que não tinham ninguém no júri e conseguiram colocação no pódio (15 colocações) vocês provaram que são "porreta" mesmo. E os que conseguiram colocação e tinha alguém do júri de vínculo da escola (6 colocações) não se entristeçam pois foi a somatória total de acordo com código que os levaram ao pódio e não o vínculo. Continuem todos com a caminhada fazendo o que gostam! Todos vocês brilharam independente de colocação ou não.” (Professora e dona de estúdio que apóia a organização do campeonato sobre o Campeonato de 2014.)

O incômodo com um possível favorecimento de algumas praticantes é colocado por diversas *pole dancers*. Minha interpretação é que o favorecimento diminui a competição, ou, ao menos, diminui o interesse da participação uma vez que a perspectiva de vitória é quase inexistente.

“Uma das meninas ainda comentou que pole dance não deveria ter competição, que deveria ser só apresentações. E, uma outra retrucou: “mas competição é isso, você dá o seu melhor (apontando para uma das meninas que havia comentado que os movimentos mais difíceis ela treinava controladamente, mas que na competição faria o melhor que conseguisse), quando é só uma apresentação nem sempre.” (Diário de Campo, 10/08/2013)

A competição aparece de maneira positivada em alguns discursos, não necessariamente estando de acordo com a vontade de legitimação do pole dance como esporte. Apenas a competição permite o ganhar ou perder. Como coloca Huizinga (1971), o ganhar está relacionado à demonstração de uma aparência de superioridade do vencedor, que traz ganhos tanto para o ganhador quanto para o grupo ao qual esse está ligado. Segundo o autor, o principal objetivo do jogo ou da competição é a vitória.

“Ganha estima, conquista honrarias: e estas honrarias e estima imediatamente concorrem para o benefício do grupo ao qual o vencedor pertence. [...] Os frutos da vitória podem ser a honra, a estima, o prestígio. Via de regra, contudo, está ligada à vitória alguma coisa mais do que a honra: uma coisa que está em jogo, um prêmio, o

qual pode ter um valor simbólico ou material, ou então puramente abstrato.” (p. 40)

Sendo assim, pode-se pensar que o favorecimento e a consequente impossibilidade de vitória, faz com que algumas atletas critiquem ou até optem por não participar de determinada competição. Isso porque há a impossibilidade de ganhos simbólicos, tanto para a competidora quanto para seu grupo. A vitória daqueles que são favorecidos apenas reforça uma suposta superioridade de determinado grupo, o que não é desejado pelos outros grupos.

Além dos ganhos simbólicos, há também o ganho financeiro. É preciso pensar, que com a crescente criação de estúdios e *workshops*¹⁷ o pole dance é também um mercado. Pelo que observei, muitos campeonatos nacionais e internacionais não contam com premiações financeiras significativas comparadas aos gastos referentes a viagens e preparo para participar do campeonato.

Em determinada aula, a Marina me relatou que havia uma proposta de uma treinadora para treiná-la para um campeonato internacional. Perguntei então se seria compensatório. Ela me respondeu que sim, pois quem ganha um campeonato internacional, ganha visibilidade e prestígio. Sendo assim, é possível ter mais alunas, ministrar mais *workshops*, inclusive fora do país, o que é bem remunerado financeiramente.

Sendo assim, observa-se que há diversas disputas no campo do pole dance. Considerando que é um campo reativamente novo, essas disputas giram em torno da legitimidade do pole dance enquanto prática, mas também da legitimidade de diferentes métodos, regras e competições que cada grupo reivindica. Dessa forma, há uma busca por diversos ganhos, sejam simbólicos ou financeiros.

2.3. “Distinções”

Quando decidi trabalhar com o pole dance em minha pesquisa, após um breve contato com a prática através da internet e de matérias jornalísticas, optei por focar em uma questão principal: como uma prática se legitima como esporte, não só diante de comitês e federações que regulamentam os esportes, mas também diante da sociedade?

¹⁷Os *workshops* de pole dance são geralmente realizados em um único dia, durante algumas horas. São normalmente bem mais caros que aulas “normais”, pois são ministrados por *pole dancers* “famosos” e premiados – na maioria das vezes estrangeiros.

Essa me parecia uma questão importantíssima em um primeiro contato, porém, com o convívio com algumas praticantes, percebi que, ao menos para essas, a legitimação do pole dance como esporte não aparecia como questão ou reivindicação central.

As concepções esportiva e *fitness* muitas vezes aparecem como sinônimos. Ambas estão ligadas a ideia de uma prática corporal que desenvolva o corpo, trabalhe músculos, favoreça a manutenção da saúde entre outras coisas. Aparecem também bastante relacionadas a demonstrações de força, flexibilidade e equilíbrio. Já a concepção sensual – ou sexy – exige um maior domínio de elementos de dança e coreografia. Conta com rebolados e bastantes movimentos realizados no chão – enquanto no esportivo a maioria dos movimentos são realizados junto à barra. Essa perspectiva também conta com movimentos de força, mas em menor número. As roupas também variam, em especial o salto alto, que é muitas vezes proibido num campeonato esportivo, enquanto é obrigatório em um campeonato sensual.

Já a perspectiva artística, pelo que tenho observado, aparece combinada com outras perspectivas. Não há uma forte demarcação de roupas ou movimentos, assim como, no Brasil não há um campeonato específico que enfatize essa perspectiva. Porém, é comum aparecer no discurso das praticantes que o pole dance é uma arte.

Em uma perspectiva mais ampla, o pole dance pode ser claramente separado entre pole dance esportivo – ou *fitness* – e pole dance sensual¹⁸. Porém, essa separação é bastante fluida na prática e constantemente colocada em questão pelas praticantes, principalmente em relação ao que “pode ou não pode” nos campeonatos.

Bourdieu (1983b) coloca que o discurso de que o esporte é uma prática desinteressada e gratuita, mascara uma verdade sobre as práticas esportivas.¹⁹ Essa verdade seria que algumas práticas esportivas estão relacionadas com um “interesse”, com “**lucros de distinção** que ela proporciona” (p. 143, grifo do autor). O autor argumenta referindo-se a uma dicotomia entre esportes “chiques” e esportes “vulgares”, considerando que a procura por esses “chiques” (tênis, golf, equitação etc) seria um elemento de distinção.

¹⁸ Apesar de aparecer o artístico em alguns contextos, não levarei em consideração aqui por não ter sido algo que vi na prática ou no *facebook*, mas apenas em algumas classificações em sites sobre o pole.

¹⁹ Embora Bourdieu esteja falando especificamente de práticas esportivas, uso aqui sua teoria de maneira mais ampla. Não estou afirmando que o pole dance seja um esporte, mas apenas usando a teoria de Bourdieu para tentar compreender uma prática, que, a meu ver, também parece à primeira vista uma prática desinteressada.

Baseando-se no exemplo do pole dance, poderia se pensar que o fato de uma prática ser classificada como esporte já é um elemento de distinção? Nesse caso, seria possível uma tentativa de ruptura e uma criação de dicotomia entre pole dance e pole dance esportivo. O segundo, nesse caso, seria uma prática distintiva no sentido que distingue as praticantes – ou atletas – de pole dance, especialmente, daquelas que praticam ou utilizam técnicas do pole dance com alguma conotação sensual. Nesse sentido, é possível pensar também, numa hierarquia entre essas duas perspectivas do pole dance.

Apesar de Bourdieu estar falando de relações de poder, e de classe social, acredito ser possível pensar na noção de “distinção” deslocada desse contexto especialmente quando o autor introduz noções de corpo nas distinções de classes no esporte:

“De fato, **além de qualquer busca de distinção** é a relação com o próprio corpo, enquanto dimensão privilegiada do habitus, que distingue as classes populares das classes privilegiadas, assim como no interior destas distingue frações separadas por todo o universo de um estilo de vida.” (p.151, grifo do autor)

A partir da teoria do Bourdieu, busquei analisar, como coloquei acima, não a distinção relativa entre diferentes esportes, mas o ser ou não ser esporte como elemento de distinção. É possível pensar como o pole dance esportivo também está associado a um *habitus* corporal específico e também distintivo²⁰, inclusive um *habitus* que distingue as atletas das não atletas.

A questão é: por que as mesmas praticantes que realizam coreografias “*sexys*” negam um estereótipo erótico do pole dance? A princípio a questão poderia ser facilmente respondida com uma noção de limite do que seria sensual – permitido – ao que seria erótico – proibido. Mas a questão é bem mais complexa.

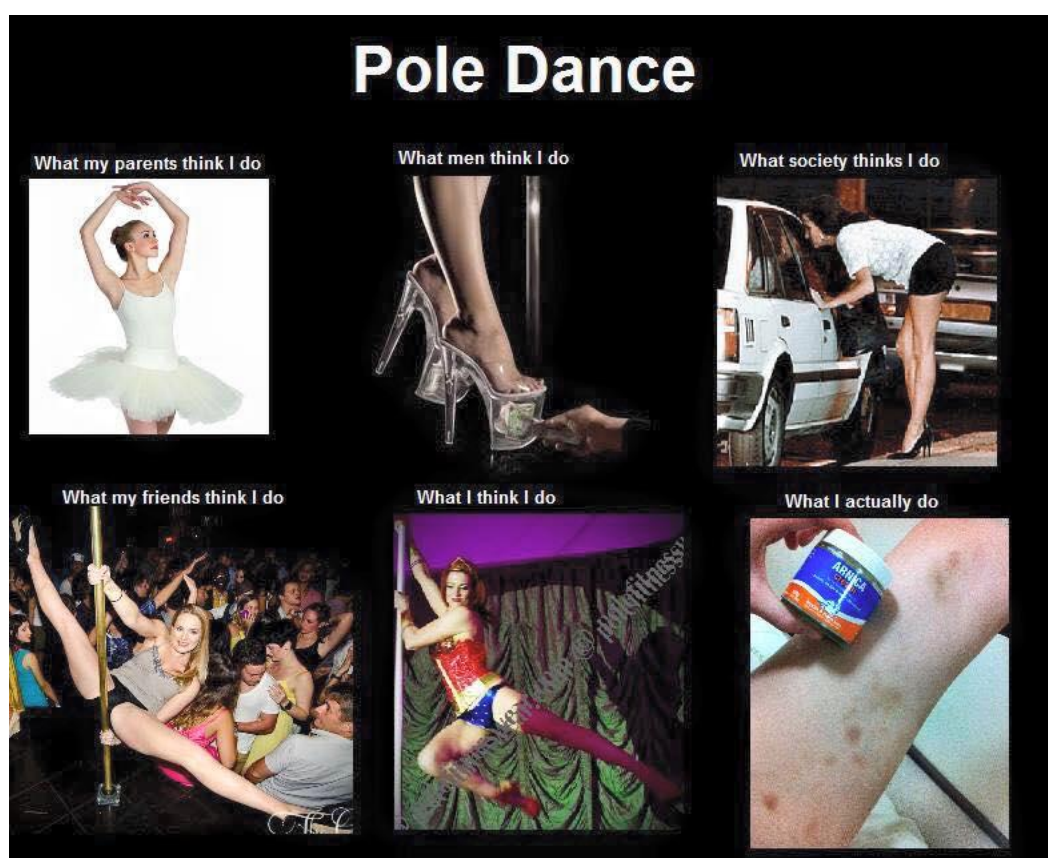
Mary Douglas (2014) nos traz noções de pureza, impureza, perigo, contágio e sujeira que pode ajudar um pouco a interpretar esse entendimento das *pole dancers* sobre o sexual.

“Logo achamos que certos valores morais são mantidos e certas regras sociais são definidas por crenças em contágio perigoso [...] Mas ao examinarmos crenças de poluição descobrimos que os tipos de contacto tidos como perigosos também carregam uma carga

²⁰ Ver mais sobre *habitus* corporal no capítulo 2.

simbólica. [...] Acredito que algumas poluições são usadas como analogias para expressar uma visão geral da ordem social.” (p. 14)

O que penso a partir de Douglas é que essas mulheres podem estar baseadas em valores morais sociais mais abrangentes que as faz pensar uma vertente do pole dance – no caso a erótica – como “perigosa”. E esse perigo por sua vez, pode estar relacionado a uma carga simbólica (associada à prostituta, vadia, ou algo nesse sentido) que traz sentido a essa proibição, gerando de certa forma uma suposta ordem social.



O interessante é perceber como Douglas associa o impuro – tanto religioso quanto em noções de higiene – com valores e condutas sociais. A noção de pureza estaria associada a valores aceitáveis em determinada sociedade. A autora aponta ainda como o impuro está muitas vezes relacionado com o corpo humano, suas características e práticas. Dessa forma é possível pensar como o erótico pode estar associado a um impuro e a ideia de esporte ou arte traria uma determinada “pureza” para a prática. O pole dance, poderia então, por estar dotado de uma “pureza”, circular em diferentes meios e não ficar restrito a alguns espaços, como acontece ainda hoje com o pole dance sensual.

O estereótipo sexualizado realmente parece incomodar as praticantes do pole dance, conforme observei em discussões delas. Em março de 2013, houve um *post* no grupo do estúdio que acompanhei, que teve bastante repercussão e comentários entre as alunas. O *post*, feito por uma das alunas, contava uma situação, que ela tinha passado com um amigo, que a aborrecera bastante: seu amigo lhe disse que havia visto uma foto de pole dance, e tinha se lembrado dela. Ao solicitar que a enviasse a foto, descobriu que essa se tratava de uma mulher nua com as pernas abertas dançando no pole. Isso a deixou bastante chateada, que afirmou que não era isso que ela fazia.

Muitas afirmaram que isso seria “ignorância”, enquanto outras contaram suas próprias experiências de situações ligando sua prática do pole a um estereótipo sexualizado. Dentre as histórias, havia uma aluna que era também dançarina de dança do ventre, e contou como isso lhe acontecia com frequência, ainda mais dançando em outros países, que a dançarina do ventre era comumente confundida com prostitutas.

Em diversos comentários, as alunas reiteravam a ideia de que “homem tem a mente suja” e contavam casos como: o de vídeos “normais” de pole dance que levavam títulos como “gostosa no pole dance”, de homens que tinham fetiches “até” por bailarina clássica, de uma foto de um *Deville*²¹ publicada que recebeu um comentário afirmando que poderia estar na *Playboy*²² e de homens que não conversavam com uma delas e passaram a “puxar conversa” depois que descobriram que ela fazia pole dance. Uma delas, ainda enfatizava como para mudar a mente de um amigo, enviou vídeos de uma *pole dancer* criança, que surpreendeu seu amigo.

Elas frisam que o que elas fazem é diferente desse estereótipo sexualizado da prática, colocando que tirar a roupa e rebolar qualquer pessoa pode fazer, porém dedicar-se a uma prática, conquistar força e flexibilidade não são todos que conseguem, além do talento que muitas delas atribuem umas às outras.

O pole dance é uma atividade que exige bastante força, flexibilidade e resistência – trio de atributos necessários a uma *pole dancer* segundo as próprias praticantes e sites sobre a prática. No grupo em que pesquiso, a força principalmente aparece muitas vezes associada aos homens, no sentido de que um homem é capaz de conseguir realizar movimentos de força sem ter tido nenhum tipo de preparo para aquele

²¹ *Deville* é um movimento no qual a *pole dancer* fica com as pernas completamente abertas.

²² *Playboy* é uma revista de ampla circulação, provavelmente a mais famosa revista masculina, a qual traz ensaios fotográficos de mulheres nuas

exercício. Enquanto isso, as mulheres precisam trabalhar e treinar muito para atingir o padrão de força desejado.

Elas consideram então um trabalho de muita dedicação, com algum percentual de talento. Estão constantemente se referindo a “dedicação”, “sofrimento” e as “dores” como componentes dos treinos. Elas reivindicam que sejam reconhecidas pelo que conseguiram através de muito “empenho”, e então, fazem questão de se diferenciar das que “tiram a roupa e rebolam num pole”, algo que “qualquer uma” poderia fazer.

No meu segundo dia de aula no estúdio de pole dance, conheci uma companheira de turma, que estava na sua terceira aula. Conversamos um pouco e ela falou que tinha se matriculado no pole dance porque estava fora de forma e resolveu fazer algo mais feminino, já que durante toda sua vida havia praticado artes marciais, e agora, estava em busca de algo que lhe trouxesse mais feminilidade. A professora então passou movimentos “com mais sensualidade” para ela.

Há uma dupla caracterização do pole dance. Por um lado uma ideia de sensualidade, ligado ao feminino, e por outro lado uma tentativa de tirar esse caráter sensual – ou sexual – da prática. Essas duas “correntes” existem dentro do mesmo grupo, e às vezes até mesmo em uma mesma praticante. Conversando com a professora do estúdio que fiz aula, ela me falou que algumas meninas a procuram dizendo que querem fazer aulas para aprender a dançar para seus namorados. Mas, segundo ela “o cara não quer ver você de cabeça para baixo na barra, ele quer ver você rebolando no pole” e para isso não seria preciso ter técnicas de pole dance. Algumas se desiludem com as aulas e desistem, outras adoram e seguem na prática. Ela completou dizendo, “até porque, a gente não vai sofrer tudo que a gente sofre, sentir as dores que a gente sente por causa de outra pessoa, tem que ser muito amor”.

As aulas são normalmente formadas por um alongamento inicial, a realização de movimentos e um alongamento final. A parte da realização dos movimentos, que seria a principal parte da aula, é quando as alunas, orientadas pela professora, realizam e treinam diferentes movimentos do pole dance, sendo giros ou acrobacias. As alunas e a professora ficam descalças, vestem shorts bem curtos e tops, algumas usam camisetas. Essa roupa é adequada para a prática porque para realizar os movimentos é necessário haver o atrito da pele com a barra, enquanto no contato da roupa com a barra não há aderência.

Durante duas semanas de julho de 2013 (justamente as duas que não pude ir ao estúdio) a instrutora resolveu aderir ao *Bringing Sexy Back*, um evento criado pelo

United Pole Artist. Segundo seus organizadores, o evento foi inspirado por um artigo²³ que apontava que a sensualidade do pole dance estava sendo perdida, e deveria ser resgatada. A ideia era que as praticantes de pole criassem vídeos ou fotos sensuais com o pole e mandassem para os organizadores para que divulgassem através de um site especializado em compartilhamento de vídeos.

Todas as aulas dessas duas semanas foram diferentes. A professora criou uma coreografia, com uma música diferente, para cada dia da semana e pediu às alunas que levassem salto alto, polainas e camisa de botão. O *Bringing Sexy Back* foi um sucesso entre algumas, enquanto outras não gostaram, e algumas nem apareceram nas aulas. Apesar de não ter participado, vi alguns vídeos e fotos e ouvi relatos.

Em 2015, já com a expansão do estúdio, a Marina resolveu novamente aderir ao BSB, e que todas as aulas dela seriam de *exotic pole*²⁴. Ela deixou claro que cada professora optaria por aderir ou não, e que qualquer aluna, mesmo as dela se não quisesse participar poderia optar por fazer aula com uma outra professora ou repor na semana seguinte. Acompanhei através de redes sociais que diversas alunas gostaram das aulas e realizaram coreografias.

De acordo com Mariana, havia um movimento no Brasil que estava deixando o pole dance “muito esporte”, exagerando nas regras e exigências para retirar a sensualidade dos campeonatos, e ela não parecia concordar com essa tendência.

Pude observar um exemplo do que seria esse excesso de exigências no Campeonato Brasileiro de 2014, quando houve uma polêmica em relação a uma participante que foi desclassificada porque deixou aparecer parte das nádegas. Ela então escreveu em sua página pessoal de uma rede social:

“Gostaria de agradecer a todos que me deram força, que me ajudaram e me incentivaram, a toda equipe que esteve ao meu lado e permaneceu unida até o final, minha família, minha melhor amiga linda, e várias outras pessoas queridas que me ajudaram, mesmo que apenas com palavras. Muito obrigada do fundo do meu coração, gratidão eterna! Sobre eu ter sido desclassificada... Sim eu fui desclassificada, porque minha roupa entrou na minha bunda. E bunda

²³ Ver anexo 3.

²⁴ *Exotic pole* são aulas com ênfase em coreografias que utilizam bastante dança no chão, ondulações de corpo e jogadas de cabelo combinadas às acrobacias na barra. Normalmente é feito com salto alto. Em alguns lugares *exotic pole* aparece como sinônimo de *sexy pole* ou pole dance sensual.

hoje em dia no Brasil é proibido, e além de pensar em fazer toda a coreografia, uma força do caralho, lembrar pra qual lado eu tenho que ir, sim gente..tenho que controlar minha roupa também... hahahahah enfim. Se eu soubesse já tinha mostrado ela inteira né? Pra que esconder! hahahahaiai. Independente se como diz a lenda o Campeonato inteiro foi comprado ou não. Estou muito feliz de ver como as atletas estão evoluindo, como tem gente boa! Meu sincero parabéns a todos que chegaram ao pódio por MERECEMENTO! Bom... É isso. Não foi minha melhor apresentação. Eu me perdi no solo, minha queda quase não saiu e enfim... essas coisas que quem é Pole Dancer sabe... haha Muito obrigada a todos que torceram verdadeiramente e gritaram por mim lá... Isso eu vou guardar no meu coração. E vovó... Onde é que a senhora esteja... Essa é pra você... Por um Pole sem preconceitos.(principalmente com a minha bunda, porque né...)"

Muitas pessoas comentaram na página dela sobre o episódio, a maioria mulheres a apoiando, dizendo que ela era linda, talentosa e isso não devia abalá-la. Destaco aqui dois comentários que considere mais interessantes:

“vc não tem nada do que se envergonhar! Esse é o seu trabalho, a sua paixão e aquilo que vc faz bem! Sua apresentação foi linda! Ser desclassificada pela sua roupa... Eu não consigo pensar num motivo mais irrelevante que esse!!!!”

“não se preocupe, vc foi incrivelmente linda!! Sabemos da sua dedicação e esforço, isso faz vc ter grandes admiradores, como por exemplo eu!! E é isso q importa!O q falta p vcs do Studio q participaram do campeonato é apenas participar d um campeonato de verdd, e não de uma simulação q juízes classificam os próprios alunos, sem pudor nenhum”

O episódio teve grande repercussão nas redes sociais, muitos consideraram uma desclassificação injusta, e associaram com o possível favorecimento de outras

atletas, já citado acima. Apesar de haver um item no regulamento que deixa expresso que “os figurinos devem cobrir totalmente os glúteos”²⁵, muitas pessoas argumentaram que outras atletas também descumpriam alguma parte do regulamento e não eram desclassificadas. Como já colocado, todas essas questões levavam o campeonato brasileiro a descrédito, o que é considerada por muitas como algo negativo, uma vez que prejudicaria o reconhecimento da prática como esporte.

2.4. Esportivização do pole dance no Brasil

Em 2013, foi lançada a campanha “Pole dance. Eu faço, e você?”. Essa consistia no recolhimento de assinaturas de praticantes e cadastramento de estúdios de pole dance de todo o Brasil. A divulgação da campanha foi feita através de panfletos virtuais (imagem abaixo), e as assinaturas eram recolhidas em site indicado.

O site que recolhia assinaturas trazia a seguinte mensagem:

“Queremos conhecer todas as pole dancers do Brasil : Assinem e ajudem a mapear a atividade em nosso país.

Abaixo-assinado por

Federação Brasileira de Pole Dance”

“Somente assim conseguiremos mostrar força e buscar reconhecimento perante a sociedade, qualquer pessoa que pratica em qualquer lugar do Brasil, pertencente a qualquer corrente, somos uma petição para mapear a quantidade de pessoas independente da escola ou da corrente que acredita.”

²⁵O regulamento do Campeonato Brasileiro de Pole Sport (até 2014 chamado Campeonato Brasileiro de Pole Dance), em 2015, passou por diversas mudanças que estão sendo apresentadas. Uma delas foi trazer no regulamento figuras de como o short deve cobrir as nádegas (ver Anexo 2).



Panfleto virtual divulgado em redes sociais.

A página conseguiu mais de quinhentas assinaturas, e era possível também, deixar um recado explicando por que assinou. Muitos dos recados, apenas traziam informações como: há quanto tempo praticava e que a praticante amava ou era apaixonada pela prática. Alguns traziam ainda os benefícios (corporais e mentais, como flexibilidade, concentração, melhora da autoestima, etc) da prática, alguns argumentando inclusive, que o pole dance precisa ser reconhecido porque transforma vidas. Outros depoimentos se destacaram no meu olhar, como:

“Ana

Sou da área de Psicologia e nem consigo acreditar no preconceito e estigma que ainda giram em torno do pole dance, o pole é uma atividade que estimula a autoconfiança de quem pratica, promove os vínculos sociais e traz benefícios físicos visíveis, assino porque já está mais que na hora da atividade ser reconhecida como uma modalidade esportiva”

“Mariana

Pq acredito que o pole ainda sofre muita discriminação por parte de pessoas com conceitos antiquados e limitados que não acompanham a evolução maravilhosa que essa atividade está tendo... no POLE vc compete com vc mesmo e vencer cada desafio é uma gratificação pessoal muito grande... além dos benefícios que são múltiplos!!! Precisamos de um maior RECONHECIMENTO... apoio 100% essa causa”

“Zélia

Porque o Pole dance é um esporte como outro qualquer e precisa ser reconhecido e respeitado. Queremos dar um basta no preconceito”

Os comentários e alguns outros contextos que observei trazem uma questão que diz respeito ao “preconceito” ou “discriminação” que as praticantes dizem sofrer. Essa parece estar diretamente relacionada à perspectiva sensual ou sexual do pole dance. Mas por que é preciso desvincular essa imagem do pole dance? Por que algumas praticantes pensam – ou parecem pensar – que para obterem respeito como praticantes de pole dance é necessário serem chamadas de atletas e que o pole dance seja categorizado como esporte?

No grupo secreto do *facebook* das alunas e ex-alunas do estúdio onde realizei a pesquisa pude observar também alguns comentários nesse sentido. Recentemente uma cantora internacional, Rihanna, lançou um clipe no qual aparecem dançarinas de pole

dance como dançarinas de clube de *striptease*²⁶. Uma das alunas postou o vídeo do clipe no grupo, perguntando se alguém havia visto aquele vídeo, pois para ela aquele vídeo ajudaria a destruir uma reputação que elas tinham lutado para construir.

Algumas desaprovaram, mas uma ex-aluna que atualmente está morando na Europa respondeu que havia ido recentemente a uma boate ver de perto como as *strippers* utilizam o pole dance. Segundo ela, não ficara ofendida com a dança das *strippers* e ainda se identificara com diversas acrobacias. Na sua opinião, cada uma deveria fazer uso de seu próprio corpo como quisesse.

Entre vários comentários das duas e de outras alunas, a aluna que postou respondeu então que não estava desmerecendo o trabalho das *strippers* e que concordava que cada uma deveria fazer de seu corpo o que quisesse. Mas seguiu discordando e questionando como ficariam as atletas que tanto se esforçaram pra desvincular sua imagem daquele tipo de dança.

Como já colocado, há uma dupla caracterização do pole dance. Por um lado uma ideia de sensualidade, e por outro lado uma tentativa de tirar esse caráter sensual da prática em busca do “reconhecimento”.

Barth (2000) tenta colocar como é possível demarcar fronteiras entre grupos étnicos.

“Se um grupo mantém sua identidade quando seus membros interagem com outros, disso decorre a existência de critérios para determinação do pertencimento, assim como as maneiras de assinalar este pertencimento ou exclusão.” (p. 34)

A fronteira étnica é uma fronteira social, que parte de uma identificação entre membros do grupo. Essa identificação, por sua vez, implicaria em um compartilhamento de valores. A partir daí, Barth coloca o conceito de identidade étnica, que estaria relacionado justamente a um grupo de pessoas que compartilham os mesmos valores. Essas identidades são construídas por contraste, e, portanto, aparecem sempre em relação. Não é possível compreender uma identidade sem compreender em relação a que ela está sendo construída.

Nesse sentido, acredito estar sendo construída uma identidade “*pole dancer* esportiva” em oposição ao pole dance sensual. Ou ainda, uma construção de identidade

²⁶Havia ainda um desconforto quanto a letra da música, que dizia: “Strip clubs and Dollar Bills[...]/Strippers goin up and down the pole/4 o'clock and we aint goin home.” Tradução: Clubes de strip e notas de dólar[...]/Strippers sobem e descem do pole/4 horas da manhã e ainda não fomos para casa.

“*pole dancer* sensual ou artística” que se mantém nas origens da prática e desaprova a nova tendência esportiva da prática. Porém, essas identidades são bastante fluidas e contextuais.

Simon, apud Le Bot (2012) traz algumas questões sobre identidade. Ele coloca que existe uma auto-identidade e uma hetero-identidade ou exo-identidade. A primeira seria como aquele grupo vê a si mesmo, já a segunda trata de uma visão externa daquele grupo. A identidade seria então formulada nessa relação da auto e da hetero-identidade. É importante destacar que existe também uma dimensão de poder envolvida nessa relação. A hetero-identidade pode ter mais ou menos influência na construção da identidade de acordo com a posição que o grupo ocupa nas relações sociais. Nesse sentido, a identidade aparece como contextual. Ela não é completamente fixa, mas depende das categorias e representações que estão sendo acionadas em cada situação. Nesse sentido, as identidades no pole são suficientemente fluidas, no sentido em que permite as mesmas que reivindicam um lugar não erotizado, participarem do *Bringing Sexy Back*. Ao mesmo tempo, nos permite questionar, em que posição essas mulheres estão em uma possível relação de poder que as leva a reagir de forma enérgica em contraponto a uma hetero-identidade ligada ao erótico e sensual.

No pole dance existe, além de diferentes identidades entre as praticantes, também uma hetero-identidade construída pelos “outros” partindo de uma ideia de sensualidade e até erotismo associada às *pole dancers*. Muitas vezes então, elas tentam criar uma identidade justamente pela oposição (Barth, 2000), ou seja, a identidade que elas tem de si mesmas é criada na relação entre essas identidades. E essa construção de uma identidade esportiva está ligada a um processo de desportivização (Fonseca, 2015) do pole dance.

Norbert Elias (1992) tenta compreender o que é o esporte e qual a sua origem. O autor entende que estudar o desporto só faz sentido quando há um simultâneo estudo da sociedade. Sua teoria sobre o esporte, encontra-se então, situada dentro de sua teoria mais ampla sobre o processo civilizador²⁷ no qual Elias (1994) argumenta acerca dos modelos sociais de conduta e sensibilidade, e como esses foram modificados ao longo da história. Em ambas as obras do autor, ele se utiliza bastante de uma perspectiva histórica, trazendo parte da história europeia para sustentar suas argumentações.

²⁷ Ver *O processo civilizador*, Norbert Elias, 1994.

Sendo assim, ele coloca o surgimento do esporte localizado na Inglaterra no século XIX, isso porque de acordo com seu estudo histórico da sociedade inglesa, havia um ambiente político e econômico propício ao surgimento do esporte. O esporte surge de acordo com as mudanças nos padrões de sensibilidade, e consequente diminuição da violência. Nesse sentido o autor tenta demonstrar a ideia de uma crescente internalização do autocontrole.

“Vários tipos de desporto integram um elemento de competição. São confrontos que envolvem força física ou proezas de tipo não militar. Para reduzir os danos físicos ao mínimo, existem regras que obrigam os adversários a adoptar um determinado tipo de comportamento.”
(Elias, 1992, p. 39)

O autor coloca que *sport* era uma palavra inglesa utilizada para alguns passatempos, e tenta demonstrar o que diferenciaria simples práticas de lazer de esportes e como houve essa transformação de passatempos em desporto. O que caracterizaria essa transformação e diferenciação, principalmente, seriam as regulamentações – tanto de regras quanto de criação de clubes e associações- o novo grau de sensibilidade à violência.

Uma importante parte da tese do autor é que o esporte seria uma atividade mimética, ou seja, teria a capacidade de desencadear sentimentos que seriam desencadeados em situações reais da vida, tanto para os praticantes quanto para o expectador. Porém, com regras que controlam a violência e estimulam o autocontrole. O esporte cria tensões, mas as controla.

A partir da teoria de Elias, podemos pensar como o pole dance aparece como esporte no sentido de que pode ser uma “competição envolvendo proezas do tipo não militar”, regido por regras. Interessante, também, é pensar que Elias pensa a formação do esporte a partir da organização das práticas, através de organizações, regras e regulamentações. Assim sendo, acredito que o pole dance caminhe neste mesmo sentido, já que partiu de prática de lazer e atualmente no Brasil, está sendo organizado em Federações, Confederação, possui campeonatos, os quais não regulamentados através de regras.

A Federação Brasileira de Pole Dance foi fundada em dezembro de 2009. A Liga Brasileira de Pole Sport foi criada apenas em 2014. Porém, antes já havia um processo internacional de desportivização.

“No ano passado, em 2008, já teve a primeira liberação, digamos assim, do comitê olímpico para que nas Olimpíadas de 2012, em Londres esteja sendo mostrado o pole dance como modalidade.” (Grazzy Brugner, entrevista no programa Domingão do Faustão em 2009)

“A Marina comentou que tinha acabado de acontecer “um dos mil campeonatos mundiais” que existiam e que tava numa tendência muito esporte. Só podia musica instrumental, sem direitos autorais, como na ginástica. E que isso era uma tendência forte aqui no Brasil, que os primeiros lugares nos campeonatos tem sido também de quem usa músicas instrumentais. Mas ela não gosta, ela já tentou usar, mas não gostou.” (Diário de campo, 23/07/2013)

Ingrid Fonseca (2015) utiliza o termo desportivização para descrever o processo de transformação do jogo de malha em esporte. Ela parte do entendimento de Elias e Duning (1992) sobre o surgimento dos esportes para entender melhor como ocorre esse processo, porém, trazendo uma perspectiva menos processual e mais dinâmica da relação de jogo/lúdico e esporte.

“A fim de refletir com mais profundidade sobre o assunto, destaco a necessidade de avaliar o processo de desportivização, não simplesmente posicionando o jogo dentro de uma esfera menor do que o esporte, sendo o primeiro um passo inferior na evolução em direção ao segundo. Essa é uma crítica que Elias e Dunning (1992) sofrem quando correlacionam o evolucionismo aos jogos e aos esportes.” (Fonseca, 2015, p. 150)

Ela traz ainda que no espaço do jogo de malha de Madureira, onde fez seu trabalho de campo, não há uma polaridade entre o jogo tradicional e o jogo esportivizado. Mas a desportivização trouxe elaboração de regras e, inclusive, novas formas de jogar.

No pole dance parece haver algo nesse sentido. Apesar de haver disputas nos espaços que tentam legitimar a prática como esporte, não há uma polaridade entre o pole dance lúdico e o pole dance esportivo. Como colocado, mesmo as praticantes que

se dizem atletas e reivindicam a legitimação como esporte, muitas vezes praticam e ensinam o pole dance com outros fins.

Durante todo capítulo busquei, portanto, trazer como as *pole dancers* no Brasil vem significando essa prática. Numa visão mais ampla, é possível identificar diferentes vertentes do pole como artística, sensual e esportiva. Porém, no campo do pole dance essas modalidades são dinâmicas e perpassam umas as outras. Ainda que haja um processo de desportivização, a sensualidade e a arte tem também seu espaço. Esses diálogos e entrelaçamentos aparecem também quando observamos as questões de corporalidade e gênero que serão tratadas nos próximos capítulos.

3. Capítulo 2: “Consciência corporal”, marcas e agência dos objetos

Nesse capítulo pretendo tratar de questões relacionadas ao corpo, com dois eixos principais: dor e agência dos objetos relacionada à corporalidade. Como se forma e como age a corporalidade de uma *pole dancer*, formada não só por ações, movimentos, mas também vestimentas e acessórios, e como esses influenciam e são influenciados pelo o que elas entendem como esportivo ou sensual? E qual a relação das praticantes com a dor, como elas acionam essa categoria e como a significam?

O pole dance pode ser entendido como uma técnica corporal (Mauss, 2003). Mauss coloca técnicas do corpo como “as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo” (2003, p. 401). Dessa forma, podemos entender o pole dance como uma das maneiras de “servir-se do corpo”, seja para um fim artístico, esportivo e outros.

A partir dessa perspectiva, tentei captar o “ponto de vista dos nativos” (Malinowski, 1978, p.33) acerca dessas técnicas corporais. Sendo assim, parto das abordagens que encontrei sobre o pole dance e seus diferentes significados. Algumas praticantes classificam o pole dance como arte, outras como dança, outras como esporte, e algumas preferem nem classificar.

Em uma das primeiras aulas que fui, fiz algumas perguntas à professora em relação à progressão e desenvolvimento, e ela comentou que tudo dependia da “consciência corporal” da pessoa, que era preciso aprender como fazer as forças. Em outro momento, ela tentava ensinar duas alunas a ficarem de cabeça para baixo, ainda com a cabeça encostada no chão. Uma delas tinha muito medo, e a princípio não queria nem tentar. Um dos argumentos da professora era de que ela precisava desenvolver essa “consciência corporal”, pois se queria fazer pole dance era preciso aprender a ficar de cabeça para baixo. Essa “consciência corporal” me parece estar bastante relacionada com o que Wacquant chama de “uma *compreensão* do corpo” (2002, p.89, grifo do autor), ou seja, é um entendimento que está além de uma compreensão mental ou visual.

Juntamente ao aprendizado dos movimentos, existe também o aprendizado de como lidar com as dores e com as marcas. Os roxos marcados na pele são bastantes presentes, especialmente nas iniciantes ou no aprendizado de um novo movimento. E eles são tratados muitas vezes como “orgulho”, “marcas de batalha” e referidos com

“saudades” por aquelas que já não apresentam mais tantos roxos. Já as dores, não aparecem como motivo de orgulho, mas como algo que se deve suportar, pois aparecem como parte do cotidiano de qualquer um que faça pole dance.

Como as *pole dancers* estão significando sua corporalidade a partir da discussão do que seriam e o que representaria para elas dores, sofrimentos, sacrifícios e marcas, como roxos e calos? Para compreender melhor tais questões, aproveitei minha própria percepção corporal e sensações para auxiliar na construção de dados. Tentei trazer a interação e as implicações do meu corpo em campo para as *pole dancers*. Rojo (2005) coloca que:

“entendo ser positivo o desenvolvimento de uma atenção mais ampliada para o conjunto de informações que a totalidade de nosso corpo pode obter, inclusive compreendendo que se situar em campo, significa, muitas vezes, ter que aprender um habitus corporal diferenciado e que este aprendizado (quase sempre parcial) é também fonte de conhecimento, que é muito mais “sentido” do que visto ou ouvido.” (p.133)

Nesse sentido, acredito que sentir as dores e marcar meu próprio corpo me permitiu também construir um conhecimento acerca desses elementos que fazem parte da prática do pole dance. Por isso, nesse trabalho trago também experiências e aprendizados corporais que me permitiram ter uma empatia (Favret-Saada, 2005) com as praticantes e assim construir interpretações sobre os significados desses elementos naquele espaço

“Segundo a primeira acepção (indicada na Encyclopedia of Psychology), sentir empatia consistiria, para uma pessoa, em “vicariously experiencing the feelings, perceptions and thoughts of another”. (Segundo a tradutora: “experimentar, de uma forma indireta, as sensações, percepções e pensamentos do outro”). Por definição, esse gênero de empatia supõe, portanto, a distância: é justamente porque não se está no lugar do outro que se tenta representar ou imaginar o que seria estar lá, e quais “sensações, percepções e pensamentos” ter-se-ia então.

[...]

Uma segunda acepção de empatia – *einfühlung*, que poderia ser traduzida por comunhão afetiva – insiste, ao contrário, na instantaneidade da comunicação, na fusão como outro que se atingiria pela identificação com ele. Essa concepção nada diz sobre o mecanismo da identificação, mas insiste em seu resultado, no fato de que ela permite conhecer os afetos de outrem.” (p.158)

Favret-Saada coloca duas acepções de empatia. Na primeira existiria uma distância, imaginando o que o outro está sentido, enquanto na segunda há uma comunicação que permite “conhecer os afetos de outrem”, mas sem “estar justamente no lugar do nativo” como ela coloca em sua experiência de afetamento.

O que ocorreu em meu trabalho de campo, foi algo relacionado a essa segunda acepção de empatia. Pude conhecer algumas sensações corpóreas das *pole dancers* através do meu próprio corpo na prática, porém, não houve um afetamento. Assim foi possível criar um canal de comunicação com as praticantes, através do qual pude construir minhas interpretações sobre as sensações e interpretações delas.

3.1. Dores e marcas

A dor não pode ser entendida como um fenômeno puramente biológico, pois é também cultural, social, pessoal e contextual (LeBreton, 1999). Ainda assim, como coloca Sarti (2001), devemos questionar uma ideia existente de que a dor é algo que existiria previamente, e que esses significados culturais são agregados posteriormente à vivência da dor.

“Quando se fala em dor, a tendência é associá-la a um fenômeno neurofisiológico. Admite-se, cada vez mais, que existam “componentes” psíquicos e sociais, na forma como se sente e se vivencia a dor. Esta concepção, no entanto, implica a dor como uma experiência corporal prévia, à qual se agregam significados psíquicos e culturais.

Ao contrário desta proposição, considerar a dor como um fenômeno sócio-cultural supõe considerar o corpo como uma realidade que não existe fora do social, nem lhe antecede. O social não atua ou intervém sobre um corpo pré-existente, conferindo-lhe significado. O social constitui o corpo como realidade, a partir do significado que a ele é atribuído pela coletividade. O corpo é “feito”, “produzido” em cultura e em sociedade.” (Sarti, 2001, p. 4)

Nesse sentido, busco compreender a dor no pole dance como um fenômeno que é vivenciado e sentido de acordo com os significados daquele espaço, uma vez que acredito que possa ser pensada como parte de um *habitus pole dancer*²⁸, que é construído e incorporado. Ainda que a maioria das pessoas comece a praticar o pole dance na fase adulta e já possuam, portanto, *habitus* de outros espaços, como familiar e escolar, esse *habitus* se reestrutura de acordo com as experiências vividas (Bourdieu, 1983a).

²⁸ Faço aqui uma referência ao *habitus pugilístico* descrito por Wacquant (2002).

As dores, pelo que observei, fazem parte do cotidiano da maioria das pessoas que praticam pole dance. São assunto de aula e também das redes sociais. Em páginas do *facebook* que compartilham informações sobre pole dance, são também colocadas fotos, figuras e vídeos que falam sobre o assunto (figura 1).



Figura 1

Em 2014 circulou um vídeo por diversas páginas do *facebook*, no qual uma mulher pergunta “O que que dá mais dor quando a gente faz pole?”, em seguida aparece um “famoso” praticante de pole dance brasileiro “dançando” um trecho da música “Cabeça, ombro, joelho e pé”. A performance dele consiste em tocar nas partes do corpo que são citadas em um pequeno trecho da música que seriam: cabeça, ombro joelho e pé. A postagem original teve 100 curtidas e 27 compartilhamentos.

No estúdio onde observei e fiz aulas, também é comum a referência à dor. Certa vez cheguei mais cedo ao estúdio e as alunas da aula anterior estavam se arrumando para ir embora. Comecei a conversar com uma delas, a Elisa, e comentei que estava com dores no ombro, que às vezes se estendiam pelo braço. Falei que a Marina (professora) tinha comentado comigo que poderia estar com nó que estava comprimindo meu nervo. Elisa então, falou que ela estava com dois nós nas costas e eu perguntei como ela sabia que era um nó e o que era exatamente um nó. Ela falou que também não sabia o que era um nó, mas que sabia que tinha porque sentia muita dor. Segundo ela,

havia duas semanas que não conseguia nem fazer um *split*²⁹ e que naquele dia havia tomado dois dorflex e duas nimesulidas³⁰ antes da aula e que mesmo assim não conseguira fazer o *split*.

Ela comentou inclusive que havia se consultado com a mesma fisioterapeuta que atendia a professora, e que a fisioterapeuta havia comentado que a situação dela estava bem pior que da Marina (professora). Em nenhum momento nem ela, nem nenhuma das outras meninas que estavam presentes questionou se o fato dela estar com tantas dores não deveria impedi-la de praticar o pole dance.

Essas dores estariam relacionadas ao que Silva (2014) chama de dores agudas ou crônicas. Essas seriam dores “representadas pelos esforços físicos extenuantes ou imbricadas a alguns mal-estares” (p.172). Em sua tese, ele coloca como a relação do aluno de uma academia de ginástica com as dores difere de acordo com a localização da academia, condição financeira dos alunos e as identidades de gêneros envolvidas nessas relações. Sua pesquisa foi realizada em duas academias de ginástica diferentes, uma localizada na Barra da Tijuca e outra na Cidade de Deus, ambas no Rio de Janeiro. Enquanto na primeira há um cuidado e interrupção das atividades diante de qualquer desconforto ou possível lesão, na segunda o corpo parecia ser levado ao limite da dor, não só por um aproveitamento do gasto financeiro com a academia, mas também por haver uma lógica diferente naquele espaço relacionada a uma vida árdua.

É interessante colocar também, que o levar o corpo ao “limite”, apareceu para o autor como marcador de uma determinada masculinidade no espaço da academia de ginástica. Da mesma forma, acredito que essa tentativa das *pole dancers* de praticar até o limite da dor – ainda que haja tentativa de amenizá-las com medicamentos – está também relacionada a uma construção de identidade de gênero, o que pretendo explorar melhor no próximo capítulo.

Não é incomum a professora ou qualquer uma das alunas estar com dores ou comentar do quanto ficaram doloridas em determinado dia. Apenas uma vez ouvi a professora ter comentado de ter ido ao hospital por conta de dores muito fortes.³¹

²⁹ *Split* é um movimento de inversão (ficar de cabeça para baixo), que inicia muitos movimentos do pole dance, e que exige força das costas. A aluna referida já conseguia realizar split há diversos meses com facilidade.

³⁰ Dorflex é um remédio para aliviar a dor e nimesulida é um anti-inflamatório também utilizado para alívio da dor

³¹ “A Marina estava com problema nas costas, que ela machucou treinando e preparando o vídeo dela para o campeonato. Ela falou que foi parar no hospital e teve que tomar remédio, e que ainda estava tomando anti-inflamatório. A médica recomendou que ela ficasse 3 dias de repouso, mesmo assim, ela ainda estava demonstrando a maioria dos movimentos, como é de costume. Ela estava meio chateada de

Na mesma semana dessa conversa, minha dor no ombro piorou muito e resolvi ir ao médico. Com um diagnóstico de tendinite por esforço, o médico me recomendou que fizesse repouso de qualquer esforço com o ombro por duas semanas. A princípio isso não me pareceu um problema, pois poderia ir ao estúdio e apenas observar, algo que nunca tinha feito até então. Expliquei minha situação à professora e ela concordou que eu fosse só para assistir.

Porém, quando cheguei ao estúdio, mais uma vez encontrei as alunas da aula anterior e quando expliquei às meninas que não faria a aula, uma delas falou “Ah Isis, faz a aula né”. Eu então expliquei que não tinha problema só em olhar, porque aquilo fazia parte da minha pesquisa, mas ela não pareceu satisfeita com minha resposta e insistiu que eu fizesse a aula. A professora entendeu que deveria repousar aquele dia, mas que na semana seguinte – ainda que a informasse que ainda estava dentro do prazo de repouso proposto pelo médico – já poderia fazer a aula, apenas com restrições de alguns movimentos.

Justamente naquele dia, apenas uma das alunas da turma foi e teve então que fazer aula sozinha, enquanto eu assistia. Muitas das meninas não gostam de fazer aula sozinha, porque é mais “cobrada”. Esse era o caso da Renata, que durante toda a aula fez piadas sobre estar me odiando e eu estar sacaneando ela, ainda que eu repetisse que não tinha culpa.

A princípio só me ocorreu pensar como elas pareciam ignorar a possibilidade de uma contusão ou lesão, e que não sabiam respeitar um tempo de recuperação do corpo. Após uma segunda reflexão, percebi que as dores tinham um significado específico naquele contexto e que não apareciam como impeditivas da prática.³²

Assim como os pugilistas de Wacquant (1998), e as bailarinas clássicas de Mora (2010)³³ as *pole dancers* devem suportar a dor. Wacquant faz uma distinção entre dor pequena, rotineira, provocada pelos treinos e dor aguda, localizada, provocada pelas lutas. Observo no pole dance que essa dor pequena é bastante presente, não só nas

não poder treinar, falou que estava tão entediada que até daria uma aula extra no dia seguinte.” Nota do meu diário de campo.

³²Pacheco (2013) chama a atenção para o risco de se jogar machucado, podendo agravar a lesão e abreviar a carreira dos jogadores profissionais de vôlei. Não observei preocupação em relação a lesões relacionadas com durabilidade da carreira entre as praticantes de pole dance.

³³ Mora coloca que ao mesmo tempo em que as bailarinas estão sentindo a dor, elas tem o prazer de estar aprimorando seu desempenho. Parece que assim como os pugilistas, as *pole dancers* não gostam da dor, mas a suportam, pois, como acontece para as bailarinas, elas traz outros ganhos ou os “lucros da ação” como trato a seguir.

competidoras, mas na maioria das praticantes, que devem ser capazes de aguentar essa dor, pois é “um meio indispensável para atingir os fins perseguidos” (p.82).

Os fins são variados, como conseguir realizar um movimento, ganhar flexibilidade, fazer uma boa apresentação ou ganhar um campeonato. Porém, estariam relacionados ao que Wacquant traz como “lucros de ação”³⁴. A maioria delas não está em busca das premiações, posições ou dinheiro que o pole dance possa trazer. Mas buscam a realização de movimentos, o que para elas têm significados de conquista e superação.

Além das dores musculares posteriores a um treino, ou de contusões, existem também as dores que ocorrem no momento da realização dos movimentos. Essas dores também podem ser pensadas em dois tipos: as dores do alongamento e as dores dos movimentos no pole.

Quanto aos alongamentos a ideia é que se deve suportar algum nível de dor para “evoluir”³⁵ nos movimentos de flexibilidade. O início de todas as aulas é composto por um alongamento que todas as alunas devem realizar, cada uma dentro de suas possibilidades. A professora sempre alonga junto com a turma, e às vezes ajuda em um alongamento mais específico.

“Comentei que era muito dura, que nunca conseguiria nada. E ela falou que ela era super sedentária, que também não tinha flexibilidade nenhuma, nem conseguia botar as mãos nos pés. Ela falou que eu tinha que forçar sempre um pouco, sentir um pouco de dor mesmo, não em um nível muito intenso, mas que se eu ficasse um pouco onde estava sentindo dor, amanhã esse ponto já estaria tranquilo, e conseguiria ir mais um pouco até onde doeria, e assim conseguiria evoluir.” (Nota de campo de 16/05/2014)

³⁴ Esse é um conceito de Bourdieu. “De fato, através dos jogos sociais que propõe, o mundo social procura nos agentes bem mais, e na verdade outra coisa, que os objetivos aparentes, os fins manifestos da ação: a caçada contra tanto quanto a presa, se não mais, e há um proveito de ação que excede os proveitos explicitamente perseguidos – salário, preço, recompensa, troféu, título e função – e que consiste no fato de sair-se do anonimato, e de afirmar-se como agente, envolvido no jogo, ocupado, habitante do mundo habitado pelo mundo, orientado para certos fins e dotado objetivamente, e portanto subjetivamente de uma missão social” (Bourdieu, 2001, p.54)

³⁵ Categoria usada por elas para indicar o que elas consideram uma melhora na realização dos movimentos.

Os movimentos do pole dance são baseados em força e flexibilidade. O corpo flexível está relacionado à representação³⁶ que existe de um corpo de *pole dancer*. Segundo Mora, existe uma distância entre a representação corporal existente para uma dança e os corpos reais. Nesse sentido, os praticantes se utilizam de meios para adequar seu corpo aos modelos. Como essas representações, embora não determinem, estão influenciando as experiências e as práticas, é importante conhecê-las.

Os movimentos que exigem flexibilidade podem, muitas vezes, ser realizados por aquelas que são um pouco menos flexíveis. Por exemplo, um movimento que exija a perna completamente esticada pode começar a ser realizado com a perna dobrada. Com os treinos e alongamentos, a praticante vai desenvolvendo maior flexibilidade e “evolui” naquele movimento, ou seja, consegue fazê-lo cada vez com a perna menos dobrada até conseguir esticá-la. Outros movimentos não são nem possíveis de ser realizados por aquelas que não têm flexibilidade suficiente.

Essa evolução é sempre motivo de orgulho das *pole dancers*, inclusive é comum elas terem no *facebook* fotos mais antigas e mais recentes para mostrar sua evolução. Algumas vezes fazem montagens, nas quais juntam lado a lado fotos de um mesmo movimento em diferentes épocas de sua trajetória para mostrar o quanto evoluíram. Essa satisfação parece estar relacionada a essa representação corporal de uma *pole dancer*.

O alcance da flexibilidade desejada aparece também relacionado a “aparelhos de tortura”, como no caso de aparelhos que forcem a abertura das pernas ou a ponta do pé. Em um *post* no *instagram*, uma das alunas do estúdio em Niterói, coloca a seguinte foto:

³⁶Ana Sabrina Mora (2010), trata de representações sociais baseada no conceito de Denise Jodelet (1986, 2006), que segundo Mora seria "formas de saber práctico e producción de conocimiento por el sentido común, socialmente elaboradas y compartidas, por médio de lãs cuales conocemos el mundo y le damos sentido, que nacen y operan em situaciones concretas: guían y aseguran las regulaciones de los comportameientos y lãs comunicaciones, posibilitando el manejo de un determinado entorno. (...) para que algo sea objeto de representación para una persona, debe tener una relevancia para el grupo y, desde ahí, es integrado a los esquemas de representación vigenetes, objetivado y naturalizado. (Mora, p.220)



Com a seguinte legenda:

“Novo método de tortura
#pontaperfeita #pole #temquesofrer #poledance #chinerina³⁷.”

Nos comentários há um pequeno diálogo entre a aluna que postou e uma outra aluna:

“Aluna2: Wtffff³⁸”

Aluna1, que postou: Aparelho que força a ponta do pé, flor!

Aluna2: To vendo, mas parece mais um instrumento de tortura...quero não rs

Aluna1: Queremos ponta negativa!

Aluna2: Socorrro”

A palavra tortura aqui estaria significando a dor, mas também o sucesso. No caso, existe uma expectativa de que o aparelho, ainda que cause um desconforto, traga a “ponta negativa”³⁹, que seria a representação da ponta perfeita.

³⁷Chinerinaé uma espécie de aparelho usado para alongar a frente do pé, muito usado por bailarinas clássicas. Na foto a aluna está usando uma chinerina.

³⁸Wtf é uma abreviação para “Whatthefuck?”, que em uma tradução livre seria algo como “o que é isso?”.

³⁹ Uma abertura de pernas negativa é aquela que ultrapassa a abertura total, reta, rente ao chão, podendo utilizar blocos para apoiar os pés, enquanto a virilha continua encostando no chão. Com a expressão ponta negativa, ela faz uma referência a um padrão desejado de flexibilidade para os pés.

Além da palavra tortura, observo outras expressões também como sofrimento e sacrifício, que estariam também estar relacionadas à dor e desconfortos corporais. Nas aulas do estúdio, aproximadamente 20 minutos antes de terminar a aula, começa o “sacrifício final”. O sacrifício final é composto por diversos movimentos, que variam de acordo com o planejamento da professora ou pedidos das alunas. São normalmente movimentos de repetição que envolvem força.

“Em suas lições sobre ética profissional, Durkheim (1950, p.52) previne que “nenhuma forma de atividade social pode funcionar sem uma disciplina moral que lhe seja própria”, e nenhum meio social prospera por muito tempo sem ela. A moralidade ocupacional do boxe profissional é encarnada e celebrada na noção popular de “sacrifício”.” (Wacquant, 1998, p. 84)

A noção de sacrifício colocada pelo autor é diferente da noção de sacrifício que tenho visto entre as *pole dancers*. Os pugilistas devem ser controlados e cuidar da alimentação, evitar mulheres, drogas, álcool, além de treinar na academia. Para as *pole dancers* o sacrifício e sofrimento estariam mais relacionados às práticas internas ao estúdio e não externas, como no caso dos pugilistas. Essas noções estariam relacionadas a suportar todo o desconforto corporal: dores, incômodos, cansaço e exaustão. Silva (2014) coloca que:

“As dores de sacrifícios e sofrimentos corporais aqui se referem àquelas dos esforços físicos extenuantes, responsáveis por gerarem as fadigas ao longo da realização das práticas corporais e que, por vezes, deveriam ou não ser evitadas no espaço da musculação. O antigo chavão “no pain, no gain” que permeou a ideologia esportiva e do culto ao corpo, principalmente durante a década de oitenta (Sabo, 1992; Fraga, 200), reflete, em parte, o que significam esses tipos de dores observadas nas academias de ginástica “P” e “G”.” (p. 202)

Dessa forma, a idéia de sacrifício nas aulas de pole dance que observei, acredito estar relacionada justamente a um aprendizado do que é ser uma *pole dancer*. É possível pensar, que, assim como no boxe, existia uma “disciplina moral” no pole dance. Como colocado por Pacheco (2013), a dor faz parte da moralidade do esporte, uma vez que a dor representa uma otimização da prática (Rodick, 2006 apud Pacheco, 2013). Apesar de não haver um consenso sobre o fato do pole dance ser ou não um esporte, ele compartilha dessa moralidade que está presente em modalidades esportivas.

“Eu estava sentindo muita dor no pé, só depois fui ver que estava doendo muito porque tinha aberto. Falei com Marina (professora) que estava doendo bastante e se era normal, ela falou que no início era, que ela já não sente mais e uma aluna mais experiente concordou. Percebi que essa questão da dor não podia ser impedimento, então continuei tentando os movimentos.” (Diário de campo 25/06/2013)

Alguns movimentos são considerados mais dolorosos, principalmente durante sua aprendizagem, do que outros. Esse é o caso do *superman*, um movimento no qual a pessoa fica em posição perpendicular a barra, com a barriga voltada para o chão, e segura a barra entre as coxas e com apenas uma das mãos, que deve ficar acima do corpo.

O “problema” do movimento está em sua entrada⁴⁰. Existem algumas entradas diferentes, que contam com algumas variações de posição de mãos e pernas. Na que aprendemos no estúdio é preciso que a *pole dancer* esteja perpendicular a barra, com a barriga voltada para a parede. As duas mãos devem segurar a barra, uma acima e outra abaixo do seu próprio corpo. A perna superior deve estar dobrada segurando a barra pela frente, enquanto a outra deve estar esticada atrás da barra fazendo uma força contrária que a permite estar fixa na barra (figura 2). A partir desse primeiro movimento, a praticante deve esticar a perna de cima, enquanto gira seu corpo para baixo e solta a mão de baixo (figura 3). O movimento final é o *superman* (figura 4). As dores seriam provocadas porque se não há um controle dessas forças na medida ideal, as coxas são arrastadas na barra com força, o que é conhecido por elas como “drenagem linfática”⁴¹.



Figura 2

Figura 3

Figura 4⁴²

⁴⁰ Entrada é a palavra utilizada para referir-se a sequência de movimentos anteriores ao movimento final.

⁴¹ Expressão usada para referir a uma forma errada de realizar o movimento. Essa faz referência ao procedimento estético de mesmo nome.

⁴² Imagens retiradas do tutorial presente no canal Sabrina Lermen no *youtube*.

“A Dani principalmente sempre fala do *superman*. Ela chegou a perguntar ‘quem inventou o *superman*, hein?’. Ela acha um dos movimentos que mais dói. Ela falou que era doida pra fazer, até que foi vendo as pessoas reclamarem muito, e que depois ela viu como doía. Mas mesmo assim, ninguém deixa de fazer.” (Diário de campo)

Esse movimento é conhecido também por deixar grandes roxos, justamente por esse atrito das coxas com a barra. Perguntei a Marina se ela ainda sentia dor e ficava roxa no *superman* e ela me respondeu que não, que agora não sentia mais.

O pole dance é baseado em movimentos de força contrária e aderência da pele com a barra. Os movimentos podem ser entendidos em duas partes, para explicar de uma maneira simples: a entrada e a trava. A entrada é uma série de movimentos realizados até a chegada do movimento alvo. Já a trava é o que mantém a praticante na barra. Essas travas são posições de mãos, pés, pernas, braços ou tronco através do qual o corpo se segura na barra. Elas dependem de força e técnica, ou seja, é preciso ter força, mas é preciso saber como e para onde direcionar a força, sempre em referência à barra. Os movimentos de entrada são também baseados em travas, porém, são movimentos geralmente considerados mais simples do que o movimento final.

Essa dinâmica gera um constante atrito da pele com a barra e forças do corpo contra a barra que também afetam a pele. Uma iniciante, normalmente, tem muitos roxos, e, uma mais experiente, mas que esteja aprendendo um novo movimento muitas vezes também os tem. Com o aprendizado e aperfeiçoamento das técnicas do pole dance e desse maior controle das forças, as lesões na pele diminuem, ou, como no caso da Marina, se tornam bastante esporádicas e “diferentes”.

“Uma das meninas estava com um roxo enorme na coxa. Eu perguntei a Marina se eu ficaria roxa também, e ela falou que provavelmente sim, pra evitar pegar sol porque o sol poderia manchar minha pele se estivesse roxa. Eu perguntei se ela ainda ficava roxa, e ela falou que não mais, que quando fica agora fica inchado, é diferente, não são aqueles roxões. Ela falou que até tem saudades dos roxos, que ela tinha orgulho deles.” (nota de meu diário de campo da primeira aula que fiz, 28/05/2013)

Os roxos são constantemente assunto de aula. Uma companheira de aula contou-me uma vez que era comum que alguns amigos fizessem comentários como “pole dance nada, fala a verdade, seu marido tá te batendo, né”. Contou isso de forma bastante descontraída, achando engraçado.

Em uma aula em que tentava aprender um movimento que depende da força das costas – mais especificamente da parte do trapézio mais próxima ao pescoço – contra a barra, uma das meninas me alertou que minhas costas estavam muito vermelhas. No mesmo instante eu perguntei “será que vai ficar roxo?”. A Marina então comentou que ficou roxa uma vez nesse mesmo lugar. E uma delas comentou: “Ainda bem que seu namorado sabe que você faz pole dance, né?”

De acordo com o que tenho observado, há certa jocosidade em relação a esse assunto, no sentido de referir-se aos roxos como marcas de violência sofrida ou relação sexual. Há ainda, assim como há em relação às dores, um compartilhamento de saberes de como eliminá-los. Embora haja uma relação de afeto com os roxos, os quais são relacionados a expressões “marca de batalha”, “saudades” e “orgulho”, há também um cuidado para que eles não durem muito tempo.

Como já colocado na introdução, durante o trabalho de campo, eu era participante de um grupo secreto do estúdio de pole dance no *facebook*. Apesar de ter sido adicionada ao grupo em 2013, ao entrar, tive acesso a todas as discussões desde que o grupo foi criado, em 2012. Dentre outras coisas, tive acesso ao concurso de hematomas promovido.

No concurso, cada concorrente devia postar uma foto de seu hematoma e um depoimento explicando porque aquele roxo havia compensado. Quem tivesse o maior número de curtidas, ganharia o concurso e um kit como premiação, contendo uma toalha, um shortinho e um grip (produto que mantém a pele seca).

Um deles trazia uma trajetória de marcas: a *pole dancer* contava como ralou o pulso, ganhou diversos roxos e calos e até um queixo machucado em decorrência de uma queda. Ela considerava que praticar pole dance, era considerar a máxima do “no pain, no gain”. Ainda assim, ela considerava que todas aquelas dores e sacrifícios haviam compensado, uma vez que permitiam que ela evoluísse e fizesse coisas lindas, o que por sua vez, trazia grande orgulho para ela. Sendo assim, ela tinha orgulho dos próprios hematomas, pois eram prova de sua dedicação e esforço.

Essa era uma fala comum entre os depoimentos, indicar o orgulho dos roxos, pois eram prova de conquista e de compromisso com a prática. Várias indicavam como os hematomas estariam representando esforço e evolução.

Diferentemente dos roxos, os calos da mão não aparecem com tanta frequência nas conversas durante as aulas, mas em comentários esporádicos. Um desses comentários aconteceu quando estava com algumas das alunas do estúdio em um bar e alguns namorados também estavam presentes. Conversando com Laura e seu namorado sobre o pole dance na vida deles, ela comentou que as mãos dela eram muito mais grossas que a do namorado. Mão com calos e que agarravam na roupa quando ela fazia carinho nele.

Os calos parecem não chamar tanto a atenção das praticantes e se desenvolvem de acordo com o tempo e frequência com que a *pole dancer* pratica a atividade. Em páginas do *facebook* direcionadas as praticantes de pole dance, é possível encontrar alguns comentários sobre calos (figuras 5 e 6).



Figura 5



Figura 6

De certa forma, os calos são positivados, assim como os roxos. São marcas do esforço e de superação de algum sacrifício. São marcas e as distinguem e identificam como *pole dancers*.

Existem luvas, protetores de coxa, braços, joelhos e tornozelos para *pole dancers*. A única vez que vi luvas e protetores de tornozelos sendo usados foi no

Campeonato Brasileiro de 2013 (acompanhei partes pela internet) pelas *pole cleaners*⁴³. Uma única vez vi o assunto ser colocado durante as aulas, mas a professora afirmou que não era bom usar proteção, pois a pele precisava acostumar com o atrito, pois em um campeonato, por exemplo, não poderia usá-los. Esses produtos são pouco comercializados no Brasil, provenientes, geralmente, de importação.

Em minha pesquisa com a vela (Leal, 2013), pude observar como o uso de luvas para proteger as mãos do atrito com os cabos do barco era facultativo e influenciado pela exigência do controle das emoções. Rojo (2014) aponta que o não uso das luvas pode aparecer como marca de masculinidade, mas também como elemento de uma construção de um corpo de velejador, que entre outras coisas, exige a resistência à dor.

Peter Gay (1995) analisa o *mensur*, duelo praticado por estudantes alemães entre os séculos XVIII e XIX. O duelo era feito com sabres que geralmente faziam ferimentos na cabeça ou rostos, que eram costurados de maneira tosca, a fim de deixar cicatrizes permanentes. Através de relatos históricos e literários, o autor mostra como o *mensur* estava relacionado à “aceitação e reconhecimento do valor” (p.40) desses jovens dentro do grupo. O duelista não deveria recuar – o que poderia trazer vergonha – mas mostrar que era indiferente a dor e ao desfiguramento.

Rojo (2009) coloca como em sua pesquisa com praticantes de hipismo da modalidade salto, muitos tinham interesse em mostrar suas cicatrizes para ele. Ele mostra como essas cicatrizes estão relacionadas a uma ideia de pertencimento identitário e de prova da superação do medo, já que eram geralmente oriundas de quedas do cavalo e mesmo assim, os atletas continuavam saltando após os acidentes. As cicatrizes informam sobre um discurso acerca das emoções, que está também relacionado com identidades de gênero.

As marcas corporais das *pole dancers*, ainda que não sejam cicatrizes e “definitivas” como as dos praticantes do *mensur* ou de hipismo, parecem também estar relacionadas a uma aceitação e a um pertencimento identitário dessas praticantes. Estariam significando, como já foi tratado, que elas são capazes de suportar a dor e o “sofrimento” proveniente da prática, e superá-los.

⁴³ *Pole cleaners* são *pole dancers* contratadas para limpar as barras nos campeonatos entre uma apresentação e outra. Para isso elas precisam subir na barra e limpá-la toda diversas vezes.

Acredito que a recusa do uso de qualquer tipo de proteção e a valorização da superação da dor estão também relacionadas, assim como entre os velejadores e praticantes de salto, a identidades de gênero, questão que desenvolverei melhor no capítulo 3.

É possível observar que palavras como “sofrimento”, “sacrifício”, “esforço”, “dor” e “tortura”, bem como as marcas corporais e os discursos sobre elas, aparecem frequentemente nesse espaço. Porém, aparecem também expressões como “conquista”, “evolução”, “superação”, “orgulho”, que muitas vezes estão relacionadas com as primeiras palavras e com as marcas.

3.2. A agência dos objetos em relação à corporalidade da *pole dancer*

Para tentar compreender como os objetos aparecem nesse contexto, é preciso primeiro mudar um pouco a perspectiva de objetos como instrumentos ou auxiliares. Alguns autores nos ajudam a pensar por uma nova perspectiva. Latour (2008) coloca que o problema do entendimento de objetos como agentes está na própria ideia de "social", que pensa apenas os humanos como atores.

“La principal razón por la que los objetos no tenían posibilidad alguna de cumplir un rol antes no era sólo la definición de lo social usada por los sociólogos, sino también la definición misma de actores y agencias que se elige con más asiduidad.” (Latour, 2008, p. 106)

Segundo Latour, se a agência é entendida como limitada aos humanos, é impossível pensar objetos como agentes. Segundo Freire (2006), Latour propõe que pensemos fora da comum divisão entre pessoas e coisas – e aqui está incluída a natureza. A partir daí, juntamente com outros autores, Latour desenvolve a Teoria Ator-Rede. Segundo Freire:

Questionando essas “grandes divisões”, Latour e Callon propõem ainda com esse princípio ultrapassar a dupla separação moderna entre os humanos e os não-humanos, defendendo que se dê igual importância de tratamento para a produção tanto dos primeiros quanto dos segundos, estudando-os ao mesmo tempo. Ao assumirem que tudo o que há é interação, Latour e Callon vão ainda mais longe ao reivindicarem uma simetria total entre os humanos e os não-humanos. (Freire, 2006, p.49)

A autora explica que para os autores, as relações humanas são intermediadas por uma série de objetos. Segundo a autora, Latour questiona diversas dicotomias, entre elas sujeito/objeto, tentando entendê-los de uma maneira mais relacional, sem passar por uma perspectiva de domínio dos homens sobre as coisas. Na própria Teoria Ator-Rede, ator é entendido como “tudo que age, deixa traço, produz efeito no mundo” (p.55), inclusive os objetos. Nesse sentido, os objetos também fazem parte das redes, que seriam os fluxos, circulações e alianças das quais os atores participam e nas quais atuam e influenciam.

Já Gell coloca que recusa a ideia de significados simbólicos para os objetos de arte. O autor busca pensar os objetos a partir de agências, intenções, transformações, ou seja, pensando os objetos como agentes sociais. Gell define agência e agente como:

“Agency is attributable to those persons (and things, see below) who/which are seen as initiating sequences of particular type, that is, events caused by acts of mind or will or intention, rather than the mere concatenation of physical events. An agent is one who 'acuses events to happen' in their vicinity” (Gell, 1998, p. 16)

Porém, coloca que não necessariamente o agente social tem intenção. Em relação aos objetos, esses podem ter intenções atribuídas pelos seres humanos. O autor dá um exemplo pessoal, de seu carro, que possuía nome e uma personalidade própria - atribuída por ele mesmo. Seu carro quebrava em momentos inapropriados, e ele atribuía a culpa ao próprio carro. Gell argumenta que racionalmente percebe esse sentimento como estranho, mas que a maioria dos donos de carro costumam atribuir uma personalidade própria a seus carros. Isso não parece problemático para o autor, pois não compromete nem confunde as diferenciações de categoria do que é coisa e do que é pessoa.

Segundo Grillo (2013), para Gell, não importa de fato se as coisas tem uma “alma” ou não “o que importa é onde ela se coloca numa rede de relações sociais” (Gell apud Grillo, p.123, tradução da autora). Gell faz ainda, uma diferenciação entre agência primária – humana, com intencionalidade – e agência secundária – das coisas, agência atribuída. Mas como coloca Grillo, essa diferenciação não compromete a posição dos objetos como verdadeiros agentes. Como argumento, Grillo utiliza o exemplo de Gell sobre os soldados PolPot do Camboja:

“Um soldado não é apenas um homem, mas um homem com uma arma, ou nesse caso com uma caixa de minas para lançar. As armas do soldado são partes dele que o fazem o que ele é. Não podemos falar dos soldados de PolPot sem nos referirmos, na mesma frase, ao seu armamento e ao contexto social e táticas militares que a posse deste armamento envolve. (...) O seu tipo de agência seria impensável exceto em conjunção com a capacidade espaço-temporalmente expandida para a violência que a posse de minas torna possível.” (Gell apud Grillo, 2013, p.20-21, tradução da autora)

Dessa forma, será possível pensar a *pole dancer*, não apenas como uma mulher dançando na barra, mas em uma relação de complementaridade? Os movimentos são possíveis de serem realizados em postes de ruas ou outras barras não apropriadas, mas a série coreográfica e os combos⁴⁴ pelo que observei até então, exigem uma série de condições (espessura, limpeza, aderência) que são encontradas somente nas barras apropriadas para o pole dance. O pole dance então, só pode ser entendido como pole dance, no encontro da pessoa com a barra.

As fotos postadas no *facebook* parecem bastante significativas disso, no sentido que são sempre fotos em movimentos junto à barra. O que conferiria um reconhecimento como *pole dancer*, no *facebook*, é a postagem de fotos e vídeos em movimentos na barra. Parece bastante óbvio falar na não existência do pole dance sem a barra, mas tentarei me aprofundar um pouco nessa discussão com algumas descrições sobre a barra.

3.2.1. A barra

A barra ou pole é, obviamente, central numa prática que é chamada de pole dance. A tradução literal da palavra inglesa pole, seria poste⁴⁵, porém, quando as *pole dancers* se referem ao pole, se não usam a palavra em inglês, usam geralmente barra. A barra é um objeto cilíndrico feito de metal – normalmente aço inox ou ferro cromado – junto a qual o pole dance é realizado. As barras são diversas, podem ser fixas ou

⁴⁴ O combos são a combinação de diversos movimentos seguidos. Uma coreografia é composta por diversos combos diferentes.

⁴⁵ O dicionário Michaelis on-line (<http://michaelis.uol.com.br/>) define como: “**n** 1 poste, estaca. 2 mastro. 3 vara, vareta. 4 zinga, vara de barco. 5 lança de carro. 6 medida de 5 1/2 jardas (5,029 m). 7 *Horse* curva da raia interna. **vt+vi** 1 suportar com postes ou estacas. 2 impelir por meio de vara (barco).”

removíveis, estáticas ou giratórias, e ter variações de diâmetro (varia entre 44,45mm e 50,80mm).⁴⁶

Os movimentos a serem realizados se dividem em giros, quedas, movimentos de força, movimento de flexibilidade e movimentos de força e flexibilidade. Todos realizados junto à barra. Há, nas coreografias de competição, alguns movimentos fora da barra, mas esses geralmente são movimentos de transição de uma barra para outra ou de um movimento para outro. O foco do aprendizado e do treino são os movimentos junto à barra, pelo que observei no estúdio e através da internet.

Nesse sentido, a barra é essencial para a prática do pole dance, e conseqüentemente suas características também são. Sendo assim, uma barra nova ou velha, limpa ou suja, escorregadia ou aderente irá influenciar no desempenho da *pole dancer*. Isso porque, segundo elas, a “fixação” da praticante na barra depende da aderência da pele na barra, que é influenciada por todos esses fatores. Existiria então uma possível agência da barra, já que há uma influência e atuação da barra na prática do pole dance.

Durante a pesquisa que fiz na graduação com velejadores de Niterói (Leal, 2013), ficou claro para mim como a Vela era um esporte completamente dependente de diversos objetos – especialmente o barco – mas por diversos motivos, não trabalhei a relação do velejador com esses objetos naquele momento. Quando comecei a realizar trabalho de campo junto à *pole dancers*, logo me chamou a atenção a relação que aquelas pessoas tinham com a barra.

A princípio achei bastante curioso que muitas delas – e não só as que competiam e treinavam, até as que estavam aprendendo há poucos meses – possuíam uma barra em casa. Eram barras especiais para pole dance, e as mais baratas custavam em torno de 500 reais. Meu questionamento era sobre como e por que a barra exercia um fascínio sobre essas mulheres, levando-as a pagar 500 reais para ter uma barra em casa, muitas vezes sem nem saber realizar muitos movimentos ainda.

O meu estranhamento talvez tenha se dado, pois em minha pesquisa anterior, com velejadores de 7 a 15 anos, a compra do barco aparecia como um momento no qual tanto as crianças, quanto os pais estavam criando um compromisso com o esporte. Sem

⁴⁶As barras fixas são aparafusadas no chão e o teto, já as removíveis são presas pela pressão entre os dois; as barras estáticas são barras fixas que não giram, já as giratórias são compostas por uma estrutura interna que permite que a barra “de fora” fique “solta” e gire. No estúdio onde observo as barras são giratórias, porém possuem um parafuso, que quando colocado, prende a barra de dentro com a fora, possibilitando que a barra fique estática.

considerar aqueles que vinham de família de velejadores, na maioria das vezes a criança passava um bom tempo na escolinha de vela sem ter o próprio barco – utilizando o barco da escolinha – e apenas adquiria seu próprio barco quando estava mais próximo de começar a competir.

No caso do pole dance, a aquisição da barra não estaria relacionada com momentos de competição e se dá, muitas vezes, mesmo sem haver a pretensão de competir algum dia, o que não parecia acontecer na vela.

*

No final de 2013, uma das alunas sugeriu que houvesse um amigo oculto de final de ano, e logo surgiu a ideia de que se realizasse uma festa para fazer o amigo oculto. Já havia estado em uma festa delas, a festa de comemoração de aniversário de um ano do estúdio, que tinha sido realizada no próprio estúdio, de tarde, em um sábado, até as 19h, hora que fechava o prédio. Naquele dia, depois de comermos e conversarmos um pouco, algumas das *pole dancers* “se apresentaram”. Éramos 11 mulheres ao todo, das quais sete fizeram uma coreografia, uma de cada vez, ao som de uma música escolhida enquanto as outras assistiam e filmavam. Uma foi embora antes das apresentações, uma era apenas convidada – uma praticante de artes circense –, e eu e mais uma aluna fomos “liberadas” da apresentação por estarmos a apenas 3 meses no estúdio.

Para essa segunda festa que seria realizada, a intenção era que não fosse no estúdio para não ter hora pra acabar. Porém, várias das alunas reivindicaram⁴⁷ que fosse em um lugar que tivesse barra. A Talita sugeriu então que fosse na casa dela, pois a data escolhida era seu aniversário e ela possuía uma barra removível. Ficou resolvido então que a festa seria em seu apartamento.

No dia da festa, fui a primeira a chegar, ajudei Talita com os últimos preparativos em um dos quartos da casa, no qual estava a sua barra. Ela falou que ali era muito apertado, que estava pensando em colocar a barra na sala, mas não o fez. A princípio me pareceu uma festa bem parecida com muitas que já havia ido em minha vida: 12 mulheres sentadas na sala, tomando cerveja, e comendo salgadinhos e doces.

⁴⁷ Como já coloquei, existe o grupo secreto das alunas no *facebook*, no qual ocorrem essas discussões.

Fizemos o amigo oculto⁴⁸, no qual uma das praticantes ganhou uma fantasia de médica. O presente fora dado pela Talita, que é médica, para a Patrícia, que estuda para tentar entrar em uma faculdade de Medicina.

A fantasia consistia em uma saia branca transpassada bem curta, um top branco também transpassado que permitia que se visse toda a barriga, luvas vermelhas e um arco recoberto por tecido branco, que deixava um pedaço de tecido em pé na cabeça, com um detalhe de cruz vermelha. Patrícia foi a última a receber seu presente, e fez com que várias das outras presentes insistissem para que ela dançasse fantasiada. A princípio ela se recusou, até que Talita resolveu trazer sua barra para a sala. Foi ajudada por seu namorado, que mora com ela e tinha saído durante o amigo oculto e havia voltado para a festa.

Enquanto Talita e seu namorado colocavam a barra presa⁴⁹, Patrícia se arrumava para se apresentar. A partir daí percebia que a festa havia tomado outro rumo. A barra virou o centro das atenções daquela festa. Várias delas se apresentaram, e quando ninguém mais queria se apresentar, elas passaram a tirar fotos na barra⁵⁰, a treinar e a ensinar umas as outras alguns movimentos. A festa passou a ser então bastante diferente de outras festas que já havia ido: mulheres dançando com roupas curtíssimas, sozinhas, mesmo na presença de homens que não conheciam⁵¹, algumas inclusive dançando de maneira que elas consideravam sensual.

A barra foi, nesse sentido, transformadora daquela festa. A presença da barra fez com que houvesse situações naquele espaço, que sem ela não aconteceriam. Nesse sentido, é possível pensar uma agência da barra nessa situação, pensando a barra como actante⁵² uma vez que produziu efeitos e transformou relações naquele espaço.

3.2.2. Roupas e acessórios

Optei por tratar aqui também do vestuário por ser tema frequente de discussão entre as praticantes do estúdio no qual pesquiso. No primeiro contato que fiz com a

⁴⁸ O amigo oculto, segundo uma delas escreveu era de “sex shop e lingerie para as mais recatadas”, mas ninguém se pronunciou preferindo lingerie.

⁴⁹ Como já coloquei em nota, existem barras removíveis encaixadas através de pressão no teto de no chão. A barra em questão era uma barra removível e por isso pôde ser deslocada.

⁵⁰ As fotos tem um papel importante na dinâmica das praticantes, e especialmente no *facebook*.

⁵¹ Como era aniversário da Talita, estavam presentes seu namorado e o namorado da irmã de seu namorado, que nenhuma delas conhecia.

⁵² Uso actante aqui como conceito proposto por Latour (2008), que aparece para indicar agência dos atores na teoria ator-rede.

professora, interessada em me matricular e realizar a pesquisa, ela colocou que eu deveria ir com “short curtinho e uma blusa que não limitasse meus movimentos”. Com pouco conhecimento da prática, fui com o short mais curto que tinha e uma blusa sem manga. Ao chegar, percebi que as outras alunas estavam de short mais curto que o meu e apenas de top, sem camisa. Com o tempo, fui circulando mais por diversas turmas e tendo contato com mulheres diferentes, podendo observar que a maneira de se vestir variava um pouco. Existiam aquelas que faziam a aula toda de top e short, aquelas que começam a aula de blusa, e, se necessário tiravam a blusa – ficando de top – durante a aula, e ainda aquelas que nunca vi tirar a blusa, apenas levantavam para realização de um movimento específico que precisasse do contato da barra com a barriga.

A explicação que ouvi algumas vezes para que essa fosse a vestimenta adequada, é que os movimentos são baseados na aderência da pele com a barra, já o tecido comum – diferente de vinil, couro etc – com a barra faz com que o corpo escorregue. Mas ainda que houvesse uma explicação para a “pouca roupa”, havia essa variação descrita acima.

As praticantes que ouvi sobre o assunto, consideravam alguns acessórios como definidores de sensualidade, e o salto parece ser o principal deles. A própria professora me relatou que em alguns campeonatos nacionais de alguns países é permitido o uso do salto alto, enquanto no Brasil, é obrigatória a realização da performance descalça ou de sapatilha. Segundo ela, essa regulamentação da vestimenta faz dos campeonatos brasileiros mais esportivos.

Porém, existe no Brasil também, um campeonato que elas consideram “de brincadeira”, no qual é permitido o uso de salto e roupas e acessórios considerados sensuais. Para ilustrar um pouco essa dimensão, separei dois trechos dos regulamentos dos dois campeonatos. Os itens do Campeonato Brasileiro de Pole Dance 2013 dizem:

“5.1.1. O figurino feminino deverá ser escolhido pela atleta dentre os seguintes itens: short, short-saia, sunquíni, sungão, top ou macaquinho. A atleta poderá apresentar-se descalça ou de sapatilha.

[...] ⁵³

⁵³ Suprimi aqui o item sobre o vestuário masculino, por estar tratando de um recorte da categoria feminina.

5.1.3. Os figurinos devem cobrir totalmente os glúteos e os seios. Caso o figurino contenha decote nos seios, deverá ser colocada tela transparente, no sentido de evitar exposição de partes íntimas.

5.1.4. Os figurinos podem ser confeccionados em qualquer tecido, exceto materiais que possam facilitar a aderência na barra, como vinil ou látex.

5.1.5. Não é permitido o uso de luvas, protetores de pé, tênis, tensores ou outro tipo de acessório, exceto brincos, pequenos adereços de cabeça e itens necessários para a saúde do atleta, como óculos de grau.

5.1.6. É permitido usar tatuagens temporárias aplicadas sobre o corpo do atleta, desde que não deixem resquícios no palco ou nas barras.

5.1.7. É proibido usar brilho aplicado sobre o próprio corpo ou qualquer outro produto que dificulte a limpeza da barra e prejudique as apresentações dos demais atletas.”

A regulamentação traz ainda alguns itens relacionados ao figurino e a coreografia que desclassificariam o candidato:

“8.3. Será desclassificado o atleta que intencionalmente remover peças do vestuário durante a apresentação, seja na Semi-Final ou na Final.

8.4. Será desclassificado o atleta que não seguir as regras de vestuário, conforme descrito neste regulamento.”⁵⁴

Enquanto no Miss Pole Dance Glamour 2014, o campeonato considerado mais sensual, é colocado:

“FEMININO AMADOR E PROFISSIONAL e DUPLAS (Mulheres):

26. Macaquinhos, Shorts, Sungão, Biquini, Lingerie Performática, Acessórios, Sandália, Bota e muito “BRILHO”. Obrigatório o uso de salto alto. Mínimo 5cm!”(grifo do site)

⁵⁴Retirado do site <http://www.cbpoledance.com.br/>

28. “É expressamente proibida a retirada de peças íntimas que demonstre NUDEZ. Será permitida somente a retirada de Capas, Mantos, Saias, Calças com velcro, Camisetas”⁵⁵

A responsável pela realização dos dois campeonatos é a mesma pessoa, a pioneira do pole dance no Brasil, segundo ela mesma. O primeiro regulamento se refere ao 5º Campeonato Brasileiro de Pole Dance: Miss Pole Dance Brasil 2013, já o segundo refere-se ao Miss Pole Dance Glamour 2014. A diferença entre os dois é que o primeiro se propõe a ser um “campeonato brasileiro”, nomeando inclusive seus participantes de atletas, ou seja, segundo a professora do estúdio que acompanho, é um campeonato “mais esporte”. Já o segundo traz uma “proposta diferente”, segundo o site do evento, convidando as praticantes a trazerem sua doçura, sensualidade e beleza. Para as praticantes com as quais tenho contato, esse é um campeonato para se divertir e mostrar sensualidade. Sendo assim, mesmo praticantes que nunca competiam e que não pretendiam competir em outros campeonatos participaram. Já uma *pole dancer* que tive contato e competiu no Campeonato Brasileiro de 2013, decidiu não participar por não gostar desse “estilo sensual”.

Pode-se dizer então que são dois tipos de competição diferentes. O interessante é perceber que a perspectiva do que é “mais sensual” e do que é “mais esporte” aparece diretamente relacionado à vestimenta e acessórios. Como coloquei, o salto é essencial em um campeonato que se propõe sensual. Para sensualidade é permitido o uso de biquíni ou lingerie, enquanto no campeonato “sério” só é permitido aquilo que cubra as nádegas por inteiro. No Miss Pole Dance Glamour não há uma preocupação em sujar a barra, e que prejudique outras candidatas, nem se o material da roupa irá favorecer a aderência, pois não há muitas restrições e a participante pode se vestir e usar qualquer tipo de enfeito ou adereço como quiser. Por fim, enquanto no Campeonato Brasileiro não é permitido que se tire nenhuma peça de roupa, no Glamour só é proibida a nudez.

“A Marina falou que queria comprar uma bota comprida de vinil, e elas comentaram que no Campeonato Brasileiro não podia usar vinil porque é sexy. Marina falou que queria ser australiana pra poder competir o campeonato delas, botar salto. Que lá elas usam até

⁵⁵Retirado de <http://www.misspoledanceglamour.com.br/>

enfiado na bunda(sic) e ninguém tá nem aí. A Julie falou que aqui eles estão neuróticos com isso de não poder ter nada que seja sexy.” Nota de diário de campo. 10/08/2013

A diferença que elas colocam do campeonato brasileiro para o australiano, é que na Austrália o campeonato “sério” delas é sensual, enquanto aqui, há uma insistência pela “esportivização” do principal campeonato. Segundo uma delas, o Glamour é um campeonato pequeno, que acontece de dois em dois anos e que não dá visibilidade. Enquanto o Campeonato Brasileiro dá à participante, por exemplo, a chance de competir no Campeonato Sulamericano.

Taniele Rui (2012) coloca como o cachimbo pode marcar “hierarquias e diferenciações internas” entre os consumidores de crack. Ela relata como uma menina acusada de fumar crack na lata se sente indignada e insiste em afirmar que fumou no cachimbo. Ela relaciona essa situação a um sentimento de humanidade e dignidade, ou seja, a pessoa que opta por fumar no cachimbo e não em uma lata “nojenta” demonstra que ainda tem preservado seu discernimento.

Nos campeonatos brasileiros há uma hierarquia entre as modalidades, que também é marcada pelas vestimentas. O que tem visibilidade – de público e de mídia – e que promove internacionalmente as participantes não pode permitir roupas “enfiadas” e botas de vinil. Essa maneira de se vestir só pode ser permitida em um campeonato “sem importância”.

Mais uma vez penso se essas roupas aqui estão somente simbolizando uma hierarquia já existente, ou se estão também ajudando a construí-la. A roupa e acessórios tem a capacidade de transformar uma “atleta” em uma “mulher sensual”. A compra do salto está sempre relacionada a um investimento na sensualidade. O salto modifica – me arriscaria a dizer – uma identidade de gênero. Então, essas roupas seriam actantes nesse espaço, pois estão agindo e influenciando nas relações sociais nesse espaço.

Logo, é preciso compreender que fatores ligados a corporalidade estão em constante diálogo com as relações de gênero formadas no espaço da prática do pole dance. No próximo e último capítulo, acredito que ficará mais clara essa relação, no sentido em que é possível perceber como a construção de identidade daquelas mulheres está relacionada ao aprendizado das técnicas do pole dance, mas também do entendimento que elas têm de seus próprios corpos e como esses estão à disposição de uma construção de identidades de gênero.

4. Capítulo 3: Sensualidade, identidade e empoderamento

Nesse capítulo, procuro trazer algumas interpretações a respeito das identidades de gênero presentes no espaço do pole dance nos espaços que acompanhei. Para isso é preciso explicar que durante meu trabalho de campo, pude observar a presença de homens – apesar de não ter tido contato com esses – inclusive competindo, mas ainda é uma prática majoritariamente composta por mulheres. Partindo dessa observação de campo, tentarei aqui colocar algumas interpretações acerca do espaço e da criação de identidade da mulher *pole dancer*. São construídas não só identidades de *pole dancers*, mas também identidades de gênero. Mas, quais identidades seriam essas? Em que contextos elas são formadas e em que contextos são explicitadas? Como se dá a articulação entre a sensualidade e a não-sensualidade na formação das identidades desse grupo?

Laqueur (2001) coloca que enquanto nós pensamos hoje o sexo como dado e o gênero como cultural, essa ideia era invertida nos textos pré-iluministas e alguns posteriores, sendo o gênero – homem, mulher – como real, e o sexo ou o corpo como epifenômeno. “Ser homem ou mulher era manter uma posição social, um lugar na sociedade, assumir um papel cultural, não ser organicamente um ou outro de dois sexos incomensuráveis.” (p.19) O autor consegue demonstrar como o corpo aparece como uma construção cultural e não é algo dado, ou natural como pensa o senso comum. Sendo assim, não só o gênero, mas o sexo também faz parte de um discurso cultural e varia conforme época e local. Ele explica que escreve sobre sexo, porém tenta mostrar que:

“quase tudo que se queira dizer sobre sexo – de qualquer forma que sexo seja compreendido – já contém em si uma reivindicação sobre gênero. O sexo, tanto no mundo de sexo único como no de dois sexos, é situacional: é explicável apenas dentro do contexto da luta sobre gênero e poder.” (p.23)

E a partir daí, desenvolve sua teoria argumentando como a ideia de sexo único fazia sentido em determinado contexto político, e como a ideia de dois sexos passou a fazer sentido em outro contexto.

“A ascensão da religião evangélica, a teoria política do Iluminismo, o desenvolvimento de novos tipos de espaços públicos no século XVIII,

as idéias de Locke de casamento como um contrato, as possibilidades cataclísmicas de mudança social elaboradas pela Revolução Francesa, o conservadorismo pós-revolucionário, o feminismo pós-revolucionário, o sistema de fábricas com sua reestruturação da divisão sexual de trabalho, o surgimento de uma organização de livre mercado de serviços ou produtos, o nascimento das classes, separadamente ou em conjunto – nada disso causou a construção de um novo corpo sexuado. A reconstrução do corpo foi por si só intrínseca a cada um desses desenvolvimentos.” (p. 23)

O autor explica então que o sexo, ou a construção do sexo é situacional. Ela depende de fatores sociais e políticos. Como apresentado no trecho acima, a ideia de dois sexos opostos passou a fazer sentido em determinado contexto político, no qual havia disputas de poder.

O importante de trazer esse autor, é poder perceber como tanto sexo quanto gênero são construções sociais. Dessa forma, ainda que eu coloque no início do capítulo que estou trabalhando com “mulheres”, é importante compreender em que contexto essas pessoas aparecem como “mulheres”, e como desenvolver interpretações acerca da identidade de gênero das *pole dancers* a partir dessas concepções.

“Nós não podemos colocar de lado a categoria do sexo em nossas análises do gênero, porque este é o espaço discursivo a partir do qual nós começamos nossos estudos comparativos sobre o gênero. Mas, nós precisamos fazer isso sem esquecermos que o sexo é aquilo que é entendido, na América, como o núcleo central do gênero, sendo implícito que isto pode não ser a mesma coisa em outros contextos” (Yanagisako, apud Vale de Almeida, 1995, p.140).

Como coloca Yanagisako, pode ser produtivo partir de sexo para compreender gênero, uma vez que o sexo pode ser entendido como núcleo do gênero. Mas é preciso ter em mente também, como coloquei acima, que Laqueur nos informa que o sexo também é uma ideia construída. Porém, me parece bastante útil pensar em mulher nessa pesquisa, uma vez que a ideia de “mulher” e “feminino” aparece constantemente no espaço do pole dance, tanto no grupo que tenho participado, quanto nas próprias competições, através das categorias de participação.

Dessa forma, acredito que, eu, enquanto mulher, tive facilidade no acesso às *pole dancers*. Ainda que minha primeira tentativa de entrada em campo tenha sido frustrada, isso não teve nenhuma relação com alguma ideia de sexo que as *pole dancers* pudessem ter em relação a mim. Mas pelo contrário, em uma segunda tentativa, fui muito bem recebida e tive acesso às aulas, festas, conversas e redes sociais, e isso, tem

relação com o fato de eu ser vista como mulher, uma vez que homens não tinham o mesmo acesso às aulas.

Certa vez, o namorado da Talita, uma de minhas colegas de turma, quis assistir a uma aula. Talita então perguntou a professora se ele poderia assistir, e a professora recomendou que ela consultasse as outras alunas da turma – eu e mais uma praticante. Autorizado pelas duas e pela professora o namorado de Talita pode assistir à aula. Fica claro que, essa consulta às outras se deu pelo fato de ser um homem, uma vez que quando há uma mulher querendo assistir – seja por interesse na aula ou para esperar alguém – ou uma nova aluna, não há essa preocupação. Dessa forma, o fato de eu ter um sexo que me colocava em uma posição de prévia aprovação para ter acesso às aulas e conversas, facilitou a minha entrada em campo.

Como aparece no primeiro capítulo deste trabalho, o pole dance se iniciou no Brasil com mulheres, inicialmente inclusive como estímulo a uma sensualidade e feminilidade associada às mulheres. Sendo assim, mesmo os primeiros campeonatos, contaram apenas com a participação das mulheres e, aos poucos, os homens foram sendo introduzidos nesse espaço. No site oficial do Campeonato Brasileiro de Pole Dance, aparecem os rankings dos campeonatos anuais, desde 2008, separados em categorias. Vemos que os campeonatos se organizaram nas seguintes categorias:

2008 - Feminino amador

2009 – Feminino amador e feminino profissional

2010 – Feminino amador, feminino profissional e masculino

2011 – Feminino máster, feminino amador, feminino profissional, duplas e masculino

2012 - Feminino máster, feminino amador, feminino profissional, duplas e masculino

2013 - Feminino amador, feminino profissional, duplas, masculino amador e masculino profissional.⁵⁶

Em 2015, como descrito no primeiro capítulo, houve a criação da Liga Brasileira de pole Sport, e a transformação do Campeonato Brasileiro de Pole Dance em Campeonato Brasileiro de Pole Sport. Dessa forma, algumas regras foram alteradas, de

⁵⁶ O ano de 2014 não aparece no site.

acordo com regras internacionais de Pole Sport e, assim, foram reorganizadas as categorias:

2015 – Amador-misto-novatos, elite-misto-novatos (10-14 anos), elite-misto-juniores (15-17 anos), elite-misto-masters, elite-misto-duplas, amador-feminino-veteranos, amador-feminino-masters, profissional-feminino-veteranos, elite-feminino-veteranos, amador-masculino-veteranos, profissional-masculino-veteranos, e elite-masculino-veteranos (para compreender melhor a organização das categorias ver Anexo 1)

Na minha primeira aula, perguntei à professora se ela tinha alunos homens e ela me respondeu que não, que seria complicado porque as mulheres teriam vergonha de seus corpos, uma vez que é preciso usar short curto e top para a prática do pole. Em uma outra conversa, o assunto de alunos homens apareceu novamente, e a professora falou que já tinha tido um aluno que ela dava aula particular, mas que não gostava muito. Contou que fora procurada por um pretense aluno uma vez, mas que não pôde aceitar, porque seria complicado inseri-lo em uma turma de mulheres. Minha companheira de turma completou dizendo que seria complicado “ficar toda arreganhada” e “querer ajeitar a roupa toda hora” com um homem ali, que seria constrangedor, ressaltou ainda que só seria aceitável se fosse um aluno gay. No final da conversa ela afirmou “eu gosto mais assim, das aulas só com mulheres, dá uma sensação da gente tá em casa”.

Com a expansão do estúdio, uma das professoras novas abriu uma turma só para homens. O único aluno era namorado de uma das alunas do estúdio. Certa vez comentei sobre a possibilidade de um amigo fazer aulas e uma das professoras comentou para que eu falasse para ele que poderia ir fazer aula tranquilo, pois a turma era bastante hetero, dando risadas em seguida. Essa mesma professora já tinha me relatado certa vez, que em outros países existem muitos homens praticando pole dance, mas que metade são namorados ou maridos de *pole dancers* e a outra metade são homossexuais.

Não tive muito contato com homens que praticavam o pole dance, apenas conheci esse namorado de uma das alunas que fez aula durante um tempo e presenciei apresentações em campeonatos. Mas, como já foi descrito nesse trabalho, existiam algumas situações em que as *pole dancers* se sentiam à vontade para praticar em frente

aos homens, como aulas dos dias dos namorados⁵⁷, *street pole*⁵⁸, algumas festas e campeonatos. Pelo que observei esse conforto era em relação a homens que eram namorados delas ou de outras praticantes, ou ao menos estavam presentes em algum número, como no caso do *street pole*, que apesar de ser realizado na rua, havia sempre pelo menos dois ou três namorados junto com o grupo de meninas.

Isso apareceu mais claramente para mim no carnaval de 2014, quando as praticantes do estúdio organizaram o pole bloco ou pole folia. A proposta consistia em praticar pole dance na rua, fantasiadas. A princípio, algumas meninas queriam ir para um bloco de carnaval do Rio de Janeiro, e abriu-se uma discussão no grupo do estúdio. A discussão girou em torno de qual seria o melhor local para realizar o pole bloco, uma vez que segundo elas, no carnaval tinham muitos “engraçadinhos” e era preciso encontrar um lugar onde não houvesse tantos, ainda que algumas fossem levar seus maridos e namorados “de segurança”. Algumas comentaram que no ano anterior tinham feito o bloco na Farme⁵⁹, onde era mais tranquilo devido à concentração de homossexuais.

A discussão ainda se estendeu um pouco, várias das meninas opinaram, até que se decidiu ir para a Farme do Amoedo e “fazer pole pelo caminho”. Como o estúdio se localiza em Niterói, o Pole Bloco saiu da estação das Barcas, onde foi o ponto de encontro. Pegamos a barca até o Rio de Janeiro, e o metrô do Largo da Carioca até Ipanema.

“Logo no hall principal da estação das Barcas, elas começaram o ‘Pole Bloco’. Algumas tiraram algumas fotos com movimentos de flexibilidade nas pilastras das barcas e depois a Natalia sugeriu um alongamento coletivo. Acabei optando por não participar do alongamento pra poder fotografar e filmar. Fui a única que não participou, além dos namorados. Enquanto fotografava e filmava ouvi alguns comentários do tipo ‘nem na academia eu faço isso’. Apesar de alguns olhares, não houve um ajuntamento de pessoas para observar.

⁵⁷ No ano de 2013, enquanto era aluna do estúdio houve uma comemoração de dia dos namorados, na qual na semana da data comemorativa, em algumas turmas as alunas levaram seus namorados para fazer aula junto com elas.

⁵⁸ Como já foi colocado, pole street ou street pole é a realização de movimentos de pole dance em postes na rua.

⁵⁹ Aqui a aluna se refere à Rua Farme do Amoedo localizada no bairro de Ipanema, no Rio de Janeiro. Ao longo da rua há diversos bares e o espaço é conhecido como “*point gay*” do Rio de Janeiro.

Pegamos a barca, onde não houve nada por não haver muito espaço pra isso. Segundo elas, só a barca antiga tinha algumas estruturas que permitiam algumas acrobacias. Chegando na Praça XV, caminhamos até o Largo da Carioca, onde pegamos o metrô. Foi bastante curioso, quando entramos no metrô, tinham pessoas apoiadas na barra central do vagão, mas essas logo saltaram, e prontamente, sem falar nada, a Ana começou a limpar a barra com o álcool e a toalha que trazia na bolsa. Ela também trazia *grip*⁶⁰ que ofereceu às meninas. Em ordem aleatória, sem se comunicarem muito, as meninas foram subindo no pole e fazendo acrobacias. Algumas ainda aproveitaram outras duas barras, mais próximas as portas do vagão. As pessoas no vagão olhavam bastante. Quando o metrô parava e novas pessoas entravam, elas pareciam um pouco confusas, sem entender muito bem o que estava acontecendo. Um grupo de meninos, entre 20 e 30 anos, aparentemente bêbados, ficou um pouco mais animado e começou a gritar ‘uh, é pole dance’. Um deles, chamado pelos outros de Bruninho, disse que queria tentar. A princípio foi ignorado pelas meninas, mas ele insistiu. Tentou subir e fazer alguns giros, sem muito sucesso, mas acabou sendo aplaudido pelas meninas. As acrobacias e fotos continuaram até chegarmos ao nosso destino. Em Ipanema, fomos diretamente para a Farma do Amoedo, caminhamos ao longo da rua, até encontrar um poste bem fixo e sem muita gente ao redor. Uma a uma subiam e faziam seus movimentos, enquanto algumas outras e namorados fotografavam. Estávamos em um total de 20 pessoas, sendo seis namorados ou maridos.” (Diário de campo, 02/03/2014)

⁶⁰ Grip são produtos que ajudam a aumentar a aderência da pele em relação à barra. Pode ser em pó, líquido ou cola.



Alongamento coletivo no hall da estação das Barcas, Niterói.



Realização de movimentos no vagão do metrô e passageiros assistindo.



Realização de movimentos na Rua Farme do Amoedo em Ipanema, e aglomeração de pessoas que pararam para assistir.

Enquanto elas realizavam movimentos na rua, pessoas se reuniram ao redor para observar: homens, mulheres, famílias com crianças etc. Alguns tentaram movimentos no poste e se divertiram junto com as praticantes. Apenas um homem foi percebido como incômodo, pois ficou olhando uma delas subir no poste atentamente e o quando ela realizava um movimento de cabeça para baixo, beijou seu pé. Uma das colegas prontamente o repreendeu “tá maluco?”, alertando que ela poderia perder o equilíbrio e até cair do poste com uma distração desse tipo. O homem, aparentemente bêbado, não se incomodou muito e permaneceu próximo ao grupo. Então elas pararam de realizar acrobacias até que o homem sumisse de vista.

Tanto nesse dia, como em outro *pole street* que acompanhei, pude perceber que existem pessoas que elas consideram os “engraçadinhos”, como os meninos do metrô que gritaram ‘uh, é pole dance’ ou o homem que beijou o pé da praticante. O incômodo delas vem geralmente de atitudes de homens que se sentem à vontade para interferir de alguma forma na exposição delas, ainda que não tenham sido convidados, e que elas de certa forma veem como falta de respeito. E como colocado por elas, fora de um espaço gay, a presença desses seria maior. Nesse sentido, o incômodo parece não estar relacionado a um possível desejo do corpo da *pole dancer* e uma visão sexualizada daquele corpo, uma vez que, ainda em um espaço gay, pode haver lésbicas, por exemplo, que podem desejar seus corpos. Mas, estaria relacionado ao “respeito”, a não interferência, a uma exaltação explícita desse caráter sexualizado desse corpo, ou até o toque do corpo.

Essas experiências fazem parte de uma dinâmica mais abrangente que diz respeito a como as *pole dancers* entendem que são vistas por muitas pessoas e como elas se veem.



Essas duas imagens, encontradas em páginas do *Facebook* sobre pole dance, exemplificam o que estou tentando colocar. De alguma forma, há uma expectativa que algumas pessoas esperem das *pole dancers* uma postura sexualizada, como coloca o termo “vagabunda” e ideia de o rapaz pedir uma dança – implicitamente entendida como sensual – para a *pole dancer*. Em contraponto, as praticantes expressam seu descontentamento com essa visão, como a fato de “odiarem” serem vistas como praticantes de “coisa de vagabunda” e atirar na cabeça do rapaz. Como venho colocando ao longo do trabalho, essa é uma ideia ampla – do pole dance relacionado a sensualidade ou erotizado – relacionado a sua origem e a possibilidade de práticas existentes.

“Eu perguntei se muitas meninas procuravam ela pra aprender a dançar pro namorado, essas coisas. Ela falou que sim, mas que normalmente é porque tem vergonha de dançar e acha que ali (no aprendizado do pole) vai achar alguma coisa, mas elas percebem que não é aquilo. Algumas deixam, outras gostam e ficam. O namorado

dela comentou que quando via ela dançando ele ficava com medo, porque achava muito perigoso o que ela fazia, que ela não dança pra ele de jeito sexy, ele só vê ela treinando. A Lena falou que uma vez foi dançar pro namorado, e fez um movimento que ele olhou e falou ‘nossa, isso é muito difícil’. Eu perguntei pro namorado da Natalia, o Arthur, se ninguém dizia pra ele como ele era sortudo quando ele falava de namorar uma professora de pole. Ele respondeu: “direeto!”, e comentou que o pai dele, quando ele falou o que a Natalia fazia, ele perguntou ‘mas ela trabalha em boate?’ ele explicou que não, mas segundo ele, seu pai não acreditou muito.” (Diário de campo, 27/07/2013)

Ainda que algumas utilizem o pole com elementos sensuais em alguns espaços, as *pole dancers* com as quais conversei interessam-se mais por visão delas como praticantes de algo “difícil” ou “perigoso”. A impressão que elas têm de que são vistas como eróticas ou sensuais, parece estar baseada em determinadas experiências. Em um primeiro diálogo com o namorado de uma das *pole dancers* não me contive em perguntar a ele se as pessoas não o chamavam de sortudo, como aparece no trecho a cima do meu diário de campo. Essa pergunta foi inspirada por uma situação que eu mesma vinha passando no início do meu trabalho de campo: ao contar para amigos, colegas ou conhecidos sobre minha pesquisa, muitos faziam comentários insinuando que meu namorado seria um sortudo ou indagando o que ele vinha achando dessa experiência. É interessante ressaltar ainda, a fala do pai do Arthur, que não conseguia compreender como a Natalia era praticante de pole dance e não trabalhava dançando em boate.

Dessa forma, é possível entender que elas já criam determinada expectativa em relação aos outros – não praticantes de pole dance. Esperam que eles tenham uma visão erotizada da prática que precisa ser contestada por elas. Mas, ainda que tentem mudar a visão das pessoas e pedir “respeito” e “reconhecimento”, como foi colocado em outros capítulos, ao mesmo tempo elas tentam se preservar de situações ruins relacionadas a uma concepção erotizada do pole dance.

As *pole dancers* escolhem e determinam a realização da prática aos espaços em que não correm o risco de serem julgadas, hostilizadas ou tocadas em decorrência de uma concepção de *pole dancer* diferente da delas. É sensato para elas de que o pole

dance não seja praticado em qualquer bairro, bloco ou rua durante o carnaval. Isso porque pode haver “os engraçadinhos”, aqueles que tem uma visão sexualizada da prática e farão interferências que elas consideram inadequadas.

Jorge Knijnik (2003) escreve sobre o lugar da mulher nos esportes. O autor afirma que o processo de inclusão das mulheres no esporte foi um processo difícil para essas. Desde o início dos Jogos Olímpicos da era moderna, houve uma exclusão das mulheres, pois havia uma ideia de que esporte era para homens, brancos e jovens de classe alta. A participação nos esporte então, foi mais uma das lutas das mulheres desde o final do século XIX. Aos poucos, as mulheres foram conquistando espaço nos esporte, até começarem a ocupar espaço em modalidades ditas “masculinas”.

Ainda assim, o autor coloca que “chavões de beleza e sexualidade são comumente utilizados para designar atletas de diferentes modalidades.” (p.28) O autor questiona então se esse tipo de preconceito ainda dificultaria o engajamento das mulheres no esporte. E “de que maneira os estereótipos sexuais influenciam na escolha de uma modalidade, a despeito de interesses e habilidades específicas?” (p.28)

Ele argumenta que há uma grande valorização dos atributos estéticos femininos, e de sua beleza em detrimento da habilidade esportiva da atleta. E cita Kolnes para argumentar:

“Enquanto os homens atletas são descritos em termos de suas façanhas, de competitividade, de sua força física e psicológica, de sua bravura por jogar mesmo estando seriamente machucados, as mulheres atletas são descritas em termos de sua aparência física, feminilidade, comportamento não-competitivo e relacionamentos.” (apud Knijnik, 2003, p.30)

Da mesma forma, muitas vezes as habilidades dessas *pole dancers* são minimizados em relação a seus atributos físicos e sensualidade – seja essa atribuída às mulheres em geral ou a prática do pole dance. O estereótipo sexualizado realmente incomoda às praticantes do pole dance.

Como colocado no capítulo 1, a tentativa de distinção das praticantes desse estereótipo sexualizado é frequente, o que aparece também como demarcação das identidades de gênero. As demarcações feitas por elas parecem estar no sentido de colocar que elas não são mulheres que estariam a serviço dos homens, mas buscando uma realização em uma atividade essencialmente delas.

O estereótipo de quem agrada o namorado ou dança para homens em boate – que aparece no trecho do meu diário de campo – parece trazer uma identidade de gênero reconhecida negativamente por elas. As *pole dancers* que conheci fazem questão de se diferenciar desse estereótipo, seja como atleta ou como alguém que pratica o pole dance para uma realização própria. Muitas praticam o pole dance como esporte, arte ou prática sensual, mas um dos fatores que traz identidades de gênero diferenciadas a elas, na minha interpretação, é o fato de estarem referidas aos próprios desejos e não aos desejos dos homens.

4.1. O espaço da sensualidade no pole dance

A sensualidade, a princípio, me parecia algo relacionada com o pole dance. Mas, como já coloquei, meus primeiros contatos mais diretos com o assunto, foram pela internet, através de sites e também reportagens. Nessas reportagens, principalmente, e em alguns outros espaços de divulgação, fiquei bastante surpresa ao observar que os discursos presentes eram sempre na tentativa de acabar com essa visão do pole dance – erotismo, sensualidade – e colocar uma visão mais voltada para o esporte, a arte e a vida saudável.

Porém, a partir do meu contato direto com as praticantes, percebi que essa visão não era nem um consenso, nem propriamente a única visão de algumas delas. O que observei, é que havia um discurso “contra” o pole dance sensual, procurando “respeito”, “legitimação” e “fim do preconceito” que aparecia em meios “mais públicos”, como jornais, revistas e sites oficiais. E, outro discurso “mais privado” que circula nos estúdios ou páginas da internet de menor acesso – como grupos, ou mesmo páginas do *facebook* que não são amplamente divulgadas – que assume e pratica o pole dance como sensual.

Acompanhei o preparo das praticantes para dois campeonatos, o 5º Campeonato Brasileiro de pole dance: Miss Pole Dance Brasil 2013, que aconteceu em setembro de 2013 e o Miss Pole Dance Glamour 2014, que aconteceu em fevereiro de 2014. O primeiro é um dos principais campeonatos que acontece no Brasil, com um extenso regulamento e ampla divulgação na internet e na mídia. O campeonato tem regras rígidas em relação ao vestuário, coreografias e movimentos, se aproximando mais do que elas consideram uma perspectiva mais esportiva.

Enquanto o segundo é um campeonato voltado para coreografias sensuais. O curioso é que a princípio, esse segundo campeonato seria realizado em um navio, durante um cruzeiro. A ideia não deu certo, pois era necessário a confirmação de um determinado número de participantes para que fosse possível fechar o navio. O número não foi atingido, e então foi decidido transferir o campeonato para um teatro em Curitiba. Aqui, é possível pensar por que um campeonato sensual é promovido em um navio, enquanto um “esportivo” não. O Campeonato Brasileiro teve cobertura da mídia, principalmente esportiva, enquanto o Glamour não. A divulgação, pelo que observei foi muito menor, eu mesma soube do campeonato através das outras praticantes e não da divulgação via *facebook* como costuma acontecer com outras competições.

Como colocado no primeiro capítulo, o pole dance, em sua origem, era restrito a casas noturnas e tinha uma conotação erótica. Ao que me parece, o “pole dance erótico” continua restrito a domínios privados, como estúdios, encontro de mulheres, ou até campeonatos que não chegam ao conhecimento do “grande público”. A sensualidade é permitida apenas entre as próprias praticantes ou como artifício de sedução.

Já estive em uma aula que uma praticante treinava uma coreografia sozinha. Curiosamente perguntei por que e ela me respondeu que dançaria para seu namorado, pois estava comemorando um ano de namoro. Essa apropriação do pole dance para o âmbito íntimo na verdade não é muito comentada nas aulas que acompanho, porém, o interesse pelo pole dance sensual é grande. A procura pelas aulas de *sexy pole* – como elas chamam a “vertente” do pole dance mais sensual – foi tão grande durante o último ano, que a dona do estúdio que acompanhei decidiu abrir uma turma somente de *sexy pole*.

Em algumas postagens do grupo secreto que participei, era possível encontrar comentários sobre o uso do pole dance com sensualidade. Em uma delas, uma aluna agradecia às colegas de turma, por terem ajudado assistindo ela repetir a coreografia nas aulas. Segundo ela, ela tinha “arrasado” na dança, e as colegas comemoraram nos comentários, reforçando que não havia faltado torcida para que tudo desse certo.

Butler (2008) coloca como o gênero é performativo e a identidade de gênero “performativamente constituída, pelas próprias “expressões” tidas como seus resultados” (p.48). De acordo com a autora, não existiria um gênero por trás das performances de gênero que orientariam essas, mas as próprias performances criariam os gêneros. Nesse sentido, o gênero não é estável, mas performativo.

A partir da teoria de Butler, é possível entender como existe espaço para uma performance sensual das *pole dancers*. Uma vez que suas identidades de gênero não são estáticas, uma performance esportiva não pode ser pensada como contraditória à sensual, mas apenas diferente. As duas performances, e, portanto, identidades podem existir dentro de um mesmo grupo ou até uma mesma pessoa.

Gregori (2012) coloca como a proliferação de *sex shops* está relacionada a modificações sociais, colocando como bens que são consumidos, podem não ser imposições do mercado, mas sim novas demandas dos consumidores.

“Salta aos olhos que, através desse fenômeno em que há uma espécie de retro-alimentação entre demanda e oportunidade, as normatividades sexuais que regulam o controle da sexualidade feminina estão sendo modificadas. Inegavelmente, estamos assistindo a uma valorização dos bens eróticos e por iniciativa de mulheres.”(p. 62)

Nesse sentido, ainda que, como coloquei acima, a sensualidade possa estar ligada à dinâmica de um relacionamento amoroso, ela pode também significar uma nova maneira das mulheres lidarem com sua sexualidade. Se as normas que regulam o controle sexual estão sendo modificadas, essas mulheres podem estar buscando um aprendizado de como ser sensual, não necessariamente para agrado de um parceiro. A busca do pole dance, nesse sentido, pode significar uma nova visão do que é ser mulher e do corpo feminino.

Há, então, uma dupla caracterização do pole dance. Por um lado uma ideia de sensualidade, ligado ao feminino, e por outro lado uma tentativa de tirar esse caráter sensual – ou até sexual – da prática. Essas duas “correntes” existem dentro do mesmo grupo, e às vezes até mesmo em uma mesma praticante.

4.1.1. Sensualidade como empoderamento

Baseada nas leituras sobre gênero percebi que descolar questões de gênero, de questões como corpo e poder seria complicado. Com a leitura da Butler (2008), pude começar a pensar em algumas questões sobre como articular gênero e outras esferas para pensar identidades de gênero. A autora coloca:

“[...] porque o gênero nem sempre se constitui de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero

estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida.” (p. 20)

Butler (2008) coloca que todas essas esferas – raciais, sexuais etc. – estão inseridas em relações de poder, e constituem a identidade. Ao mesmo tempo, estão intimamente ligadas às identidades de gênero. Considerando que essas identidades podem ser fluidas, e não fixas, acredito que duas *pole dancers* com um mesmo objetivo, fazem o mesmo uso de seus corpos, naquele espaço, elas podem ter uma mesma identidade de gênero, ainda que, em outras esferas de suas vidas, tenham identidades de gênero diferentes. Ou ainda, podem ter uma mesma performance de gênero naquele grupo.

Entre o grupo que tive contato no estúdio que comecei a fazer aulas, encontravam-se mulheres de 18 a 50 anos, moradoras de diferentes lugares (inclusive de outros municípios), com diferentes profissões, diferentes constituições familiares e diferentes estruturas corporais. Ainda assim, me pareciam todas muito próximas em relação ao gênero, uma vez que eram todas mulheres praticantes de pole dance – embora a prática do pole não tivesse o mesmo significado para cada uma delas (esportiva, para emagrecer, para fortalecer, para desenvolver feminilidade, para dançar para o namorado etc.).

Luiz Rojo (2009), em seu trabalho sobre esportes equestres, coloca uma discussão sobre identidade e identidade de gênero. Ele trabalha com a ideia das interseções das identidades de gêneros com diferentes esferas como familiar, profissional e esportiva. Rojo (2009) não trabalha com a ideia de feminino e masculino, mas com a ideia de dois gêneros: salto e adestramento, que estão diretamente relacionados aos aspectos das emoções. Ele se utiliza de categorias nativas que não estão sendo pensadas como categorias de gênero, para pensar categorias analíticas de gênero.

Ou seja, pensando nessa perspectiva de superar a análise apenas através da ideia de homens e mulheres, e pensar relações de gênero como construções de identidades de gênero, seria possível pensar em novas dinâmicas de relações de gênero.

Sara Mendonça (2013), em seu trabalho sobre escolhas de parto, também trabalha com um grupo majoritariamente formado por mulheres, e consegue identificar diferentes construções de identidades, que parecem passar pelas questões de gênero. No

caso apresentado por Mendonça (2013), há uma disputa entre aquelas que defendem o parto normal e as que optam por um parto cesárea. As que defendem o parto normal, em alguns contextos, nomeiam as que fazem cesárea de “menos mãe”, o que mostra uma construção de identidade através da oposição e da diferenciação das demais (Barth, 2000).

Butler (2008) traz uma crítica ao feminismo quanto à questão da representação. Ela questiona como a produção da categoria “mulheres” como sujeito do feminismo pode excluir e reprimir vozes, uma vez que há um grupo que quer falar por “todas”. Essa crítica que faz pensar na categoria de atleta associada ao pole dance. Minha primeira impressão do pole dance, através de sites e reportagens era de que todas as praticantes queriam acabar com “preconceito” sofrido por uma associação do pole dance com erotismo. Para minha surpresa, encontrei praticantes que até competem mas se sentem insatisfeitas com essa tendência de “esportivizar” o pole dance. Elas não se sentem representadas por aquelas que tentam legitimar a prática como esporte.

A autora coloca ainda algumas proposições que ajudam a compreender gênero como categoria analítica.

“Embora os cientistas sociais se refiram ao gênero como um “fator” ou “dimensão” da análise, ele também é aplicado a pessoas reais como uma “marca” de diferença biológica linguística e/ou cultural. Nestes últimos casos, o gênero pode ser compreendido como um significado assumido por um corpo (já) diferenciado sexualmente; contudo, mesmo assim esse significado só existe em relação a outro significado oposto. Algumas teorias feministas afirmam ser o gênero “uma relação”, alias um conjunto de relações, e não um atributo individual.” (p.28)

A partir daí, a autora coloca a posição de diversas autoras feministas quanto às concepções de gênero, sempre havendo uma relação entre o feminino e o masculino, relacionadas com a própria ideia de sujeito. Nesse contexto, ela propõe que pensar a categoria “mulheres” pode ser problemático, pois é uma categoria sempre incompleta. A ideia de “mulheres” é baseada numa ideia única de corpo, mas se não é possível pensar uma única corporalidade para representações diversas, não é possível pensar a categoria “mulher”.

Em diferentes pontos do texto, a autora traz a ideia de gênero como devir, uma ideia processual. Na leitura que faço, entendo que o gênero não seria algo fixo, cristalizado, mas algo que a pessoa se torna, uma ação, uma atividade, que aparece nas

relações, dando assim uma ideia de fluidez. A autora traz ainda a ideia de performance de gênero, no sentido de que é através do corpo que o gênero se manifesta. Assim, o gênero é construído, expresso e modificado através de atos, gestos e atuações. A essência seria uma fabricação, sendo assim não poderia existir gêneros verdadeiros ou falsos, mas “produzidos como efeitos de verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável.” (Butler, 2008, p. 195)

Dessa forma, é preciso compreender que as identidades de gênero nesse espaço estão sendo construídas em oposição, mas não necessariamente na oposição esporte x sensualidade. Algumas vezes que pregam essa oposição, às vezes, tentam silenciar outras, porém, muitas reivindicam uma mesma identidade.

Como Butler coloca, o gênero só tem significado em relação a um outro significado oposto. No caso das *pole dancers*, o significado oposto estaria relacionado a termos como “prostituta”, “vagabunda”, entre outros. Um significado que está relacionado a uma hipersexualização da prática, mas também a valores morais. Além da construção por oposição, existe uma construção através de uma performance de gênero, baseada em uma corporalidade própria da *pole dancer*, que envolve a prática em si, roupas e acessórios, como apresentado no Capítulo 2. Esses podem ser sensuais em determinados espaços, mas sem ultrapassar um limite moral.

Mas, considerando que a sensualidade carregaria um estereótipo negativo e nem todas as praticantes possuem namorado ou alguém com quem possam compartilhar essa sensualidade em espaços íntimos, o que leva por exemplo, um *workshop* de *sexy pole* ter a procura tão grande que leve a professora a abrir uma turma permanente de *sexy pole*, como aconteceu no estúdio em que fazia aulas em 2013?

Pude acompanhar através do *facebook*, que não era só esse estúdio que promovia aulas de *sexy pole* (ou *exotic pole*). Há *pole dancers* que são inclusive especializadas nessas modalidades, e são bastante procuradas. Em 2014, acompanhei um evento para o dia dos namorados de um estúdio de São Paulo:

“Especial dia dos namorados é uma semana especial pra você mulher despertar a feminilidade e sensualidade que existe dentro de você. Independente de você ter namorado ou não. O que vamos trabalhar nestes cursos é a auto estima e poder de cada mulher. Coreografia - música - ambiente - salto - figurino - feminilidade - sedução - técnica - auto estima - diversão - socialização e muito mais. Não deixe de

participar dessa semana. os melhores professores⁶¹ prepararam coreografias lindas pra vocês!” (Descrição do evento)

“Aluna: Puxa, muito bacana, mas sem namorado não dá

Professora: Dá sim. A semana especial do dia dos namorados é apenas um chamariz por causa da data, mas o evento é especial para a auto estima da mulher, independente de namorado ou não!

Professora 2: Antes deles existirem nós mulheres lindas, poderosas e sexys, não conseguiremos seduzi-los se primeiro não nos sentirmos capaz. Venha fazer e vai sair se achando rrsrs e quando estamos assim namorado é detalhe” (Diálogo em *post* do evento)

Observa-se que o que vem relacionado à sensualidade nessa descrição são palavras como feminilidade, poder, autoestima, entre outras.

No primeiro capítulo deste trabalho, eu coloco como o estúdio que acompanhei aderiu a um movimento chamado *Bringing Sexy Back*, criado nos Estados Unidos em 2012. É interessante que o movimento foi criado a partir de um texto escrito por uma *pole dancer* americana (ver anexo 3) que conta como, após um momento de intimidade com diversas *pole dancers* conhecidas mundialmente, no qual todas dançavam de forma *sexy*, percebeu que a sensualidade vinha sendo deixada de lado em prol do crescimento do pole dance. Seu argumento é de que seus *workshops* mais procurados eram de movimentos sensuais, que um dos grandes estúdios dos Estados Unidos, presente em diversas cidades, enfatiza o *sexy*: “If you look at S Factor, they mostly only focus on being sexy and getting in touch with your inner woman.”⁶²

No site do estúdio citado encontramos em destaque a frase: “Every class is a celebration of the feminine!”⁶³ Traz ainda algumas frases da fundadora do estúdio, uma delas diz “I love my pole. If it were up to me, every woman in the world would have a

⁶¹ Apesar de aparecer “os professores” que poderiam englobar homens e mulheres, no evento só observei professoras mulheres afirmando que ministrariam as aulas.

⁶² Se você olha para a S Factor, elas focam principalmente em ser *sexy* e estar em contato com sua mulher interior.

⁶³ Toda aula é uma celebração do feminino.

pole in her living room. Nothing gives you a sense of power or freedom like S Factor pole work. You feel like you're a sexual goddess, a kid, and a superhero all at once.⁶⁴”

Voltando ao contexto brasileiro, em 2013, primeiro ano em que as *pole dancers* adotaram o BSB no estúdio em que fiz aula, a professora postou logo após a primeira semana de BSB que o saldo eram muitos joelhos ralados, saltos quebrados, cansaço, e muito poder. Tanto as *pole dancers* americanas quanto a professora brasileira falam em poder. Mas o que seria esse poder ao qual elas se referem?

Logo no início do trabalho de campo, uma professora me indicou um livro sobre pole dance, que segundo ela, era o único que ela conhecia sobre o assunto até então. Ele é escrito por Claire Griffin Sterrett, que é uma instrutora de pole dance americana, que fez mestrado em Psicologia Somática, no qual defendeu sua dissertação com o tema “The Embodiment of Female Sexuality Through Erotic Dance”, em 2008. Em 2011 ela publicou o livro “Pole Story: Essays on the Power of Erotic Dance”. No primeiro capítulo, intitulado “Yes, pole dancing is empowering”, a autora coloca:

“Empowerment: a word many women use to describe their experience of pole dancing. It’s also a word that other people tend to get a bit twitchy about when it gets used in a conjunction with pole dancing. How can something that has been so strongly associated with the objectification and the moralization of women be called empowering?” (p. 116)

“Empowerment refers to increasing the spiritual, political, social or economic strength of individuals and communities. It involves individuals developing confidence in their personal capacities. So how does pole dancing fit into that definition?” (p. 145)

Primeiro é preciso esclarecer que me propus durante esse trabalho a analisar as relações do pole dance brasileiro. Porém, é necessário compreender que o pole dance – nos moldes que vem sendo apresentado – é uma prática bastante recente no mundo, e mais recente ainda no Brasil. Dessa forma, as brasileiras buscam constantemente inspirações em outros países, uma vez que ainda são poucas mulheres brasileiras que participam de campeonatos internacionais e tem influência em outros países. Nesse sentido, ainda que eu entenda que nem todo entendimento da prática no exterior pode ser usado para compreender o pole dance brasileiro, é preciso reconhecer também que o

⁶⁴ Eu amo minha barra. Se dependesse de mim, toda mulher no mundo teria uma barra na sua sala. Nada te dá uma noção poder e liberdade como o trabalho da S Factor. Você se sente como se fosse uma deusa sexual, uma criança e uma super-heroína, tudo ao mesmo tempo.

que é produzido em torno dessa prática em outros países, muitas vezes tem grande influência e repercussão no Brasil.

Então, ainda que possa haver um entendimento do que é ser mulher, feminina e poderosa diferente nos Estados Unidos e no Brasil, acredito que é possível que uma prática vinda de outros países, traga uma noção de empoderamento para as brasileiras, que por sua vez, irão significar e por em prática esse, baseadas em suas referências e entendimentos do que é ser mulher.

O que me interessa nesse trabalho, é justamente esse entendimento que há no Brasil, porém, acredito que partir do que está as influenciando – visto que as referências que busquei foram indicadas por elas – pode ajudar. Dessa forma, foi possível observar uma ligação sensualidade – feminilidade – poder.

Sterrett coloca que o empoderamento pode ocorrer nas esferas: espiritual, política, social e econômica. Ela coloca como está acontecendo o empoderamento das *pole dancers* nessas esferas: economicamente, elas estão abrindo seus próprios negócios e campeonatos, construindo um nicho de mercado e ganhando e gastando dinheiro com isso; politicamente, estão redefinindo o que é um comportamento sexual adequado, reivindicando suas posições como atleta e seus direitos e liberdades de expressar sua sexualidade sem serem condenadas por isso; socialmente, estão construindo uma rede de relacionamentos, que inclusive permite que explorem sua feminilidade e aceitem sua sexualidade; e espiritualmente, estão se conectando com um feminino interior.

O que me interessa no texto dela é a percepção de que essa possível sensualidade atrelada ao pole dance pode trazer uma liberdade de expressão da sexualidade. Mais uma vez reforço que como isso ocorre e o que significa nos Estados Unidos e no Brasil pode ser diferente, porém, os movimentos vão em um mesmo sentido. De alguma forma, pelo que tenho observado, o poder que o pole dance traz as mulheres está bastante relacionado a uma aceitação do corpo e da sexualidade, justamente uma espécie de liberdade.

Aline Ribeiro (2015) em sua dissertação sobre a Marcha das Vadias do Rio de Janeiro coloca os argumentos das organizadoras da marcha sobre a possível presença (ou não) de homens na organização. Nesse contexto, para algumas dessas mulheres, o fato dos homens terem sido criados com maiores estímulos para falar em público que as mulheres, pode dificultar o empoderamento das mulheres, uma vez que a fala dos homens pode acabar tomando mais espaço que a das mulheres. A autora traz em nota então o entendimento dessas:

“Empoderamento é uma categoria utilizada de forma recorrente na Marcha das Vadias. Seu significado tem relação ter poder ou se livrar das amarras que o machismo impõe. Um exemplo de seu uso está nesta fala de uma organizadora durante uma das reuniões: "*Estou abismada de ouvir de mulheres empoderadas que elas têm que ter medo de sair na rua, a marcha tem que estar na rua e enfrentar qualquer repressão*". (p.48)

Em outro momento de sua dissertação, ela traz outro conceito de empoderamento, desenvolvido pela socióloga Maria da Glória Gohn. Nesse momento, Ribeiro coloca por que a Marcha das Vadias pode ser entendida como movimento social, uma vez busca dar visibilidade a grupos hostilizados, como mulheres e pessoas LGBTQTT:

“Os movimentos sociais agem no sentido de promover o empoderamento de determinados atores, ou nas palavras da autora, *empowerment*. “Eles criam identidades para grupos antes dispersos e desorganizados (...) projetam em seus participantes sentimentos de pertencimento social. Aqueles que eram excluídos de algo passam a sentir-se incluídos em algum tipo de ação de um grupo ativo” (GOHN, 2010, p.15).” (Ribeiro, 2015, p. 111)

Dessa forma, entendo que as mulheres que organizam a Marcha das Vadias estão lutando contra o machismo, e que quando essas conseguem se livrar das regras que esse as impõe, são consideradas empoderadas. Ao mesmo tempo é possível pensar como esse empoderamento está relacionado a um sentimento de pertencimento e identidade de pessoas que antes eram excluídas socialmente em alguma instância, assim como as mulheres no caso apresentado.

Ainda que o pole dance não seja um movimento social, nem uma organização política, é possível concordar com Sterrett e encontrar nessa prática um movimento de crescimento da força política e social dessas mulheres. O empoderamento trazido pelo pole dance parece despertar essas questões sem que seja preciso necessariamente explicitar uma posição política.

Durante o tempo em que fiz trabalho de campo, encontrei algumas mulheres que explicitavam uma posição feminista, especialmente no *facebook*. Mas, posso dizer que a maioria delas, nunca deixou explícito para mim nenhuma posição política que envolvesse direito das mulheres. Porém, ainda que não haja essa explicitação – ou talvez nem haja um posicionamento ou intenção – político, de alguma forma é possível

pensar a prática do pole dance como um ato político, uma vez que ele busca uma reorganização dos entendimentos dos possíveis usos do corpo da mulher e da posição desse na sociedade.

Obviamente, é preciso deixar claro aqui que não é possível generalizar e falar em sociedade brasileira e mulheres brasileiras, mas penso aqui no público em que essa prática atinge: mulheres de 18 a 60 anos, de classe média ou alta⁶⁵. E quando falo em sociedade, tento buscar a visão que elas mesmas têm de como são vistas por essa “sociedade”.

Dessa forma, procurei ao longo desse capítulo, construir interpretações sobre como se formam identidades de gênero dentro desse grupo e como essas estão sendo articuladas. Portanto, busquei analisar como as identidades parecem estar sendo construídas em relação ao que é pressuposto – às vezes por elas mesmas – sobre uma praticante de pole dance.

⁶⁵ Falo aqui especificamente do grupo que encontrei e tive acesso aos discursos. Existem homens e mulheres de outras faixas que praticam o pole, porém não tive contato com esses grupos. Além disso, falo baseada no que observei ser a maioria das pessoas que procuram a prática com diferentes fins.

5. Considerações finais

Considero que meu trabalho de campo foi realizado entre maio de 2013 e outubro de 2015. Porém, meu contato mais intenso e próximo do pole dance, se deu durante o período em que fui aluna e frequentei o estúdio, de maio de 2013 a junho de 2014. Durante o período em que estive afastada de todas as atividades acadêmicas por motivos de saúde, – cerca de oito meses – meu contato, mesmo via redes sociais, ficou bastante comprometido, sendo retomado no ano de 2015 apenas através dos meios digitais.

Devido a todos os transtornos pessoais e da própria pesquisa – que acredito que todo antropólogo tenha os seus – essa dissertação encontrou alguns limites. Incontáveis dores, machucados, roxos, quedas, quatro lesões que me levaram a médicos, hospitais, sessões de fisioterapia e diversos remédios me fizeram criar uma empatia por todas aquelas praticantes e tentar analisar e interpretar o que era importante para aquelas mulheres e trazer para o texto juntamente com a teoria antropológica.

Ao longo do texto procurei construir uma lógica envolvendo as perspectivas esportiva e sensual do pole dance e como elas se cruzam e fazem sentido em diálogo uma com a outra. Partii de uma apresentação da origem e da história da prática no mundo e no Brasil, de uma premissa erótica para finalizar o terceiro capítulo tentando entender como essa sensualidade ou até erotização é um ponto crucial da prática. Interpretei que, de certa forma, essa dimensão sensual é justamente o que possibilitou a expansão do pole dance, uma vez que é o que dá o poder as suas praticantes.

Sendo assim construí três capítulos tentando desenvolver um pouco do que percebi como corporalidade e identidades de gênero nesse espaço. Busquei entender de onde e como partiu essa prática, e de que forma era compreendida principalmente em seu início no Brasil. Pensei as corporalidades partindo das dores e marcas e o discurso acerca dessas, além de pensar uma agência dos objetos relacionados com a noção de esporte e de sensualidade presentes no pole. E finalmente tentei construir interpretações sobre as identidades de gênero no pole. É importante perceber que corporalidade e identidade de gênero aparecem em constante diálogo, uma vez que as marcas e objetos aparecem em uma dinâmica de significados em torno de valores do esporte e da sensualidade envolvidos. E através do texto tentei argumentar como – e se é – possível

que essas duas perspectivas (esportiva e sensual) dialoguem e – de certa forma – se complementem.

Parece um paradoxo a princípio. Há uma vertente buscando uma desportivização que tenta se livrar de qualquer estereótipo sensualizado, ao mesmo tempo em que a sensualidade é justamente o que traz muitas mulheres para a prática e as empodera. Mas, as próprias *pole dancers* estão o tempo todo questionando a presença ou não da sensualidade, do corpo que pode ou não ser mostrado e/ou evidenciado, e foi isso que tentei mostrar nessa dissertação.

Logo, muitas das mulheres que praticam o pole dance são mulheres que não necessariamente tem nenhuma ligação com movimentos feministas, mas estão, através de suas práticas e corporalidades, questionando o espaço delas na sociedade através de uma maior conscientização e reivindicação de seus corpos e sexualidades.

Referências

- BARROS, Liza Dumovich. YA HABIBI Crise de vida, afeto e reconfiguração do self religioso na conversão de mulheres ao islã, na Mesquita da Luz. Dissertação de Mestrado. Niterói: UFF, 2012.
- BARTH, Fredrik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria prática. In: Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, 1983a.
- BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983b.
- BOURDIEU, Pierre. Lições de aula. São Paulo: Ática, 2001.
- BUTLER, Problemas de gênero. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- DOUGLAS, Mary. Pureza e perigo. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. A busca da excitação. Lisboa: DIFEL, 1992.
- ELIAS, Norbert. O processo civilizador, volume I: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. 'Ser afetado'. In: Cadernos de Campo, ano 14 número 13, pg. 155-161 2005.
- FONSECA, Ingrid. Sociabilidades em um Clube de Malha: Perspectivas antropológicas sobre jogo, masculinidade e envelhecimento. Tese de doutorado. Niterói: UFF, 2015.
- FREIRE, Letícia Luna. Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica. Comum (FACHA), v. 11, p. 46-65, 2006.
- GAY, Peter. Experiências burguesas, III: Mensur – a acariciada cicatriz. In: O cultivo do ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GEERTZ, “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”. _____. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GELL, Alfred. Art and agency. An anthropological theory. Oxford: Clarendon Press, 1998.
- GREGORI, Maria Filomena. Erotismo, mercado e gênero: uma etnografia dos sex shops de São Paulo. Cadernos Pagu (38). Campinas: 2012.
- GRILLO, Carolina Christoph. Coisas da Vida no Crime: tráfico e roubo em favelas cariocas. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PPGSA/IFCS/UFRJ, 2013

- GUPTA, Akhil and James Ferguson, eds. *Anthropological Locations: Boundaries and Grounds of a Field Science*. Berkeley: University of California Press, 1997.
- HABERMAS, Jurgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2005.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- KNIJNIK, Jorge Dorfman. *A mulher brasileira e o esporte: seu corpo, sua história*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2003.
- LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LATOUR, Bruno. *Reensamblar lo social: una introducción a la teoría del actor-red*. Buenos Aires: Manantial, 2008.
- LE BOT, Jean Michel. *À propos de l'identité bretonne*. Halshs, 2012.
- LE BRETON, David. *Antropología del dolor*. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1999
- LEAL, Isis. *Construindo um velejador: relações de corporalidade, gênero e transmissão familiar do esporte entre atletas da classe Optimist*. Monografia de conclusão de graduação em Ciências Sociais. Niterói: UFF, 2013
- MALINOWSKI, B "Introdução - Tema, método e objetivo desta pesquisa". _____. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. Ed. Abril Cultural, São Paulo, 1978.
- MAUSS, Marcel. *As técnicas corporais*. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MENDONÇA, Sara. *Mudando a forma de nascer: agência e construções de verdades entre ativistas pela humanização do parto*. Dissertação de mestrado. Niterói: UFF, 2013.
- MORA, Ana Sabrina. *Entre las zapatillas de punta y los pies descalzos*. In: *Cuerposplurales*. Buenos Aires: Biblos, 2010
- OLIVEIRA, Vania Aparecida Rezende de. *Mudança estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Cadernos Ebape, 2010 (Resenha Bibliográfica).
- PACHECO, Leonardo Turchi. *Corpo, envelhecimento e desengajamento esportivo: notas sobre o voleibol de alto rendimento*. In: *X Reunião de Antropologia do Mercosul*, Universidad Nacional de Córdoba, Córdoba. CD-ROM, 2013.
- RAMOS, Jair. *Subjetivação e poder no ciberespaço: da experimentação a convergência identitária na era das redes sociais*. Natal: Vivência: Revista antropológica, n. 45, 2015.

Regras e Regulamentos para Campeonatos Nacionais. Liga Brasileira de Pole Sport, 2015.

Regulamento do 5º Campeonato Brasileiro de Pole Dance: Miss Pole Dance Brasil, 2013.

Regulamento do Miss Pole Dance Glamour – Internacional, 2014.

RIBEIRO, Aline. Nossa bandeira é nosso peito: gênero, corporalidade e política na Marcha das Vadias do Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado. Niterói: UFF, 2015.

ROJO, Luiz Fernando. Nus de corpo e alma. In: Vivendo “nu” paraíso: comunidade, corpo e amizade na colina do sol. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UERJ, 2005.

_____. Borrando los sexos, creando los géneros: Construcción de identidades de género em los deportes ecuestres en Montevideo y Río de Janeiro. Vibrant n.6 v.2., 2009.

_____. Gêneros ao mar. Comunicação oral apresentada em reunião do Núcleo de Estudos sobre Corpo e Gênero (NECGen/UFF) em 19 de maio de 2014.

RUI, Taniele Cristina. Corpos abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack. Tese de doutorado. São Paulo: IFCH/ Unicamp, 2012.

SARTI, Cynthia. A. A dor, o indivíduo e a cultura. Saúde e Sociedade, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 3-13, 2001.

SENNETT, Richard. The fall of public man. New York: Penguin books, 2002 (versão para Kindle)

SILVA, Alan. “Limites” corporais e risco à saúde na musculação: etnografia comparativa entre duas academias de ginástica cariocas. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.

STERRETT, Claire. Pole Story: Essays on the Power of Erotic Dance. 2008 (versão para Kindle)

VALE DE ALMEIDA, Miguel. Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de século, 1995.

WACQUANT, Loic. Os três corpos do lutador profissional. In: A dominação masculina revisitada. In: LINS, Daniel. A dominação masculina revisitada. Campinas: Papyrus, 1998.

_____. Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

Sites consultados

<http://blog.poledancejoinville.com.br/p/historia-do-pole-dance.html>

<http://divaspoledancestudio.com.br/Hist%C3%B3ria.html>

<http://duascaras.globo.com/Novela/Duascaras/Personagens/0,,PS1719-9178,00.html>

<http://home.studiograzzybrugner.com.br/>

<http://www.arnoldclassicbrasil.com.br/pt/c/pole-dance>

<http://www.cbpoledance.com.br/>

<http://www.misspoledanceglamour.com.br/>

<http://www.poledancebrasil.com.br/pole-dance-a-historia/>

<http://www.polesports.com.br>

<http://www.sfactor.com/>

Anexo 1⁶⁶

“2.2. Categorias de Elite

2.6.1. As seguintes categorias de Elite serão incluídas no Campeonato Brasileiro de Pole Sports:

- Jovens (Novatos e Juniors) Misto – de 10 a 17 anos.
- Veteranas (Seniors) Feminino - de 18 a 39 anos.
- Veteranos (Seniors) Masculino - de 18 a 39 anos.
- Masters Misto – a partir de 40 anos.
- Duplas Misto – idade livre

2.6.1. As categorias Individuais de Elite (Jovens, Veteranos e Masters) se subdividem em Elite e Profissional, de acordo com a pontuação dos movimentos obrigatórios escolhidos pelo/a atleta. Favor solicitar o Código de Pontos para maiores informações sobre a divisão das Categorias.

2.6.1. Categorias mistas são categorias onde homens e mulheres competem juntos.

2.6.1. Categorias mistas serão divididas em categorias específicas de acordo com o gênero se mais de cinco atletas de cada gênero se inscreverem.

2.3. Categorias Amadoras

2.3.1. As seguintes categorias Amadoras serão incluídas no Campeonato Brasileiro de Pole Sports:

- Veteranas (Seniors) Feminino - de 18 a 39 anos.
- Veteranos (Seniors) Masculino - de 18 a 39 anos.
- Masters Misto - a partir de 40 anos.

2.3.2. Categorias mistas são categorias onde homens e mulheres competem juntos.

⁶⁶ Retirado de Regras e Regulamentos para Campeonatos Nacionais, 2015.

2.3.3. Categorias mistas serão divididas em categorias específicas de acordo com o gênero se mais de cinco atletas de cada gênero se inscreverem.

4 2.4. Divisão das Categorias por Idade

- Novatos - 10 – 14*
- Junior - 15 – 17*
- Veteranos (Seniors) - 18 – 39
- Masters - 40 +
- Masters - 50 +
- Duplas – idade aberta

* Novatos e Juniors compõem a categoria Jovens. No Campeonato Brasileiro de Pole Sports haverá apenas uma categoria Jovens, composta por todos os atletas Novatos e atletas Junior. As regras de arbitragem para a categoria Jovem serão as regras aplicadas para Novatos, conforme descrito no Código de Pontos. Independente da faixa etária do atleta, todos os atletas entre 10 e 17 anos irão competir de acordo com as regras de arbitragem para Novatos.

** Masters 40+ e Masters 50+ compõem a categoria Masters. No Campeonato Brasileiro de Pole Sports haverá apenas uma categoria Masters, composta por todos os atletas Masters 40+ e Masters 50+. As regras de arbitragem para a categoria Masters serão as regras aplicadas para Masters 40+, conforme descrito no Código de Pontos. Independente da faixa etária do atleta, todos os atletas acima de 39 anos irão competir de acordo com as regras de arbitragem para Masters 40+.

2.5. Restrições por Categoria

2.5.1. Amadores:

Atletas que possuem pouca experiência e que sejam capazes de escolher apenas movimentos com valores de pontuação técnica mais baixos, podem se inscrever na categoria Amadora.

Nenhum atleta poderá se inscrever na categoria amadora caso:

- Tenha competido em categorias Profissional ou Elite em anos anteriores em qualquer competição nacional e/ou

- Se classificou em um dos três primeiros lugares em Categoria Amadora em campeonato nacional e/ou
- É um instrutor ou foi instrutor de pole sports/pole dance.
- Competiu em qualquer competição internacional do mundo (nas categorias avançadas em caso de divisão entre Profissional ou Elite).
- Amadores devem realizar 3 movimentos de força, 3 movimentos de flexibilidade, 1 giro empole estático, 1 giro em pole giratório.

2.5.2. Profissionais:

Atletas que tenham uma boa experiência e que sejam capazes de realizar movimentos com valores de pontuação técnica mais alta podem se inscrever para competir na categoria Profissional se forem:

- Estudantes intermediários/avançados ou
- Instrutores ou atletas que já foram instrutores e/ou
- Atletas que já competiram em categoria Profissional em anos anteriores em competição nacional e/ou
- Atletas que se classificaram em um dos três primeiros lugares na categoria Amadora.

Nenhum atleta poderá se inscrever na categoria Profissional caso:

- Tenha competido em categoria de Elite em anos anteriores em qualquer competição nacional e/ou
- Se classificou em qualquer competição nacional em um dos três primeiros lugares na categoria Profissional e/ou
- Competiu em qualquer competição internacional (em categorias extremamente avançadas, como por exemplo categoria Elite)
- Profissionais devem realizar 4 movimentos de força, 4 movimentos de flexibilidade, 1 giro em barra estática e 1 giro em barra giratória

5 2.5.3. Elite:

A categoria de Elite é para os melhores atletas, que sejam capazes de escolher movimentos com os valores de pontuação mais altos, que se esforçam para competir com outros dos melhores atletas e que desejam se tornar um representante da equipe nacional do seu país:

- Estudantes avançados ou

- Instrutores ou atletas que já foram instrutores e/o
- Atletas que já competiram em alguma categoria Elite em anos anteriores na competição nacional e/ou
- Atletas que se classificaram em um dos três primeiros lugares na categoria Profissional e/ou
- Atletas que competiram em qualquer competição internacional (em categorias avançadas, como por exemplo: categoria Profissional/Elite).

[...]

3.2. Mudança de Sexo no Esporte A IPSF adotou as orientações, recomendações, regras e regulamentos da Comissão Médica Internacional – Mudança de Sexo no Esporte 2003:

3.2.1. “Deve-se dirigir a qualquer indivíduo que passou por mudança de sexo de masculino para feminino antes da puberdade como meninas ou mulheres” (mulheres). O mesmo se aplica à mulheres que mudaram para homens, que devem ser chamadas de meninos e homens (homens).

3.2.2. Indivíduos que passaram por mudança de sexo de homem para mulher após a puberdade (e o oposto) podem se candidatar a participar nas competições masculinas ou femininas de acordo com as seguintes condições:

- Mudanças anatômicas cirúrgicas já completas, incluindo alterações na genitália externa e gonadectomia.
- Reconhecimento legal de sua mudança de sexo aprovadas pelas autoridades apropriadas.
- Terapia hormonal apropriada para o novo sexo foram administradas de maneira verificável por um tempo suficiente de tempo para minimizar as vantagens relacionadas ao gênero em competições esportivas.
- Na opinião do grupo, a inscrição só é possível após dois anos após a gonadectomia.
- Entende-se que uma avaliação confidencial caso-a-caso será feita.
- Caso o gênero de um atleta que está competindo for questionado, o delegado médico (ou equivalente) do corpo esportivo relevante terá a autoridade para tomar todas as medidas apropriadas para a determinação do gênero de um atleta.”

Anexo 2⁶⁷

2.11. Figurino

O figurino deve ser apropriado para esporte de competição. O figurino deve cobrir toda a pelve e os glúteos para todos os atletas e a região dos seios para mulheres. Os atletas serão penalizados com dedução se não respeitarem as seguintes exigências para figurinos:

2.11.1. Figurino deverá ser de natureza esportiva.

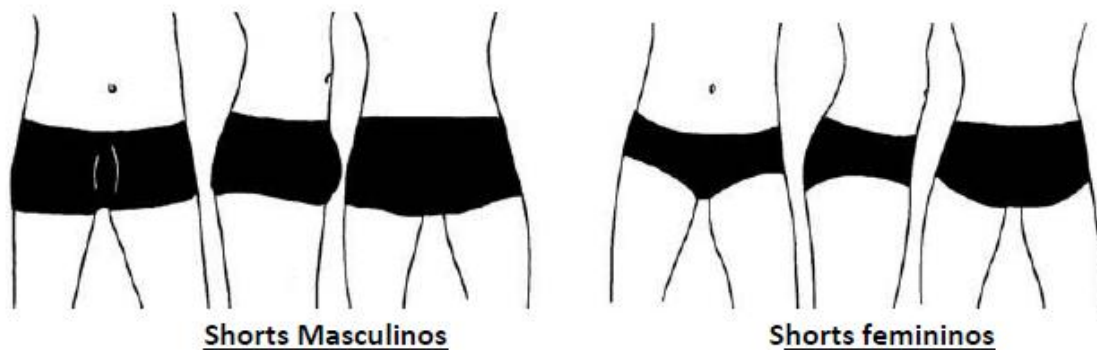
2.11.2. Justos a pele de forma a demonstrar o alinhamento corporal, possibilitando julgamento apropriado pelos árbitros.

2.11.3. Duas peças ou um collant cortado é permitido para todos os atletas; parte de baixo única é permitida apenas para homens.

2.11.4. O top:

- Deve cobrir totalmente os seios das mulheres e não mostrar decote desnecessário. Deve ter alças de pelo menos dez (10) milímetros de largura e deve iniciar a não menos que oitenta (80) milímetros da parte mais baixa da clavícula.
- Colete, top ou peito nu são preferíveis para homens.

2.11.5. O corte do short não pode ser mais alto que a dobra da virilha na frente. Eles devem cobrir totalmente as nádegas.



- Shorts devem ser shorts esportivos, collants ou bermudas esportivas que são apropriadas para esportes de competição.
- Os shorts masculinos devem cobrir totalmente o meio das nádegas (“cofrinho” deve estar coberto).
- É permitido o uso de saia para mulheres desde que não seja menor do que a altura da pelve para que não atrapalhe a trava do atleta na realização de movimentos. A saia deve ficar rente ao quadril e não pode ser rodada, nem abrir. Tutu de ballet ou saias tipo tutu são proibidas.

⁶⁷ Retirado de Regras e Regulamentos para Campeonatos Nacionais, 2015.

2.11.6. Roupas que são utilizadas para aumentar a trava (o grip) para o corpo, mãos e pés são proibidas, exceto com comprovação médica (apresentação de atestado médico).

2.11.7. Todas as decorações devem ser presas ao figurino (não podem ser destacadas) e não é permitido o uso de acessórios. Qualquer acessório que poderá por em risco a segurança e/ou distrair da performance do atleta não são permitidos. Inclua-se: piercings, peças de cabelo soltas, brincos, braceletes, colares e outras jóias e bijuterias. As únicas exceções são munhequeiras ou punhos (como de camisa) justas e presas no punho (não podem estar soltas). Nenhum acessório de pescoço é permitido.

2.11.8. Fitas de cinesiologia (K-Tape) não podem ser usadas, exceto se forem da cor da pele.

2.11.9. Sapatos: o atleta pode se apresentar descalço ou com protetor de sola de pé de ginástica/dança da cor da pele. Saltos, sapatilhas de balé ou sapatos semelhantes não são permitidos.

2.11.10. Figurino não pode incluir:

- Roupas de baixo.
- Roupas de banho ou biquíni.
- Roupas transparentes que não cubra os seios, a pelve e as nádegas.
- Couro, látex, PVC ou borracha.
- Bijuteria de nenhum tipo e espécie, exceto brincos.
- Qualquer coisa que atrapalhe a apresentação ou que possa ser considerado um risco à saúde e à segurança.
- Pintura corporal ou óleo em qualquer parte do corpo. Maquiagem e embelezamentos podem ser usados no rosto.
- Acessórios tais como chapéus, bengalas e qualquer coisa que não esteja costurada ao figurino, com exceção de munhequeiras ou punhos (como punhos de camisa).

2.11.11. Exigências adicionais:

- Figurinos podem incluir *strasses*, pedras e brilhos; franjas devem ser mantidas no mínimo possível.
- Decorações na categoria Jovem (Novatos e Juniors) devem ser adequadas à idade e ao figurino.

2.11.12. É expressamente proibido se apresentar em qualquer figurino que não seja figurino esportivo. Os figurinos não podem ser removidos intencionalmente. Falha ao cumprir estas regras levam à desclassificação do atleta.

2.11.13. Figurinos não podem ter logos. As logos dos patrocinadores não podem ser utilizadas durante a competição.

Anexo 3

Do We Need to Bring the Sexy Back? June 30, 2012

A.m. Davies at JCR

Dancing at Jumbo's Clown Room in Hollywood is one of my favorite things to do. It is a carefree, fun environment with so much hidden talent. Every now and then, professional pole dancers come in to visit me and watch some real, raw pole dancing, contortion, or just some awesome dancing. Last night, I was lucky enough to have a large group of pole dancers come in and show their support, including Nadia Shariff, Amy Guion, Leigh Ann Reilly, Alethea Austin and Cleo "The Hurricane" from Australia.

It blew me away how much they loved watching all of us dance, because, with out shame, we are sexy and little bit raunchy, in a good way, and unabashedly erotic at times. In the midst of all the excitement and craziness, I found myself tucked away in a corner with the one and only Alethea Austin. I felt privileged to be able to have an intimate moment with one of the most revered pole dancers in our industry. We talked about her life for the past three years, how she feels about traveling for all of them, and where she would like to see herself next. But, what stood out the most to me, was her thoughts on "the sexy" slowly slipping out of our grasp within the professional walls of pole dancing. She expressed her concern, and to be quite honest opened my eyes quite a bit.

Sometimes, perhaps we get so wrapped up in the growth of pole and the determination to get farther faster, that we forget why we all started, or kept going or became interested in the first place. Pole dancing is an art form and is a wonderful way to express sensuality and sexuality. Do we need to remind ourselves of that? Being sexy never goes out of style and perfecting it in dance form can take years, but learning a handspring may only take 2 months.

Alethea made a good point, pole dancing used to be edgier, and due to that, the growth of our industry spiked. Since we have become more "professional", we are seeing a bit of a plateau. This is coming from a person who has been selling workshops for three

years straight. She has noticed that the same people now are buying workshops and products, and that the growth spike has subsided. Are we at risk of losing our Mystique as Miss Austin put it? If so, what should we do about it? The thought is, that new students are coming in to pole studios, taking classes to learn tons of tricks, getting injured and losing interest. If you look at S Factor, they mostly only focus on being sexy and getting in touch with your inner woman. Body and Pole in New York work a lot with their students on the dance and the understanding of your body and it's movement. With me, my most popular workshop is my "Sensual Movement" class. It sells out the quickest and is asked about the most. The universe is sending us a message, "Bring the sexy back!"

I thought of an idea, and I'm just going to put it out there. What if we pick a week and we all make and post a sexy pole dance video, with no holds barred? Would anyone be interested in flooding youtube with "Bringing Sexy Back" videos? Comment on this article on our twitter account, twitter.com/UPArtists or on our facebook, facebook.com/UPArtists.com. You can also e-mail us at info@unitedpoleartists.com.

Let's do this! I think it would be fun! Thank you, Alethea, for always reminding us what pole dancing is all about, expressing our selves and showing the world that we are sexy. Forget about the stigma, that will always be an issue. But, only if you let it be. Knowing who you are and what you do is mostly what matters. My philosophy is, if they can't handle it, it's because they are scared. UPA just recently had t-shirts made that say "A true Pole'r Bear: Embraces transformation with purity of spirit...fearless". Are you a true Pole'r Bear? I bet you are, you sexy beast. :)